



ACADEMIA MILITAR

A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano: o Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças - Caso de Estudo dos Batalhões de Infantaria Paraquedista

Autor: Aspirante de Infantaria João Manuel Delgado Ribeiro

Orientador: Professor Doutor José Silvestre Serra Silva

Coorientador: Major de Infantaria Hugo Rodrigo Paulino Silvano Brigas

Mestrado Integrado de Ciências Militares, na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023



ACADEMIA MILITAR

A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano: o Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças - Caso de Estudo dos Batalhões de Infantaria Paraquedista

Autor: Aspirante de Infantaria João Manuel Delgado Ribeiro

Orientador: Professor Doutor José Silvestre Serra Silva

Coorientador: Major de Infantaria Hugo Rodrigo Paulino Silvano Brigas

**Mestrado Integrado de Ciências Militares, na Especialidade de Infantaria
Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, maio de 2023**

EPÍGRAFE

*“Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.”*

Fernando Pessoa

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, à minha irmã, aos meus avós, a toda a minha família, à minha namorada e
aos meus amigos.

A concretização deste sonho que tenho desde que de mim me lembro, devo a vós, que me
apoiaram de forma incondicional.

AGRADECIMENTOS

Este Trabalho de Investigação Aplicada representa o culminar de todo o trabalho, dedicação e esforço investidos durante estes últimos cinco anos, enquanto aluno da Academia Militar, nobre instituição, e o concretizar de um sonho, o de ser Oficial de Infantaria do Exército Português. Esta minha jornada que se iniciou quando vesti pela primeira vez, no Regimento de Paraquedistas, a farda que procuro honrar e dignificar todos os dias, não seria a mesma sem as pessoas que me acompanharam, incentivaram a ser melhor e me ajudaram a superar todos os desafios. Deste modo, neste breve texto, agradeço a todos os que contribuíram para a minha formação, como pessoa e como militar.

Ao meu Orientador, Professor Doutor José Silvestre Serra Silva, pela disponibilidade e ajuda ao longo de todo o processo de desenvolvimento desta investigação, e pelo rigor nas correções feitas, permitindo-me atingir os objetivos propostos.

Ao meu Coorientador, Major de Infantaria Hugo Silvano Brigas, pela sua orientação e disponibilidade, e por toda a experiência e aconselhamento que me prestou. A sua orientação inicial e sempre que por mim solicitada, mesmo sobrecarregado com outras tarefas, foi fundamental para a conclusão desta investigação.

Uma palavra de apreço ao Tenente-Coronel de Infantaria, João Lopes Polho, pelos ensinamentos, pela experiência passada, e pela vinculação dos valores da Arma de Infantaria, durante o exercício das suas funções na condição de Diretor de Curso do 4^a Ano de Infantaria.

Ao Tenente-Coronel Cancela, ao Major Costa e ao Major Morgado, ao Capitão Reuniutsau e ao Capitão Santos, ao Tenente Mota, Tenente Francisco e ao Tenente Viana Lopes, pela sua disponibilidade em responder às entrevistas, e por todos os conhecimentos e experiências partilhadas.

Aos meus pais, à minha irmã, e à minha namorada, por terem sempre estado do meu lado e por me terem permitido seguir o meu sonho. Aos meus avós, uma palavra muito especial, pois sempre acreditaram em mim. À minha família e aos meus amigos, trago-vos sempre comigo e agradeço-vos por tudo. Aos bravos Infantes, do meu curso, obrigado por todo o apoio e pelas inesquecíveis memórias partilhadas.

A todos, um sincero e humilde obrigado! Sem vós, não estaria onde estou.

João Manuel Delgado Ribeiro

RESUMO

Esta investigação, subordinada ao tema “A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano – O Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças. Caso de Estudo: Batalhões de Infantaria Paraquedista”, e tem como objetivo aferir se o processo de formação e treino de Combate em Ambiente Urbano, das Praças Paraquedistas, prepara estes militares para atuar em contexto real, integrando uma Força Nacional Destacada. Simultaneamente, objetiva-se analisar todo o processo de formação e treino, com o intuito de identificar em que momento do seu percurso militar, as Praças dominam as técnicas e capacidades fulcrais e estão aptas a combater num Teatro de Operações onde se realizem tarefas e operações de Combate em Ambiente Urbano. Esta temática assume-se como preponderante, visto que nos atuais Teatros de Operações em que as Tropas Paraquedistas se encontram, como o da República Centro-Africana, o Combate em Ambiente Urbano está bem presente.

Com o intuito de alcançar os objetivos definidos, adotou-se uma metodologia que segue o método indutivo, estratégia de investigação mista, e como desenho da pesquisa utilizou-se o método do estudo de caso. As fontes de recolha de dados envolvem a análise documental, a realização de 8 entrevistas e de um questionário, ao qual se obtiveram 79 respostas, e observação direta. O trabalho de campo, relacionado com a observação direta, realizou-se durante uma semana, na Escola das Armas, durante a semana de treino de Combate em Ambiente Urbano do Curso de Paraquedistas 01/23.

Os resultados obtidos permitiram concluir que o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, considerando-o desde o momento em que concluem o Curso de Paraquedistas, passando pelo treino operacional nos Batalhões de Infantaria Paraquedista, aprontamentos e realização de missões internacionais, e culminando com o término do seu contrato, está bem estruturado e prepara estes militares para atuar em operações e realizar tarefas de Combate em Ambiente Urbano. Contudo, é necessário implementar algumas soluções para melhorar este processo, face às lacunas identificadas, como dedicar mais tempo ao treino de Combate em Ambiente Urbano durante a formação inicial. Conclui-se, também, que as Praças Paraquedistas estão aptas a combater em Ambiente Urbano assim que concluem o aprontamento para qualquer Teatro de Operações.

Palavras-chave: Combate em Ambiente Urbano; Treino; Formação; Tropas Paraquedistas; Categoria de Praças.

ABSTRACT

This investigation, under the theme "The Role of Infantry Paratrooper Units in Urban Combat - The Training and Skill Acquisition Process for Enlisted Personnel. Case of Study: Paratrooper Infantry Battalions," aims to assess whether the training and urban combat preparation process, for enlisted paratroopers, adequately prepares them to operate in real contexts as part of a Deployed National Force. Simultaneously, the objective is to analyze the entire training process to identify at what point in their military career the enlisted personnel master crucial techniques and capabilities, becoming proficient in combat operations in urban environments. This topic is of utmost importance given the current theaters of operation where Paratrooper Units are deployed, such as the Central African Republic, where urban combat is prevalent.

To achieve the defined objectives, an inductive methodology was adopted, employing a mixed research strategy, and a case study research design. Data collection sources included document analysis, conducting 8 interviews and a questionnaire that received 79 responses, as well as direct observation. The fieldwork, related to direct observation, took place over one week at Mafra during the urban combat training week of the Paratrooper Course 01/23.

The obtained results allowed us to conclude that the training and preparation process for enlisted Paratroopers, starting from the moment they complete the Paratrooper Course, followed by operational training in Paratrooper Infantry Battalions, readiness exercises, and international missions, and culminating with the end of their contract, is well-structured and prepares these military personnel to engage in operations and perform tasks in urban combat environments. However, it is necessary to implement some solutions to improve this process based on the identified gaps, such as dedicating more time to urban combat training during the initial training phase. It is also concluded that enlisted Paratroopers are ready to engage in urban combat as soon as they complete the readiness exercises for deployment to a specific theater of operation.

Keywords: Urban Combat; Training; Military training; Paratrooper Units; Enlisted Personnel.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE DE FIGURAS	viii
ÍNDICE DE QUADROS	x
ÍNDICE DE TABELAS	xi
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xiii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	5
1.1. Enquadramento Histórico	5
1.2. Combate em Ambiente Urbano	6
1.2.1. Características do Combate em Ambiente Urbano	9
1.2.2. Princípios do Combate em Ambiente Urbano.....	13
1.3. Importância do Combate em Ambiente Urbano – Conflitos atuais.....	15
1.4. Vetores doutrina, formação, treino e infraestruturas	16
1.4.1. Doutrina.....	17
1.4.2. Formação	17
1.4.3. Treino	18
1.4.4. Infraestruturas.....	19
CAPÍTULO 2 – TROPAS PARAQUEDISTAS E O COMBATE EM AMBIENTE URBANO.....	20
2.1. Regimento de Paraquedistas	20

2.1.1. Curso Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPPE).....	21
2.1.2. Curso de Paraquedistas	22
2.2. Os Batalhões de Infantaria Paraquedista	23
2.2.1. Treino Operacional	23
2.3. Infraestruturas de Treino.....	24
2.4. Emprego Operacional	25
2.4.1. Teatros de Operações	25
2.4.2. Integração numa Força Nacional Destacada (FND)	25
PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E TRABALHO DE CAMPO	27
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS	27
3.1. Tipo de abordagem	27
3.2. Modelo de Análise	28
3.3. Métodos e técnicas de recolha de dados	29
3.4. Procedimentos de amostragem	31
3.5. Técnicas de tratamento e análise de dados	32
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
4.1. Formação no Regimento de Paraquedistas	34
4.2. Formação e Treino nos Batalhões de Infantaria Paraquedista	37
4.3. Processo de Formação e Treino em CAU das Praças Paraquedistas	41
4.4. Fragilidades na formação em CAU.....	43
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	45
BIBLIOGRAFIA	51
APÊNDICES	I
ANEXOS	LII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - A tríade urbana.....	9
Figura 2 - Ambiente Urbano.....	12
Figura 3 - Relação entre os vetores doutrina, formação e treino	17
Figura 4 - Posto das Praças Inquiridas (Questão 1).....	XVIII
Figura 5 - Unidade em que as Praças inquiridas prestam/prestaram serviço (Questão 2)	XVIII
Figura 6 - Ano de Conclusão do Curso de Paraquedista das Praças Inquiridas (Questão 3)	XIX
Figura 7 - Tempo de Colocação nos BIPara (Questão 4).....	XIX
Figura 8 - Praças Paraquedistas que Realizaram Missões Internacionais (Questão 5)	XIX
Figura 9 - Quantidade de Missões Realizadas (Questão 6).....	XX
Figura 10 - Aplicação de Técnicas e Conhecimentos de CAU em Missões Internacionais (Questão 7)	XX
Figura 11 - Tempo Dedicado ao CAU durante o Curso de Paraquedistas (Questão 8)	XX
Figura 12 - Aptidão para Integrar uma FND, após término do Curso de Paraquedistas, considerando as técnicas de CAU aprendidas no curso (Questão 9).....	XXI
Figura 13 - Proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução de técnicas imediatamente após o término do Curso de Paraquedistas (Questão 10).....	XXI
Figura 14 - Classificação do nível de capacidades de CAU após o término do seu Curso de Paraquedistas (Questão 11)	XXII
Figura 15 - Proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução de técnicas de CAU aquando colocado num dos BIPara, sem ter realizado nenhuma missão (Questão 12)...	XXII
Figura 16 - Classificação do nível de capacidades de CAU aquando colocado num dos BIPara, sem ter realizado nenhuma missão (Questão 13)	XXIII
Figura 17 - Proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução de técnicas de CAU no momento final do percurso militar estando, ou tendo estado, colocado num dos BIPara e já tinha realizado missões (Questão 14)	XXIII
Figura 18 - Classificação do nível de capacidades de CAU no momento final do percurso militar estando, ou tendo estado, colocado num dos BIPara e já tinha realizado missões (Questão 15)	XXIV
Figura 19 - Considerações quanto ao processo de formação em CAU das Praças Paraquedistas (Questão 16)	XXIV

Figura 20 - Classificação das infraestruturas utilizadas pelos Paraquedistas para o treino de CAU (Questão 17).....	XXV
Figura 21 - Sugestões para melhorar a formação de CAU nos Paraquedistas (Questão 18)	XXV
Figura 22 - Instruendos do Curso de Paraquedistas 01/23 a treinar métodos de limpeza de compartimentos	XXVI
Figura 23 - Instruendos do Curso de Paraquedistas 01/23 a realizar o assalto a um edifício	XXVI
Figura 25 - Instruendos do Curso de Paraquedistas a treinar métodos de entrada em edifícios	XXVI
Figura 24 - Instrução do Curso de Paraquedistas 01/23 de métodos entrada em edifícios	XXVI
Figura 26 - Classificação feita pelos Oficiais relativamente às técnicas e capacidades de CAU adquiridas por uma Praça Paraquedista, quando termina a sua formação inicial e o Curso de Paraquedistas.....	XLIX
Figura 27 - Classificação feita pelos Oficiais relativamente às técnicas e capacidades de CAU adquiridas por uma Praça Paraquedista que esteja colocada num BIPara num período entre 1 e 2 anos, e que ainda não realizou nenhuma missão	XLIX
Figura 28 - Classificação feita pelos Oficiais relativamente às técnicas e capacidades de CAU adquiridas por uma Praça Paraquedista no final do tempo de contrato das Praças Paraquedistas, num momento em que estas já realizaram missões	L
Figura 29 - Organigrama do Regimento de Paraquedistas	LIII
Figura 30 - Organigrama do 1BIPara	LIV
Figura 31 - Organigrama do 2BIPara	LV

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Indicadores e Validação durante a Observação do Curso de Paraquedistas 01/23	XXX
Quadro 2 - Análise das Entrevistas Realizadas a Oficiais Paraquedistas.....	XXXI

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação entre a classificação média das Praças e dos Oficiais quanto à proficiência e à-vontade na execução de técnicas de CAU após término do Curso de Paraquedistas	37
Tabela 2 - Comparação entre a classificação média das Praças e dos Oficiais quanto à proficiência e à-vontade na execução de técnicas de CAU quando as Praças estão colocadas nos BIPara, sem terem realizado nenhuma missão.....	39
Tabela 3 - Comparação entre a classificação média das Praças e dos Oficiais quanto à proficiência e à-vontade na execução de técnicas de CAU no final do percurso militar e tendo já realizado missões	40
Tabela 4 - Módulos Curso de Paraquedista	II
Tabela 5 - Instruções de CAU do Curso de Paraquedistas 02/22	III
Tabela 6 - Identificação dos Oficiais Entrevistados	LI

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES

APÊNDICE A - MÓDULOS DO CURSO DE PARAQUEDISTA	II
APÊNDICE B - INSTRUÇÕES DE CAU DO CURSO DE PARAQUEDISTA 02/22.....	III
APÊNDICE C - GUIÃO DAS ENTREVISTAS.....	IV
APÊNDICE D - CARTA DE APRESENTAÇÃO E PREÂMBULO DAS ENTREVISTAS	VIII
APÊNDICE E - ESTRUTURA E ANÁLISE ESTATÍSTICA DO QUESTIONÁRIO.....	X
APÊNDICE F - REGISTO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE PARAQUEDISTAS 01/23	XXVI
APÊNDICE G - NOTAS DE CAMPO	XXVII
APÊNDICE H - INDICADORES E VALIDAÇÃO DURANTE A OBSERVAÇÃO DO CURSO DE PARAQUEDISTAS 01/23	XXX
APÊNDICE I - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	XXXI
APÊNDICE J - IDENTIFICAÇÃO DOS OFICIAIS ENTREVISTADOS	LI

ANEXOS

ANEXO A - ORGANIGRAMA DO REGIMENTO DE PARAQUEDISTAS	LIII
ANEXO B - ORGANIGRAMA DO 1º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA	LIV
ANEXO C - ORGANIGRAMA DO 2º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA	LV

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

1BIPara	1º Batalhão de Infantaria Paraquedista
2BIPara	2º Batalhão de Infantaria Paraquedista
AE	Área Edificada
AU	Ambiente Urbano
BIPara	Batalhão de Infantaria Paraquedista
BF	Batalhão de Formação
BOAT	Batalhão Operacional Aeroterrestre
CAU	Combate em Ambiente Urbano
CB	Campo de Batalha
CdECAE	Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas
CFGCPE	Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército
Cmdt	Comandante
CP	Combate Próximo
CQB	<i>Close Quarters Battle</i>
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
EM	Estado-Maior
EUA	Estados Unidos da América
EP	Exército Português
FIBUA	<i>Fighting In Build-Up Areas</i>
FM	<i>Field Manual</i>
FND	Forças Nacionais Destacadas
FRI	Força de Reação Imediata
IB	Instrução Básica
IC	Instrução Complementar
II GM	II Guerra Mundial
IUM	Instituto Universitário Militar
MDN	Ministério da Defesa Nacional
MINUSCA	<i>United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic</i>
MOUT	<i>Military Operations in Urbanized Terrain</i>

NATO	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
OE	O bjetivos E speíficos
OG	O bjetivo G eral
PD	P erguntas D erivadas
PDE	P ublicação D outrinária do E xército
PP	P ergunta de P artida
PRC	P otencial R elativo de C ombate
QRF	<i>Quick Reaction Force</i>
RCA	R epública C entro- A fricana
RCAAP	R epositórios C ientíficos de A cesso A berto de P ortugal
RPara	R egimento de P araquedistas
RE	R egras de E mpenhamento
SIE	S istema de I nstrução do E xército
TIA	T rabalho de I nvestigação A plicada
TIC	T écnica I ndividual de C ombate
TO	T eatros de O perações
TTP	T écnicas, T áticas e P rocedimentos
UO	<i>Urban Operations</i>
VD	V etor de D esenvolvimento

INTRODUÇÃO

O respetivo Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), intitulado “A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano – O Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças. Caso de Estudo: Batalhões de Infantaria Paraquedista”, é parte integrante do ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Infantaria, da Academia Militar. A elaboração deste decorreu durante o Tirocínio para Oficiais.

Nesta investigação abordou-se a secção de atiradores no Combate em Ambiente Urbano (CAU), identificando as suas fragilidades nesta tipologia de combate, com o objetivo de mitigar as mesmas, desde logo, na formação inicial das Praças, nomeadamente no contexto do Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPE), orientada para a integração nos Batalhões de Infantaria Paraquedista, e no Curso de Paraquedistas, assim como no processo de aquisição de competências destes militares durante o seu treino operacional ao longo do seu percurso militar, aquando já integrados nos Batalhões. Pretendeu-se entender se as capacidades adquiridas ao longo de todo o processo são suficientes para uma pronta atuação em contexto real, assim como perceber como colmatar as fragilidades, o que é necessário treinar mais e em que áreas é necessário evoluir.

Face à tipologia de combate com a qual, mais frequentemente, se deparam as Forças Nacionais Destacadas (FND) nos diversos Teatros de Operações (TO), nomeadamente o CAU, urge a necessidade de formar prontamente os novos militares que irão integrar estas FND de forma a fazer frente às adversidades e desafios com que se depararão no decorrer das operações a realizar, daqui surgindo a razão pela qual foi escolhido o tema desta investigação.

Desde o ano de 1996, o Exército Português (EP) tem estado empenhado em TO que se caracterizam pela preponderância da atuação em operações de CAU, sendo estes a Bósnia, Kosovo, Iraque, Afeganistão e República Centro Africana (RCA) (Esteves, 2021). Em todos estes TO, estiveram destacadas, como parte integrante das FND, as tropas Paraquedistas. No momento da realização e entrega deste TIA, encontra-se projetada no TO da RCA a 12ª FND, constituída maioritariamente por militares do 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista.

O CAU tem estado presente em diversos conflitos, pelo facto dos centros políticos, económicos e sociais das modernas sociedades serem em áreas urbanas. É nas cidades que existe o maior número de infraestruturas, desde fábricas a centros de informação, centros de transporte e aeroportos, e com o aumento da densidade populacional, aumentará, consequentemente, o alastrar da urbanização (NATO, 2014). Desde a II Guerra Mundial (II GM), foram bastantes as mudanças no mundo, sendo exemplo a acentuada diminuição da população rural e aumento notório da população urbana (Grau & Kipp, 1999), e fazendo uma análise dos conflitos decorridos após a II GM, constata-se que o combate urbano se constitui como sendo grande parte das operações militares de combate do século XXI (James, 2015). O aumento da população e a geografia, levam a que muitos conflitos ocorram em Ambiente Urbano (AU), aumentando a importância do combate neste ambiente. Atualmente, os TO caracterizam-se por um número significativo de áreas urbanas (Gomes da Silva, 2004). O CAU caracteriza-se por ser intensivo e ter associado um elevado risco e desgaste físico e emocional dos militares, apresentando elevado número de baixas (Joint Doctrine, 2013). Resultante da notória perigosidade do CAU, o treino é uma necessidade primordial, e deve-se procurar um treino rigoroso que vise garantir a preparação das forças militares nesta tipologia de combate (Lima, 2021). Tendo em consideração o facto dos atuais conflitos ocorrerem predominantemente em áreas urbanas, torna-se relevante atentar ao contexto atual da formação e do treino de cariz operacional relacionado com o CAU (Medronho, 2013).

Desta forma, é importante delimitar a investigação, que deve ser realizada com base em critérios claros e objetivos, como a relevância para a área de estudo e a disponibilidade de recursos para conduzir a pesquisa (Prodanov & Freitas, 2013). Considerando para as Praças, a importância da boa formação inicial e melhoria constante das capacidades que adquirem inerentes ao CAU, a investigação foi delimitada aos 6 anos correspondentes ao tempo de carreira das Praças Paraquedistas, iniciando no momento de integração no CFGCPE e Curso de Paraquedistas, no Regimento de Paraquedistas, passando pelo período de colocação nos Batalhões de Infantaria Paraquedista e no qual fazem parte integrante de FNDs em TO, concretamente RCA, até ao momento em que deixam as fileiras por cumprimento, total ou parcial, do contrato.

Tendo sido enquadrada a temática, justificada a pertinência do tema e delimitada a investigação, formulou-se o objetivo geral (OG) desta investigação, que segundo Prodanov & Freitas (2013), deve explicar qual a finalidade da pesquisa e aquilo que é pretendido alcançar com a mesma, sendo este **“Apurar se a formação que as Praças Paraquedistas**

recebem ao longo do seu percurso militar é suficiente para atuar num contexto real, integrando uma FND, e identificar em que momento desse percurso os militares se encontram, efetivamente, aptos a combater em TO cuja tipologia de combate é maioritariamente de CAU e dominam as capacidades técnicas essenciais”. Resultante do OG, estabeleceram-se vários objetivos específicos (OE), sendo estes:

- **OE1:** Analisar o processo de formação inicial das Praças Paraquedistas, durante o CFGCPE e o Curso de Paraquedistas, identificar quais as capacidades de CAU que adquiriu durante este processo, e se essas capacidades são suficientes para ser integrado numa FND;
- **OE2:** Analisar o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas quando colocadas nos Batalhões de Infantaria Paraquedista e identificar quais as capacidades de CAU que adquiriu durante este processo, e se essas capacidades são suficientes para ser integrado numa FND;
- **OE3:** Analisar e identificar quais as capacidades de CAU adquiridas pelas Praças, após realizarem missões e estarem perto do término do seu período máximo de cumprimento de serviço;
- **OE4:** Explorar o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, desde que ingressam no Exército até ao momento que ficam efetivamente operacional no âmbito do CAU, visando perceber se este processo está bem montado para preparar as praças paraquedistas para o combate;
- **OE5:** Identificar as lacunas do processo de formação e treino das Praças Paraquedistas ao longo de seu percurso militar.

O objetivo principal ao formular uma questão ou conjunto de questões iniciais num trabalho de pesquisa é estabelecer uma direção clara para recolher informações (Santos et al., 2016). Esta etapa é fundamental para orientar todo o processo de investigação e explorar o assunto em questão de forma eficaz (Quivy & Campenhoudt, 2005). Como tal, é importante que as questões formuladas apresentem qualidades de clareza, ou seja, sejam precisas e facilmente compreensíveis, exequibilidade e pertinência, isto é, que estejam diretamente relacionadas com o tema da investigação (Santos et al., 2016). Posto isto, formulou-se a pergunta de partida (PP) à qual se pretende dar resposta nesta investigação: **Em que momento do processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, ao longo do seu percurso militar, estas se encontram, efetivamente, operacionais e aptas a combater em ambiente urbano?**

Visando alcançar a resposta para a pergunta central, foram elaboradas várias

Perguntas Derivadas (PD):

- **PD1:** São as capacidades e técnicas de CAU que possui uma Praça Paraquedista, aquando termina a sua formação inicial e findado o curso da especialidade, suficientes para ser integrado numa FND?
- **PD2:** São as capacidades e técnicas de CAU que possui uma Praça Paraquedista, aquando colocado num BIPara num período entre um e dois anos, sem ter realizado, ainda, nenhuma missão, suficientes para ser integrado numa FND?
- **PD3:** Quais as capacidades e técnicas adquiridas de CAU por uma Praça Paraquedista no término do seu percurso militar, tendo realizado missões ao abrigo de FNDs?
- **PD4:** Está o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, ao longo do seu percurso militar, bem montado para as preparar para o CAU?
- **PD5:** Quais as lacunas do processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas?
- **PD6:** De que forma se podem mitigar as lacunas alusivas à preparação para o CAU, das Praças Paraquedistas, desde logo na sua formação inicial?

Este TIA apresenta uma estrutura dividida em três partes. A Parte I, intitulada "Enquadramento Teórico", é composta por dois capítulos: (1) Revisão da Literatura e (2) Combate em Ambiente Urbano nas Tropas Paraquedistas. Na Parte II, "Enquadramento Metodológico e Trabalho de Campo", são apresentados os detalhes da abordagem metodológica, modelo de análise, métodos e técnicas de recolha de dados, procedimento de amostragem e técnicas de tratamento e análise de dados. A Parte III, "Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados", é composta por quatro pontos, que analisam a formação no Regimento de Paraquedistas, formação nos Batalhões de Infantaria Paraquedista, processo de Formação e Treino em CAU das Praças Paraquedistas e fragilidades na formação em CAU.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Enquadramento Histórico

Perspetivando uma compreensão melhorada da tipologia de combate em AU, é relevante contextualizar este tema no sentido histórico do mesmo. O CAU é um tema atual, e de acordo com Sliwa (2009), as operações militares que decorrem neste ambiente são o cenário menos desejado pelas forças armadas.

Apesar da atualidade desta tipologia de combate, está presente na história das operações militares. Há mais de 2000 anos, em 500 a.C., Sun Tzu (1910), na sua obra “A Arte da Guerra”, afirmou que a pior política na guerra é atacar cidades. Outros exemplos, e que são eventos marcantes na história por definirem o destino de grandes impérios, são os de Jerusalém, que foi sitiada quatro vezes, de Cartago, em 146 d.C., que foi destruída pelos Romanos, e de Constantinopla, capital Bizantina, sitiada pelos Otomanos em 1453 (Konaev, 2019). Durante os séculos XVI e XVII, no continente Europeu, os conflitos objetivavam, principalmente, na conquista ou na defesa de urbanizações (NATO, 2017).

No século seguinte, nos anos 1805 e 1812, o império Napoleónico conquistou Viena, Berlim e Moscovo após derrotar, em terreno aberto, os exércitos Austríaco, Prussiano e Russo, que optaram por não adotar um cerco prolongado (Konaev, 2019). Napoleão procurava obter o seu sucesso, nas operações ofensivas que conduzia, cercando o inimigo ou derrotando-o numa única batalha decisiva, e, posteriormente, ocupava a cidade (Grau & Bartles, 2022). No caso da vitória francesa sob o Exército Russo, na batalha de Borodino, em que Napoleão conquista a cidade de Moscovo, embora numa batalha que não ocorreu na área urbana mas que implica a ocupação desta após o confronto, mostra que o propósito central da execução da operação é sempre a cidade (DiMarco, 2003).

A II GM representa o ponto de viragem no que toca ao combate em ambiente urbano (Konaev, 2019; Vautravers, 2010). No decorrer deste conflito militar mundial, os exércitos foram forçados a lutar não só pelo controlo das cidades, mas também a lutar nas cidades, e algumas das batalhas mais marcantes ocorreram em Cracóvia, Varsóvia, Canes, Arnhem, Aachen, Budapest e Berlim, contudo, a mais emblemática é a batalha de Estalinegrado (Konaev, 2019). De agosto de 1942 a fevereiro de 1943, as forças Alemãs e

Soviéticas lutaram por Estalinegrado, naquela que foi uma tentativa alemã de sitiá-la a cidade. Contudo, a decisão tomada pelos alemães de tomar Estalinegrado de assalto, ao invés de a evitar ou cercar, levou a um combate urbano de grande intensidade, provocando imensas baixas (Weinberg, 2001).

Depois da II GM, durante a Guerra Fria, as insurgências urbanas foram raras, e as que aconteceram, não obtiveram sucesso. A maioria dos conflitos aconteceram em áreas montanhosas e selvas, na forma de guerrilha ou insurgência, com o exemplo do Afeganistão (Konaev, 2019).

No âmbito das operações de CAU, outra batalha que importa referir é a Batalha de Grozny. Entre 1991 e 1996, Chechenos, Russos e Ingush lutaram numa guerra civil, na fronteira sul russa, e a batalha de Grozny foi momento chave, fornecendo um conjunto de importantes lições aprendidas no âmbito do CAU (Rupe, 1999). Em 1991 a Chechénia declarou independência da União Soviética, o que não era muito esperado, contudo, no antecedente histórico da região, deram-se episódios de intensas batalhas entre os intervenientes. Em dezembro do mesmo ano, as forças russas tinham a cidade de Grozny cercada em 3 frentes e entraram no seu interior por norte, criando o caos (Thomas, 1999).

Importa, ainda, no contexto abordado neste ponto, referir a batalha por Mossul em 2016, no Iraque, que foi a primeira operação em larga escala em que participaram os Estados Unidos da América (EUA), desde 2003. O objetivo era retomar o controlo da cidade, que à altura, estava controlada pelo Estado Islâmico (Arnold & Fiore, 2019).

1.2. Combate em Ambiente Urbano

Antes de abordar o CAU e a sua definição doutrinária, é pertinente referir o conceito de Ambiente Urbano¹. De acordo com Monteiro (1993), o AU é o ambiente onde se encontra a grande maioria da população mundial que, tendencialmente, está mais concentrada nas grandes metrópoles e respetivas áreas.

Na doutrina militar francesa, nomeadamente no *Manuel D'Emploi des Forces Terrestres en Zone Urbaine*, este conceito é apresentado como Malha Urbana, e é caracterizado pela sua vasta diversidade e complexidade, assim como a forte densidade humana, a tridimensionalidade do espaço, que por sua vez é dividido em compartimentos, restrito e diverso (Armee de Terre, 2005). Na doutrina americana, consultando o ATP 3-06/MCTP 12-10B, *Urban Operations*, pode-se afirmar que o AU varia bastante entre

¹ Ambiente Urbano é o meio onde se desenrolam as operações, no âmbito do Combate em Ambiente Urbano.

diferentes áreas urbanas, devido a fatores como a densidade populacional, o tipo de construção dos edifícios e os materiais dos mesmos, e a cultura, no entanto, apesar de diferentes áreas poderem apresentar características, em parte, idênticas, todas são diferentes (US Marine Corps, 2017). No FM 3-06, o AU é descrito em consonância com o referido no ponto anterior, acrescentando que a história, o desenvolvimento económico e o clima local são outros fatores que concorrem para a variedade deste ambiente, sendo os seus terrenos substancialmente complicados para conduzir operações militares (Headquarters Department of the Army, 2006). De acordo com a doutrina portuguesa², que por sua vez vai ao encontro do enunciado anteriormente, o conceito de AU aparece indiretamente, estando relacionado com o de Áreas Urbanizadas, que por sua vez é especificado como parte integrante do AU (Exército Português, 2011).

Segundo Vautravers (2010), o conceito de áreas urbanas relaciona-se com o que pode ser uma cidade em termos militares, isto é, de que forma é que uma cidade, simbolizando uma área urbana, é vista na ótica militar, podendo ser: um alvo, por motivos políticos, simbólicos, de propaganda, económicos e logísticos; um obstáculo inevitável no decurso de um movimento para um outro lugar; ou um nó de comunicação, estrada, ou caminho de ferro.

Relativamente ao CAU, na doutrina portuguesa, as operações militares em AU caracterizam-se pela sua elevada intensidade e agressividade. O CAU traduz-se numa das tipologias de operação mais complexas e de extrema dificuldade de planeamento e condução tática por parte de um comandante. Esta tipologia de combate ocorre num ambiente multidimensional, fechado e confuso onde, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico e do armamento, não é possível combater a longas distâncias, predominando assim o Combate Próximo (CP), conduzido de rua a rua, de edifício em edifício, de compartimento em compartimento. A complexidade deste combate, torna-o notoriamente cansativo para os militares, resultando num elevado número de baixas (Exército Português, 2011).

Na doutrina da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), as operações em AU definem-se como, “*Urban operations are defined as operations across the range of military operations planned and conducted on, or against objectives within, a topographical complex and its adjacent natural terrain, where man-made construction or the density of population are the dominant features*”, isto é, o CAU é todo o combate que é

² Doutrina Portuguesa: PDE 3-07-14, Manual de Combate em Áreas Edificas, de outubro de 2011.

planeado e conduzido num meio caracterizado pela sua complexidade topográfica, assim como o meio natural envolvente, e onde se destacam as construções artificiais e densidade populacional (NATO, 2017b, p. 1-5).

Na perspetiva doutrinária americana, o FM³ 3-06 Urban Operations, define o CAU como sendo o combate cujas operações militares se desenrolam no ambiente urbano. Esta tipologia de combate pode ocorrer em operações ofensivas, defensivas, de estabilização ou de apoio civil, podendo dar-se como uma operação isolada ou como sendo parte integrante de operações de maior escala (Headquarters Department of the Army, 2006).

Respeitante à doutrina francesa, de acordo com a Doutrina de Emprego das Forças Terrestres em Zona Urbana e Periurbana (EMP 20.422, 2012), o CAU é definido como um conjunto de atividades realizadas pelo Exército num TO com o objetivo de controlar um aglomerado de casas ou de áreas urbanizadas. Isto é, trata-se de um conjunto de ações militares específicas que visam a conquista e o domínio de áreas urbanas.

Segundo afirma Spencer (2021), a guerra urbana moderna pode abranger variados tipos de missões do espectro das operações militares, em que cada operação no AU varia de forma significativa das restantes no que toca aos objetivos políticos, aquela que é a missão militar e as restrições à força executante, ao tempo, ao inimigo e, especialmente, ao ambiente. Sucintamente, a guerra urbana moderna é complexa e pode envolver operações militares distintas entre si, conforme as circunstâncias específicas de cada uma.

O CAU não é uma tipologia de combate nova, é um fenómeno que tem vindo a ser muito abordado e que tem gerado novos desafios, dado que, desde a II GM, os conflitos armados têm acontecido no AU, em locais de elevada densidade populacional (Asymmetric Warfare Group, 2016).

Dada a complexidade da temática do CAU, torna-se relevante compreender dois conceitos abordados na doutrina americana, sendo estes *Urban Operations* (UO) e *Military Operations in Urbanized Terrain* (MOUT). O conceito de UO, que é o atualmente aplicado, assume que existe população no terreno urbanizado, e que tal deve ser um fator a ser considerado, pois o foco não é apenas derrotar o inimigo, que pode ser insurgente ou não convencional, mas também proteger a população e, inclusive, obter o seu apoio. Esta preocupação com o fator populacional assume-se como preponderante, pois é um algo que influencia as operações no sentido de as comprometer ou de contribuir positivamente para a missão (US Army, 2008). Por sua vez, o conceito de MOUT, retrata a desusada

³ *Field Manual* (FM).

caracterização do combate urbano, em que o inimigo se considera como sendo o convencional, do tipo soviético, e em que o objetivo primário é derrotar estas forças, desvalorizando todas as outras considerações, como, por exemplo, a população (US Army, 2008). De referir, ainda, o conceito de *Fighting in Build-Up Areas* (FIBUA), onde o combate se desenrola num ambiente que envolve pequenas aldeias, cidades bastante antigas e parques industriais (Lampton et al., 2003).

1.2.1. Características do Combate em Ambiente Urbano

O CAU é bastante difícil e dotado de elevada complexidade. Ao nível tático, cria constrangimentos nas comunicações, nas capacidades sensoriais dos militares, e diminui notavelmente as capacidades destes para tomarem decisões (Betz & Stanford-Tuck, 2019). Assim sendo, é fulcral conhecer as características desta tipologia de combate e do ambiente em que ocorre.

Para um melhor entendimento do AU (ver Figura 1), este define-se em três partes: o complexo terreno físico feito pelo Homem, a densidade populacional, e as infraestruturas de suporte (US Marine Corps, 2017).

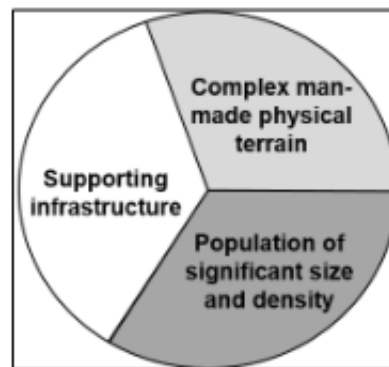


Figura 1 - A tríade urbana

Fonte: US Marine Corps (2017)

No seguimento desta contextualização, no ATP-99 da NATO (2017b), e comprovando a complexidade do AU, o fator populacional, de tamanho e densidade considerável que trabalha, vive e usa as estruturas edificadas pelo Homem assim como o terreno natural circundante, é descrito como um fator significativo na caracterização deste ambiente operacional. É um fator estratificado ao nível da riqueza, raça e etnia, língua idade, género, religião e afiliação política. No mesmo documento, o terreno físico é definido como complexo, que consiste em estruturas de variados tipos, tamanhos e formas, construídas com diferentes materiais, podendo estar ordenadas de forma organizada ou não. O terreno físico urbano pode caracterizar-se pelo terreno natural, como costas

marítimas, ou pelas construções feitas pelo Homem, podendo estar dividido em diferentes tipos, como: centros históricos, áreas comerciais, áreas industriais (grandes ou pequenas), áreas residenciais de grande ou pequenas densidade, favelas e subúrbios, e ainda a área subterrânea (NATO, 2017b). A doutrina portuguesa, nomeadamente a Publicação Doutrinária do Exército (PDE) 3-07-14, vai ao encontro das tipologias de construções apresentadas, caracterizando-as da mesma forma e descrevendo-as fisicamente (Exército Português, 2011). A terceira componente desta tríade, as infraestruturas, fornecem os serviços humanos, culturais e a estrutura política, que atuam para além dos limites da cidade, podendo influenciar uma região, nação ou mesmo vários países dentro da mesma área geográfica. Estas infraestruturas apoiam a população, e podem ser: utilitárias, como por exemplo, distribuição de energia, de transporte, como aeroportos e caminhos de ferro, industriais, e públicas, como por exemplo, edifícios governamentais (NATO, 2017b).

Na doutrina francesa, as características do AU dividem-se em três conceitos fundamentais, sendo eles *Population – Site – Infrastructure*. A população, *Population*, conforme a sua densidade e coesão identitária, fornece indicativos quanto a possíveis riscos. O terreno, *Site*, e a sua configuração, assim como todos os acessos que remetem à área urbanizada, relacionam-se com a manobra tática, isto porque, aspetos como a organização da força, estão diretamente relacionados e dependentes das características do terreno. As infraestruturas, *Infrastructure*, remetem para a arquitetura dos edifícios que compõem a malha urbana e a organização destes no terreno, assim como as redes estradais e os materiais utilizados. As redes estradais são um fator importante dentro das infraestruturas, ao nível da manobra, pois podem influenciar as oportunidades das forças no terreno. Para além disto, é feita uma alusão ao aumento constante e continuado da população, à meteorologia e ao ambiente, e de que forma isto afeta a manobra (EMP 20.422, 2012).

No TTA 980, *Manuel D'Emploi des Forces Terrestres en Zone Urbaine*, é feita uma descrição geral da zona urbana, decompondo-a em três zonas: o centro, a periferia e os acessos. Considera a componente humana, relacionada com a população, as instituições públicas, as organizações governamentais e não-governamentais, os media e os fatores de opinião, e faz uma alusão aos potenciais adversários com que uma força se pode deparar no CAU, podendo ser: exércitos convencionais, forças paramilitares ou de segurança, guerrilhas e movimentos terroristas, ameaça NBQR e as reações da população (Armée de Terre, 2005).

No que concerne à PDE 3-07-14, do EP (2011), as características das AU definem-se conforme as características das áreas edificadas, da seguinte forma: As grandes metrópoles e megalópoles referem-se a áreas com população superior a 10000000 habitantes, nas metrópoles a população varia entre 1000000 a 10000000 habitantes, as cidades entre 100000 a 1000000 habitantes, as vilas entre 3000 a 100000 habitantes, nas aldeias a população é inferior a 3000 habitantes e, por fim, as faixas urbanizadas que se definem por apresentarem com um aspeto linear, ligando aldeias, vilas e cidades.

Ao nível das considerações de ordem tática, fazendo uma ressalva de que a grande incisão no CAU é da Infantaria, é fulcral referir que este é um campo de batalha multidimensional. A localização das estruturas edificadas no Campo de Batalha (CB) origina esta multidimensionalidade, originando o combate em andares, telhados, caves, esgotos e níveis subterrâneos. As características do CAU, de ordem tática, e que todos os comandantes devem conhecer são o campo de batalha multidimensional, as limitações à observação, os cobertos e abrigos, as dificuldades associadas à localização do fogo da ameaça, o combate próximo, a presença de atiradores furtivos, de armadilhas e a ameaça química e biológica, o movimento de viaturas, o apoio de fogos e de combate, assim como o fogo e movimento, o comando, controlo e comunicações, a componente da população civil, a devastação, o isolamento e o stress, a noite quando associada às condições de visibilidade reduzida, o apoio de serviços, a liderança e as restrições. Desta forma, é vital a adaptação das técnicas de combate, por parte dos soldados, em todos estes ambientes diferentes (Exército Português, 2011).

Na doutrina francesa, o campo de batalha é descrito como tridimensional, relacionando com a área de superfície, a dimensão vertical e a área subterrânea (EMP 20.422, 2012). Quanto ao AU, considera-se a sua dimensão vertical e horizontal. As caves, redes de saneamento, redes ferroviárias subterrâneas e rios subterrâneos assumem-se como possíveis vias de comunicação e de abrigo. Os terraços e telhados, em pisos superiores dos edifícios, oferecem campos de visão e possíveis locais de retransmissores rádio. Existem pontos chave no AU que, dada sua relevância tática, logística ou simbólica, merecem especial atenção. De considerar as instalações de alto risco tecnológico que se encontram em zonas industriais (Armee de Terre, 2005).

Quanto à doutrina NATO, esta refere-se à necessidade de entender a multidimensionalidade do AU. Considera-se o terreno em que consiste o espaço aéreo e a área de superfície, mas também as áreas subterrâneas e *supersurface*, referente aos telhados, áreas estas que devem ser consideradas no planeamento. De forma igualmente

importante, deve-se considerar o espaço interior e o exterior dos edifícios, o que se denomina de *intrasurface* (NATO, 2016). No FM 3-06, a referência à multidimensionalidade do campo de batalha em AU é descrito como uma mistura de formas horizontais, verticais, interiores, exteriores e subterrâneas sobrepostas no relevo natural e na vegetação (Headquarters Department of the Army, 2006). Além de todas as áreas e espaços a ter em consideração já referidos, é importante referir, também, o espaço marítimo. No ano de 2013, mais de 80% da população mundial vivia até sessenta milhas terrestres da costa, enquanto 75% das grandes cidades são na costa. O espaço marítimo consiste num oceano ou mar, grandes lagos e rios principais, e sua importância recai no facto de se apresentar como uma importante consideração para os comandantes militares, pelo facto de serem eixos de aproximação e vias de comunicação (US Marine Corps, 2017). Perceber a total natureza do AU requer uma visão multidimensional (ver figura 2), com especial preponderância para a percepção lateral, horizontal, vertical, interior e exterior de uma cidade (Joint Doctrine, 2013).

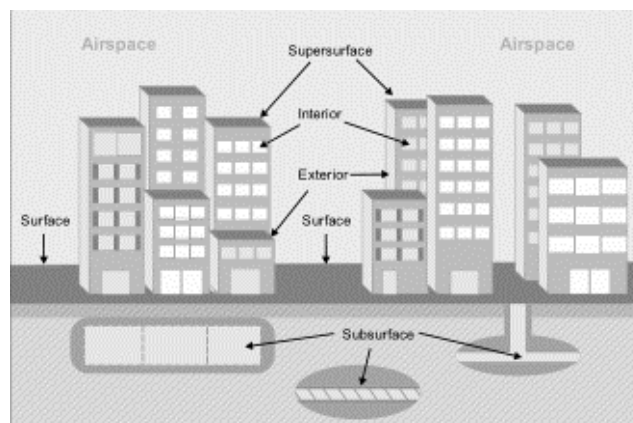


Figura 2 - Ambiente Urbano

Fonte: Joint Doctrine (2013)

Posto isto, as áreas urbanas são o maior desafio para qualquer força tática. A natureza compartimentada do AU separa forças e não fornece bons campos de visão, considerando o alcance efetivo do armamento (Scales, 2005). A AU, como CB, é peculiar e com notórias diferenças dos campos de batalha convencionais, em terreno aberto. As operações em AU definem-se pela dificuldade nas comunicações, devido a todos os edifícios presentes neste ambiente, o comando e o controlo são complicados, assim como o apoio logístico. Dada a tridimensionalidade do AU, o combate pode estar a acontecer nos diferentes níveis, seja no nível térreo ou no subsolo, dentro ou fora dos edifícios, ao mesmo

tempo. A incerteza e a fluidez dessa tipologia de combate é diferente de todas as outras (Cipriano, 2014).

Resultante de todas as diferenciadas características do CAU, os militares devem estar aptos a conduzir operações ofensivas e defensivas neste tipo de ambiente, contudo, as operações defensivas são consideradas como a forma de guerra mais forte, e, quando bem planeadas, em AU, podem influenciar o resultado de uma guerra (Spencer & Geroux, 2022). O autor Cipriano (2014), acrescenta que ao CAU está associada a dificuldade na mobilidade, no comando e na ligação, levando ao combate próximo e com visibilidade reduzida com unidades pequenas e isoladas, e, quando este se dá num ambiente onde existe não-combatentes, a tridimensionalidade do combate aumenta, dada a preocupação com este fator humano.

Indubitavelmente, o CAU apresenta características únicas e é uma tipologia de combate cada vez mais atual, sendo, simultaneamente, uma preocupação para o futuro. De acordo com o Gabinete de Tática e Técnica de Movimento e Manobra / Gabinete de Infantaria (GabInf) (2020), o AU impõe limitações relacionadas com o emprego total do Potencial Relativo de Combate (PRC) de uma força, devido ao perigo de existirem danos colaterais, e falar-se de CAU e de tudo o que a si está associado, desde a doutrina, ao treino e às vulnerabilidades, é um tema atual e do futuro.

1.2.2. Princípios do Combate em Ambiente Urbano

Para melhor entendimento do CAU, importa referir e enunciar quais os seus princípios.

De acordo com a doutrina portuguesa, a PDE 3-07-14, os princípios aplicados nas operações convencionais, ofensivas e defensivas, aplicam-se de igual forma no CAU. É fulcral manter a serenidade, planejar e atuar em conformidade. O comandante da força deve sempre cumprir os seguintes princípios, detalhados tendo em conta as características do AU (Exército Português, 2011):

- (1) Planeamento Simples: no que concerne ao planeamento, o comandante deve procurar ser simples, objetivo e conciso, de forma a haver uma melhor compreensão, da parte dos subordinados, da missão e da intenção da operação;
- (2) Controlo: devem ser coordenadas medidas de coordenação de forma bastante pormenorizada por parte do comandante;
- (3) Ímpeto: visando destruir a ameaça pelo choque e alcançar a iniciativa, atuar com ímpeto e agressividade é fulcral no CAU. O CAU é um combate

imprevisível e bastante agressivo, logo, estas fatores devem ser sempre mantidos no decorrer das operações;

- (4) Apoio de Fogos: Antes de atacar uma Área Edificada (AE), o comandante deve sempre utilizar os fogos de apoio.

Na doutrina NATO (2017b), enumeram-se seis fundamentos das operações em AU: abordagem sistemática, integração, flexibilidade, controlo, proteção e integração. A abordagem sistemática remete para o conceito de USECT⁴. Integração relaciona-se com todos os meios letais e não-letais que devem ser considerados para alcançar o objetivo. Flexibilidade está associada à complexidade do AU, que, por este motivo, as forças devem estar preparadas para se adaptarem a este ambiente. Controlo associa-se à ação de controlar a entrada de informação, pessoal ou material que possam intervir nas ações inimigas. A Proteção relaciona-se com o Controlo, e está associada à criação de um ambiente seguro que permite executar ações que visam ganhar a confiança da população local enquanto, simultaneamente, se nega o acesso do inimigo a recursos essenciais e à população.

Na doutrina americana, os princípios relacionados com o CAU enunciados são: executar operações de informação agressivas, manter a capacidade de CP, evitar a abordagem de atrito, controlo do essencial, minimizar danos colaterais, separar não-combatentes dos combatentes, preservar infraestruturas críticas, restabelecer serviços essenciais, perceber a dimensão humana, criar um ambiente de informação colaborativa e controlo da transição para a próxima missão (Headquarters Department of the Army, 2006). No documento Joint Publication 3-06, referem-se alguns princípios diferentes dos até aqui apresentados. De acordo com esta publicação, os princípios fundamentais das operações em AU são: conduzir uma abordagem sistemática, integrar todas as ações no contexto duma operação maior, aprender e adaptar, isolar seletivamente locais chave do AU, aplicar forças altamente discriminadas e destrutivas ou capazes de anular a capacidade adversária de atingir os seus objetivos, estabelecer e estender o controlo e proteção de setores urbanos, persuadir municípios governamentais e grupos populacionais a cooperar com as operações da força, prover apoio essencial, e apoiar melhorias em instituições e infraestruturas urbanas (Joint Doctrine, 2013).

Por sua vez, a doutrina francesa refere que os princípios que se aplicam no CAU são: liberdade de ação, concentração de esforços, economia de meios, reversibilidade, legitimidade. A liberdade de ação obtém-se compreendendo de forma global a situação

⁴ USECT: *Understand, Shape, Engage, Consolidate, Transition*, isto é, “Compreender, Moldar, Empenhar, Consolidação, Transição”.

envolvente à troca de informação e dá uma margem de iniciativa relevante. A concentração de esforços adquire-se com o conhecimento das possibilidades, localização e dos efeitos causados pelas armas. A economia de meios é descrita como a capacidade de impor o ritmo ao inimigo, anulando a capacidade deste se reorganizar e cortando-lhe as vias de comunicação. A reversibilidade relaciona-se com o conhecimento das Regras de Empenhamento (RE) e com o desenvolvimento de forças combinadas prontas a atuar no AU. A legitimidade trata da forma de impor justamente a aplicação da força e relaciona-se com as regras de início de fogos, assim como com a divulgação pela população de medidas preventivas (EMP 20.422, 2012).

1.3. Importância do Combate em Ambiente Urbano – Conflitos atuais

O CAU moderno exige o uso de competências físicas e cognitivas altamente desenvolvidas, num ambiente físico e social extremo, havendo, por isso, pouco espaço para erros. Em situações extremas de temperatura e stress, os militares precisam de ter a capacidade de atuar prontamente. As exigências cognitivas desta tipologia de combate são notórias, como ter de tomar decisões em curtos espaços de tempo, assim como a doutrina associada, desde as Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) às RE (Lampton et al., 2003).

Fazendo uma análise dos que são os atuais conflitos, verifica-se que uma significativa maioria decorre em áreas urbanas, nas quais as operações que nelas se desenrolam se caracterizam por necessitarem de um intenso empenhamento operacional (Exército Português, 2011, p.1-2). Desta forma, neste ponto referem-se, de forma breve, alguns desses conflitos.

Pelo interesse que tem para esta investigação refere-se o TO da RCA, onde se encontra a FND, no momento da realização desta TIA, constituída maioritariamente por militares do 1BIPara (1º Batalhão de Infantaria Paraquedista). A RCA foi uma colónia francesa até 1960, e em 2013 a violência e o caos tomaram conta do país após os grupos armados Séléka causarem a queda do governo de François Bozizé, criando a oposição de milícias anti-Balaka. Atualmente, grande parte do território do país é controlado pelas milícias que executam um conjunto de atividades ilícitas visando obter dinheiro (GabInf, 2020). Objetivando evitar um genocídio, o Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), em abril de 2014, autoriza o estabelecimento da MINUSCA⁵, uma operação de paz multidimensional (Campos, Santos, Vieira & Silva, 2016). O combate neste TO

⁵ MINUSCA: *United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic.*

acontece muitas vezes em áreas urbanas. Nas cidades principais, o modelo urbano é tipo segmento. Em Bangui, existem diferentes tipos de construção, desde bairros de lata a alvenaria e novos blocos populacionais, onde predominam ruas estreitas. Os edifícios rurais, com pouca alvenaria, geralmente são térreos com um ou dois compartimentos (GabInf, 2020).

Como exemplo atual de grandes operações militares em AU, temos o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, que permite perceber a hodiernidade desta tipologia de combate, nos dias que correm, nas grandes e modernas cidades como as conhecemos, com construções e edifícios recentes. Este conflito ilustra que a guerra está urbanizada, e que o CAU é uma tendência dos conflitos do século XXI (King, 2021). Em 2014, um movimento que afastou do poder o presidente ucraniano Yanukovich, derivada da sua decisão de não assinar um pacto de associação económica com a União Europeia (UE), causando um aumento de tensão já existente entre o Ocidente e o Leste, que colmatou na anexação da Crimeia pela Rússia e ao início de um conflito armado (Martins & Eugénio, 2015). A 24 de fevereiro de 2022, as forças russas iniciaram a invasão à Ucrânia, atacando Kiev e Kharkiv, as maiores cidades do país, visando derrubar o governo de Zelensky (Bigg, 2023). As principais áreas de confronto na Ucrânia têm sido em AU, como Mariupol e Kherson, onde se têm vivido os combates mais fastidiosos, provocando inúmeras baixas, evidenciando a complexidade do desafio que é o CAU (Brigas, 2023). Estes combates têm causado nítidos danos nas estruturas urbanas, assim como têm causado o desgaste das forças e a perda de meios (Fox, 2022).

1.4. Vetores doutrina, formação, treino e infraestruturas

Para esta investigação, é relevante referir e definir os conceitos de doutrina, formação e treino, assim como perceber de que forma estes três vetores se relacionam. Neste ponto refere-se, também, o vetor infraestruturas pela forma como se associa ao CAU, na vertente do treino e da formação.

Este ponto assume determinante valor no que toca à questão do treino, quando associado ao CAU. A natureza do CAU, e eminente probabilidade desta tipologia de combate nos atuais e futuros conflitos, tornam imperativo que se atribua especial atenção à instrução, capacitando os soldados de conhecimentos para conduzir operações no AU (Exército Português, 2011).

Analisando o CAU, existe a necessidade de repensar a doutrina e o treino estruturalmente, exigindo a compreensão da natureza do AU e das suas implicações de teor operacional. Urge a necessidade de determinar TTP de aplicabilidade no AU, sendo igualmente importante aumentar a capacidade de treino de CAU ao nível tático e operacional (Cipriano, 2004).

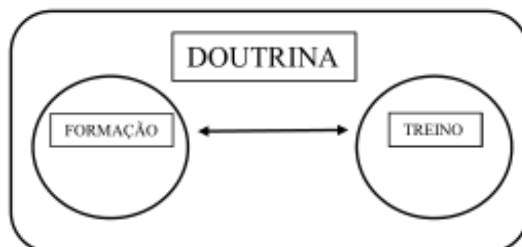


Figura 3 - Relação entre os vetores doutrina, formação e treino

Fonte: Elaboração própria

1.4.1. Doutrina

A doutrina, de acordo com Sousa (2007), define-se como sendo um conjunto de princípios, abstratos e genéricos, dotados de valor temporal. A doutrina impõe-se, é autoritária, e é avaliada e melhorada continuamente por forma a perceber-se como é cumprida. Na doutrina portuguesa, a PDE 3-00 Operações, do EP (2012a), o conceito doutrina define-se como o conjunto de princípios e regras que orientam as ações militares no sentido de cumprir a missão do EP, que, por sua vez, permite atingir os objetivos nacionais. De acordo com as Normas de Gestão de Projetos no Exército, do EP (2015, p. 3-2), a doutrina procura o desenvolvimento de determinadas capacidades e “compreende táticas, técnicas e procedimentos para conduzir tarefas”.

A NATO (2017a) define o conceito de doutrina como sendo os princípios fundamentais que guiam as ações das forças militares no propósito de alcançarem os seus objetivos. É autoritária, mas necessita de julgamento no processo de aplicação. O seu principal propósito é oferecer uma estrutura de orientação às forças da Aliança, perspetivando o objetivo comum.

1.4.2. Formação

A formação é o processo que organiza a aprendizagem específica do EP, visando preparar os militares para desempenhar determinados cargos e exercer determinadas funções. Concretiza-se numa série de percursos formativos estruturais que, por sua vez, visam a aquisição e o desenvolvimento de determinadas habilidades, conhecimentos e

atitudes apropriadas para o exercício de cada função. O EP objetiva preparar os militares para o exercício das suas atividades de forma adequada e eficaz (Exército Português, 2020).

A formação é uma componente do Sistema de Instrução do Exército (SIE) que se materializa na aquisição de qualificações através da frequência de cursos. Pode dividir-se da seguinte forma: Formação Inicial, Formação Contínua e Tirocínios e estágios (Exército Português, 2020). No mesmo sentido, de acordo com o Decreto-Lei n.º 236/99 artigo 73º (1999, p. 3805), a formação militar “envolve ações de investimento, de evolução e de ajustamento e materializa-se através de cursos, tirocínios, estágios, instrução e treino operacional e técnico, consoante a categoria, posto, classe, arma, serviço ou especialidade a que o militar pertence”.

A finalidade última da formação “é conferir, desenvolver e/ou inculcar capacidades (conhecimentos/aptidões/atitudes), para o desempenho de uma função específica. Compreende a Instrução Militar, Formação Contínua e Formação Profissional.” (Exército Português, 2015, p. 3-3). É valioso compreender a ideia das diferentes fases da formação, pois as exigências que se fazem aos militares têm de ser coerentes com as competências que estes possuem. Para além disto, importa reconhecer que a formação está, de forma contínua, presente no decorrer do percurso militar e é fulcral para um bom desempenho (Gonçalves, 2022).

1.4.3. Treino

O treino, de acordo com as Normas de Gestão de Projetos do Exército, do EP (2015, p. 3-2), caracteriza-se como sendo o Vetor de Desenvolvimento (VD) que “define os processos de organização das situações de aprendizagem, através da aplicação prática e sistemática dos conhecimentos adquiridos e cuja finalidade é a manutenção e aperfeiçoamento dos conhecimentos/aptidões/atitudes previamente adquiridos, associados à aplicação/emprego de uma determinada capacidade”. Neste VD contempla o treino individual e coletivo, o treino orientado e o treino operacional. Na mesma orientação, o PDE 7-00 define o treino no EP como o processo constante que tem como objetivo preservar as capacidades militares do indivíduo, Estado-Maior (EM) e Força no que toca à condução de operações militares, visando, simultaneamente, a melhoria constante das mesmas (Exército Português, 2020).

Segundo Campbell & Kuncel (2001), o treino é uma intervenção planeada com o objetivo de melhorar a performance individual, quer o individuo funcione de forma independente ou em equipa. O treino é, então, a tentativa de melhorar as capacidades, a performance e o comportamento, através da instrução.

O treino deve ser conduzido em condições o mais aproximado à realidade possível, de forma dedicada e específica em todo o espectro de tarefas. Quando orientado para a missão, o objetivo é a preparação dos militares e das unidades para projeções, dotando-as de competências fulcrais para a criação de ambientes estáveis. É através do treino que se adquire a confiança necessária para o sucesso na condução das operações (Exército Português, 2012a).

Especificamente no AU, de acordo com a doutrina americana, a estratégia de treino é organizada por ambiente e fase. Quanto ao ambiente, o treino pode ser real, virtual e construtivo. As fases do treino são a inicial, intermédia e final (Headquarters Department of the Army, 2008). No EP, o PDE 3-07-14, é o documento que define as TTP relacionadas com o CAU. De acordo com Betz & Stanford-Tuck (2019), são tão importantes os novos métodos de treino e técnicas quanto os antigos. Mais relevante que isso, é o treino num ambiente correto, pois é esse ambiente que permite aos comandantes simular a complexidade do AU com a qual os militares se vão deparar.

1.4.4. Infraestruturas

A existência de infraestruturas adequadas relaciona-se diretamente com a exigência dos treinos operacionais. O VD Infraestruturas é aquele que define “todas as infraestruturas necessárias para alojar, treinar e aprontar forças, bem como operar e sustentar meios (e.g.: oficinas, centros de simulação, etc.) de acordo com uma determinada capacidade” (Exército Português, 2015, p. 3-3).

CAPÍTULO 2 – TROPAS PARAQUEDISTAS E O COMBATE EM AMBIENTE URBANO

2.1. Regimento de Paraquedistas

O Regimento de Paraquedistas (RPara)⁶, localizado em Tancos, depende hierarquicamente do comando da Brigada de Reação Rápida (BRR), tem como missão formar militares na área do paraquedismo militar e aprontar o Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) (EME, 2016a). Das competências do RPara, destaca-se: “Organizar e desenvolver o treino individual, garantindo a manutenção dos padrões de desempenho operacionais estabelecidos”, “incorporar, os militares destinados aos regimes de voluntariado e de contrato”, “ministrar cursos e estágios de formação e atualização na área do paraquedismo militar” e “constituir-se como polo de formação, no âmbito do Sistema de Formação do Exército” (EME, 2016a).

O BOAT, de acordo com a PDE 3-05-00 *Operações Aerotransportadas*, é “uma unidade de apoio técnico e logístico aerotransportado, constituída, organizada e equipada para apoiar as Operações Aerotransportadas, sendo-lhe atribuída, essencialmente, a responsabilidade de preparação técnica e apoio logístico de âmbito aeroterrestre das unidades aerotransportadas, executantes das operações” (Exército Português, 2012b). Ao BOAT pertence a Companhia de Precursores, a Companhia de Equipamento Aéreo, a Companhia de Abastecimento Aéreo e o Pelotão Cinotécnico.

Relevante para esta investigação, é o Batalhão de Formação (BF), constituinte do RPara, que tem como responsabilidade a ministração de cursos de formação de Paraquedistas, desde o CFGCPE, ao Curso de Paraquedistas e ao Curso de Paraquedismo Militar.

Para o desenvolvimento do tema, importa descrever sucintamente as tropas Paraquedistas e a sua tipologia de ação. Os Paraquedistas do EP são uma tropa especial capaz de responder às necessidades de empenhamento operacional de forma eficaz, nacional e internacionalmente, e caracterizam-se por serem “uma força de infantaria ligeira, vocacionada para as operações convencionais, com capacidade de projeção imediata e elevado estado de prontidão, caracterizando-se pela concentração de potencial de combate, rapidez na ação e flexibilidade, dotadas de capacidade de inserção no Teatro

⁶ Ver Anexo A: Organigrama do Regimento de Paraquedistas

de Operações através de salto em paraquedas”. As suas principais características são: Força de infantaria ligeira, vocação para operações de infiltração com lançamento em paraquedas, estado de prontidão elevado, projeção imediata, grande flexibilidade e capacidade técnica e tática elevada (Exército Português, 2023).

As tropas Paraquedistas são forças aerotransportadas, forças estas que conferem grande mobilidade estratégica e tática. Através do lançamento em paraquedas, os Paraquedistas são rapidamente colocados em terreno controlado pelo inimigo, conferindo surpresa e incerteza ao inimigo, rapidez na velocidade de aproximação e flexibilidade na sua capacidade de se adaptarem a qualquer missão, conferindo ainda a capacidade de concentrar potencial de combate em locais críticos (Exército Português, 2012b).

As missões das tropas Paraquedistas podem ser de carácter estratégico, operacional ou tático (Exército Português, 2012b). Ao emprego destas tropas, associam-se as operações aerotransportadas. De acordo com a PDE 3-05-00, estas operações são descritas como “movimento de forças de combate e do seu apoio logístico para uma área objetivo ou para um objetivo por intermédio de: Lançamento, Heli-assalto ou Aterragem.” (Exército Português, 2012b, p.1-3). As operações aerotransportadas podem ser de três tipos: Operações de conquista e posse, operações de interdição de área e golpes de mão aerotransportados (Exército Português, 2012b). No entanto, atualmente as tropas Paraquedistas não têm sido empregues neste tipo de operações, mas sim, mais comumente com missões de *Quick Reaction Force (QRF)*⁷, como é o exemplo do TO da RCA.

Para as tropas Paraquedistas, a Secção é a “unidade base e mínima de emprego de forma isolada”, e estas unidades de combate devem preparar-se para operar em operações de todo o espectro das operações militares (Silva, Brito & Vasconcelos, 2016).

2.1.1. Curso Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPPE)

No EP, na categoria de praças, a sua formação inicia com a realização do Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército. No caso dos Paraquedistas, existem duas incorporações anuais no RParas.

Esta formação inicial dos militares do EP, tem a duração de cerca de 3 meses, divididos, essencialmente, em dois momentos. Primeiro, a Instrução Básica (IB), com a duração de 5 semanas. Durante a IB os militares são habilitados com “as competências

⁷ QRF: *Quick Reaction Force*, Força de Reação Rápida.

necessárias à sua integração nos valores e nos princípios do Exército” (MDN, 2021). No final da IB os militares juram bandeira. De seguida, os formandos frequentam a Instrução Complementar (IC), com a duração de 7 semanas, sendo que no final deste momento os militares ficam habilitados com “as competências necessárias à sobrevivência no campo de batalha” (MDN, 2021). Em suma, CFGCPE tem como finalidade “habilitar os formandos com a formação geral e técnica, adequada às competências e níveis de desempenho próprios do posto” (MDN, 2021).

Durante este processo de formação, dos vários módulos do curso, desde armamento e ordem unida à Técnica Individual de Combate (TIC) e à topografia, importa referir, para esta investigação, os objetivos a alcançar, pelos formandos, relacionados com o CAU. No final do CFGCPE, os militares devem estar aptos a atuar como elemento de uma Secção de Atiradores nos deslocamentos em AU e a caracterizar o mesmo, descrever as áreas urbanizadas e a executar deslocamentos em áreas urbanas integrados numa secção de atiradores (MDN, 2021).

2.1.2. Curso de Paraquedistas

Findado o CFGCPE, os militares iniciam o Curso de Paraquedistas, no RPara. Este tem a duração de 11 semanas e “habilita os militares a executar missões de âmbito estratégico, operacional ou tático, com elevado grau de independência e em condições de grande risco por meio de salto tático em paraquedas (desembarque aéreo) ou aterragem de assalto, em qualquer tipo de terreno e condições meteorológicas” (Exército Português, 2023). Durante o curso, os militares têm instruções relacionadas com a execução de operações aerotransportadas e aprendem a sobreviver na área de operações “de forma isolada ou integrado na sua Unidade” (Exército Português, 2023). O Curso de Paraquedistas é dividido em 2 momentos: a Fase Terra e a Fase Ar. A Fase Terra, ou Fase A, corresponde à Técnica e Tática de Combate, a Fase Ar, ou Fase B, remete para a Formação Elementar em Paraquedismo.

Relativamente à formação no âmbito do CAU durante este curso, observando, especificamente, o horário do 2º Curso de Paraquedistas de 2022⁸, podemos verificar que de um total de 408 tempos de instrução dos módulos do curso não contemplando Técnica

⁸ Ver Apêndice A – Módulos Curso de Paraquedista.

Elementar de Paraquedismo, Avaliações, Exercício Final e Diversos, um total de 26,5 tempos de instrução⁹ são dedicados a esta tipologia de combate.

2.2. Os Batalhões de Infantaria Paraquedista

São dois os Batalhões de Infantaria Paraquedista¹⁰. O 1BIPara, sediado no Regimento de Infantaria nº15 (RI15), em Tomar, e o 2BIPara (2º Batalhão de Infantaria Paraquedista), sediado no Regimento de Infantaria nº10 (RI10), em São Jacinto. O RI15 e o RI10 têm como missão aprontar os BIPara (Batalhões de Infantaria Paraquedista) neles sediados. Estas são duas das Unidades onde podem ser colocadas as praças Paraquedistas quando terminam a sua formação no RParas.

Os BIPara têm como missão preparar-se para “executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza” (EME, 2016b). De acordo com o Quadro Orgânico (QO) 09.02.04, a missão do 2BIPara é em tudo idêntica à do 1BIPara (EME, 2016c).

Das possibilidades dos BIPara, destacam-se: “conduzir operações de assalto aéreo através de salto tático em paraquedas (desembarque aéreo) ou aterragem de assalto, em todo o tipo de conflito, qualquer tipo de terreno e condições meteorológicas, explorando a mobilidade estratégica e velocidade de reação”, “Realizar operações aerotransportadas para entrada inicial de forças, em ambiente hostil, com recurso ao lançamento em paraquedas ou a aterragem de assalto (...) para conquistar terreno vital”, “executar operações aerotransportadas, em combate de alta intensidade, com limitações significativas no poder de fogo e proteção” (EME, 2016b; EME, 2016c).

É nos BIPara que se desenvolve de forma mais aprimorada as competências de combate em AU.

2.2.1. Treino Operacional

Neste ponto, primeiramente, esclarece-se, sucintamente o treino de CAU realizado nos BIPara. Este treino traduz-se, essencialmente, pelo treino diário e pelo treino conduzido nos exercícios que os Batalhões realizam ao longo do ano. Para além disto, quando em aprontamento para missão, para além de todo o treino direcionado para o CAU, durante uma semana deslocam-se à Escola das Armas para treinar no Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas (CdECAE).

⁹ Ver Apêndice B – Instruções de CAU do Curso de Paraquedista 02/22.

¹⁰ Ver Anexo B – Organigrama 1BIPara, e Anexo C – Organigrama 2BIPara.

Treino Operacional, de acordo com a PDE 7-00 caracteriza-se como “o conjunto de atividades que têm como objetivo a manutenção e/ou o aperfeiçoamento das capacidades operacionais dos militares, individual e coletivamente, assim como do Exército considerado na sua globalidade” (Exército Português, 2020, p. 3-1). A fim de se atingir níveis notórios de proficiência e prontidão, coerência e credibilidade, o treino operacional divide-se em Treino Individual, Treino Coletivo e Treino Orientado para a Missão (Exército Português, 2020).

Segundo Romão (2002), objetivando manter e melhorar a prontidão e a capacidade operacional das forças, devem-se procurar realizar atividades em condições semelhantes, o mais possível, ao real, e isto pode acontecer em circunstâncias distintas.

Para que os níveis de prontidão para combate do EP se mantenham, o treino operacional assume-se como sendo fundamental (Saramago et al., 2018).

2.3. Infraestruturas de Treino

O treino de CAU das tropas Paraquedistas, conduzido durante a sua formação inicial, no curso de Paraquedistas e nos Batalhões, numa fase posterior, é realizado fazendo uso de infraestruturas que permitam criar situações idênticas aos cenários reais. Para tal, são usadas as infraestruturas das unidades, os próprios edifícios, e infraestruturas montadas especificamente para o treino, utilizando materiais diversos, como por exemplo fita balizadora.

No entanto, a infraestrutura de excelência utilizada para treino nas tropas Paraquedistas é o CdECAE, na Escola das Armas. Este é utilizado durante o Curso de Paraquedistas, pelas praças que o frequentam, em exercícios dos BIPara e durante o aprontamento para missões.

Segundo Louro (2011, p. 40), o objetivo da criação do CdECAE não se relaciona apenas a aumentar a infraestrutura que existia previamente, mas sim de “desenvolver uma estrutura integrada de conhecimento, competências e infraestruturas que permitam acompanhar os avanços ao nível da doutrina e TTP, assim como possibilitar o treino de combate em áreas edificadas até escalão batalhão, que permita uma preparação realista e mais completa das nossas forças e que contribua para um exército melhor preparado e mais eficiente”.

O CdECAE, dada a sua qualidade, é o local indicado para o treino e formação de CAU (Araújo e Silva, 2013). Não obstante, e como o CAU é deveras importante, existe a

necessidade de edificar capacidades para treino e formação de CAU, procurando desenvolver doutrina, testar e validar TTP, aumentando a prontidão operacional das Unidades (Monteiro, 2020).

2.4. Emprego Operacional

2.4.1. Teatros de Operações

Ao longo da sua história os Paraquedistas estiveram em diferentes TO, enriquecendo o seu historial valoroso de emprego operacional. Destacam-se, mais recentemente, os TO da Bósnia-Herzegovina, Timor-Leste, Kosovo e Afeganistão (Gonçalves, 2022).

Atualmente, os Paraquedistas têm integrado, com os seus dois BIPara, as FND para o TO da RCA. Até ao momento, os Paraquedistas constituíram as seguintes FND projetadas para a RCA: 3ªFND, 6ªFND, 9ªFND e 12ªFND, com o 1BIPara e 4ªFND, 7ªFND e 11ªFND, com o 2BIPara. Neste TO, os BIPara integram a MINUSCA, com a missão de serem empregues como QRF (Gonçalves, 2022). A QRF tem como missão executar “missões atribuídas pelo Comandante (Cmndt) Militar da MINUSCA em qualquer região da Área de Operações a partir da sua MOB, em BANGUI, a fim de contribuir para a estabilização da segurança e controlo do território da RCA por parte da Autoridade do Estado” (MDN, 2017).

O CAU está bem presente no TO da RCA, inclusive as FND têm realizado tarefas de “limpeza de aldeias isoladas, limpeza de áreas urbanas (bairros e ruas) e defesa de pontos sensíveis em áreas urbanas” (GabInf, 2020, p. 23). A pertinência do treino e da formação no âmbito do CAU está intrinsecamente relacionada com os desafios e com os cenários com que as praças Paraquedistas se deparam nos atuais TO.

2.4.2. Integração numa Força Nacional Destacada (FND)

Antes de integrar uma FND no âmbito de uma missão e conseqüente destacamento para um TO, é necessário passar pelo aprontamento. O aprontamento de forças do EP está enquadrado com o conceito de treino operacional e com a natureza do treino orientado para a missão (Ramalho, 2009). Este inicia-se com a fase de treino de nivelamento, que objetiva “reunião do pessoal e material e a resolução de lacunas eventualmente existentes ao nível de treino do pessoal, bem como o eventual reacompanhamento da unidade em materiais necessários ao período de treino” (Ramalho, 2009, p. 69). Posteriormente, inicia-se o

período de treino orientado para a missão, que “culmina com um exercício LIVEX, com todo o efetivo da força presente, num momento que normalmente culmina o aprontamento” (Ramalho, 2009, p. 69). O treino orientado para a missão é importantíssimo e relaciona-se com a natureza da missão, natureza das forças e ameaças possíveis de enfrentar, assim como com o tempo disponível para aprontar e com as características da Área de Operações (Ramalho, 2009).

Para que as unidades militares possam participar em operações internacionais, é necessário que exista uma preparação adequada, durante o aprontamento das FND, através de treino e ações de formação que mantenham, melhorem ou desenvolvam a sua capacidade operacional. Os treinos devem ser baseados nas exigências operacionais das forças, por forma a identificar as necessidades de treino, planeamento, execução e avaliação (Romão, 2002).

Quando integradas numa FND, as forças conduzem operações, nomeadamente no TO da RCA, onde colocam em prática os seus conhecimentos de CAU. Um exemplo disso é a Operação SUKULA. Esta operação foi executada pelos militares da 3ª FND, maioritariamente do 1BIPara, e que atuavam como QRF da MINUSCA. Esta operação foi desenvolvida em várias fases, contudo, na noite de 7 para 8 de abril de 2018, a força tinha como intenção neutralizar os grupos armados que controlavam uma determinada área (Bernardino, 2019). Para além disto, era intenção do comandante “fazer buscas nos edifícios identificados como tendo atividade hostil, a fim de capturar o máximo de armamento, material e equipamento” (Bernardino, 2019, p. 32). Esta operação, por toda a sua conjuntura, constitui-se como um exemplo da complexidade das operações conduzidas em AU no TO da RCA.

PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS

O presente capítulo tem como objetivo descrever o percurso metodológico adotado, assim como os métodos utilizados para alcançar os objetivos, inicialmente elencados, deste TIA. O método científico define-se como sendo o “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicas adotadas para se atingir o conhecimento” (Gil, 2008, p. 8). O conhecimento legítimo e autêntico obtém-se através do método científico (Marconi & Lakatos, 2003).

Este trabalho, cuja investigação é de natureza exploratória descritiva, tem como tipologia adotada a investigação aplicada, que objetiva “encontrar uma aplicação para os novos conhecimentos, adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais” (Carvalho, 2009 cit in IUM, 2016, p.14).

3.1. Tipo de abordagem

De acordo com Rosado (2015, p. 77) “as metodologias enformam e aferem os métodos”, e os métodos de abordagem relacionam-se com a estrutura geral do trabalho, as bases teóricas subjacentes e a forma como se aplicou o raciocínio na investigação (Andrade, 2006). Assim sendo, e como afirma Freixo (2011), os métodos que uma investigação pode abordar, quanto ao raciocínio, são o método dedutivo, indutivo e hipotético-dedutivo. Relativamente a este TIA, o método utilizado foi o indutivo, que corresponde a “uma operação mental que tem como ponto de partida a observação de factos particulares para, através da sua associação, estabelecer generalizações que permitam formular uma lei ou teoria” (IUM, 2016, p.20).

Quanto à estratégia de investigação, existem três diferentes abordagens que devemos considerar, sendo estas a estratégia quantitativa, qualitativa ou a mista (IUM, 2016). Na presente investigação, é utilizada a estratégia mista, com o objetivo de obter uma “convergência dos dados qualitativos e quantitativos (...) tipicamente coletada aproximadamente ao mesmo tempo e depois integra a informação na interpretação dos resultados gerais” (Creswell, 2014, p.44). Esta estratégia encontra-se no intermédio das abordagens qualitativa e quantitativa e combina ambas, fornecendo “uma mais completa compreensão do problema da investigação” (Creswell, 2014, p.32). Bogdan & Biklen

(1994) defendem que esta estratégia permite ao investigador obter, pormenorizadamente, diversas perspetivas e pontos de vistas em relação ao tema da investigação, para além disto, a estratégia mista permite responder a um número alargado de questões de investigação, resultando numa imagem mais completa do assunto, do que se apenas se tivesse utilizada uma das outras abordagens (Robson & McCartan, 2016).

Relativamente ao desenho da pesquisa, este pode ser dos seguintes tipos: transversal, longitudinal, experimental, estudo de caso, comparativo, *grounded theory* e histórico (IUM, 2016). Nesta investigação utilizou-se o método do estudo de caso, pois “consiste num procedimento metodológico através do qual o investigador procura recolher informação sobre um fenómeno particular inserido no seu contexto (Saunders et al., 2009 cit in IUM, 2016, p. 39). Neste sentido, a presente investigação tem como objeto de estudo o estudo de caso dos BIPara, no âmbito do processo de formação e aquisição de competências no CAU, especificamente na categoria de Praças dos Paraquedistas.

Realizou-se, também, uma revisão da literatura, pois esta tem um papel crucial neste tipo de trabalho (Prodanov & Freitas, 2013), e é essencial para ajudar a delimitar o tema e distinguir o que se conhece ou não relativamente ao tema abordado na investigação (Fortin, 1999).

3.2. Modelo de Análise

Como referido, inicialmente, na introdução, formulou-se uma PP à qual se pretende dar resposta nesta investigação. Para Rosado (2017, p.122) a PP é “como um farol que orienta todo o estudo do investigador e que está obviamente perfilado com os objetivos gerais de investigação”. Segundo o mesmo autor, a PP deve ser clara, objetiva, exequível e esclarecedora, estando alinhada com o título e com tema do estudo, refletindo o OG da investigação (Rosado, 2017).

Posto isto, esta investigação pretendeu dar resposta à PP: **Em que momento do processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, ao longo do seu percurso militar, estas se encontram, efetivamente, operacionais e aptas a combater em ambiente urbano?** No seguimento disto, releva referir que o OG deve enunciar-se na fase primária da investigação, para orientar o tipo de estudo (IUM, 2016), consequentemente, o OG da investigação foi o de **“Apurar se a formação que as praças paraquedistas recebem ao longo do seu percurso militar é suficiente para atuar num contexto real, integrando uma FND, e identificar em que momento desse percurso os militares se**

encontram, efetivamente, aptos a combater em TO cuja tipologia de combate é maioritariamente de CAU e dominam as capacidades técnicas essenciais”.

Com o objetivo de fundamentar e sustentar o OG e de dar resposta à PP, simultaneamente, definiram-se as PD (Sarmiento, 2013). As PD “têm um âmbito mais restrito que a Pergunta de Partida, ajudando a circunscrever (...) aquilo que são os setores respetivos onde o investigador incidirá o seu esforço” (Rosado, 2015, p. 79), tendo sido elaboradas estas:

- **PD1:** São as capacidades e técnicas de CAU que possui uma Praça Paraquedista, aquando termina a sua formação inicial e findado o curso da especialidade, suficientes para ser integrado numa FND?
- **PD2:** São as capacidades e técnicas de CAU que possui uma Praça Paraquedista, aquando colocado num BIPara num período entre um e dois anos, sem ter realizado, ainda, nenhuma missão, suficientes para ser integrado numa FND?
- **PD3:** Quais as capacidades e técnicas adquiridas de CAU por uma Praça Paraquedista no término do seu percurso militar, tendo realizado missões ao abrigo de FNDs?
- **PD4:** Está o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, ao longo do seu percurso militar, bem montado para as preparar para o CAU?
- **PD5:** Quais as lacunas do processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas?
- **PD6:** De que forma se podem mitigar as lacunas alusivas à preparação para o CAU, das Praças Paraquedistas, desde logo na sua formação inicial?

3.3. Métodos e técnicas de recolha de dados

Nesta investigação, a recolha de dados foi realizada com o objetivo de obter informações realistas relacionadas com o tema, visto que “a natureza do problema de investigação determina o tipo de métodos de colheita de dados a utilizar” (Fortin, 2009, p. 239). A fim de consumir a triangulação de resultados, minimizando a distorção possível de existir quando apenas se utiliza uma fonte, e visando contribuir para um significativo rigor da investigação, devem utilizar-se múltiplas fontes de recolha de dados (Mills et al., 2010).

Considerando o tema da investigação, neste estudo utilizaram-se as seguintes fontes de recolha de dados: Análise documental, entrevistas, questionários e observação direta.

Estas são, também, as técnicas de recolha de dados mais utilizadas no procedimento metodológico de um estudo de caso (Freixo, 2011).

Quanto à análise documental, esta constitui-se como “uma técnica de investigação em que o trabalho se centra na recolha de fontes documentais onde se encontram registados princípios, objetivos e metas (Sousa e Baptista, 2011, pp. 88, 89). Nesta investigação, utilizaram-se despachos, decretos, legislação, documentos organizacionais e documentação interna, como PDE e manuais doutrinários, nacionais, NATO e internacionais, no que toca a fontes primárias, que são “constituídas por textos originais sem a interpretação de outros autores” (Rosado, 2017, p. 124). Utilizaram-se, ainda, livros, *e-books*, revistas online, teses de doutoramento, dissertações de mestrado, artigos científicos, trabalhos de investigação aplicada e outros trabalhos académicos. Estas são fontes secundárias, por se considerarem interpretações das fontes primárias (Lapan et al., 2011). Estes documentos foram procurados em bases de dados, nomeadamente o RCAAP, Google Escolar e o motor de busca do Google, entre outras. Utilizaram-se, para o efeito, as palavras-chave “formação militar”, “formação em CAU”, “treino operacional” e “combate em áreas urbanas”, “paraquedistas”, “força nacional destacada”, “teatros de operações”, tanto em português como em inglês.

Para auxiliar a realização deste trabalho, utilizaram-se ferramentas informáticas, nomeadamente, o *Microsoft Office Word*, para redigir este e para organizar a bibliografia, de acordo com as normas para a Redação de TIA da AM, ou seja, as normas da *American Psychological Association*, o *Microsoft Excel*, para elaborar tabelas e gráficos e para organizar os dados obtidos das entrevistas e dos questionários. Utilizou-se o Word para transcrever as entrevistas conduzidas, e o *Google Forms* para recolher dados através do questionário.

No que concerne às entrevistas, relacionadas com a vertente qualitativa, estas permitem adquirir informação tendo por base discursos individuais (Sarmiento, 2013) e são “forma singular de interação social que tem como objetivo principal recolher dados para a investigação” (Santos et al., 2016, p. 101). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas de acordo com o Guião de Entrevista que pode ser encontrado no Apêndice C, a vários oficiais, que deram o seu contributo respondendo às questões de forma presencial, formato de videoconferência ou respondendo através de documento *Word*. A Carta de Apresentação e Preâmbulo das Entrevistas pode ser consultada no Apêndice D.

Referente aos questionários¹¹, que, de acordo com o IUM (2016, p.77), são “um instrumento de recolha de dados cujo preenchimento fica a cargo do informante”, estes foram realizados através da plataforma *Google Forms*, plataforma esta que permite um elevado nível de criatividade em toda a parte estrutural do questionário (Robson, 2016). Este questionário teve, na sua génese, a utilização dos três tipos de modalidades de perguntas: perguntas abertas, fechadas e de escolha múltipla (IUM, 2016).

Relativamente à observação direta, esta, sendo uma fonte de recolha de dados, “contribui para o desenvolvimento de um estudo de caso forte (...), pois fornece uma oportunidade para os investigadores observarem diretamente o que está a acontecer no ambiente social, interagir com os participantes e participar nas atividades, (...). Esta pode ser referida por outros termos, incluindo observação participante, visitas ao local ou trabalho de campo” (Mills et al., 2010, p. 301).

O trabalho de campo foi realizado durante 4 dias, entre o dia 13 e o dia 16 de março, inclusive, observando e acompanhando o Curso de Paraquedistas¹² 01/23 que estava a realizar uma semana de instrução e treino em CAU, no CdECAE, na Escola das Armas. Realizaram-se, durante este período de observação, Notas de Campo (NC)¹³ que “incluem uma descrição escrita do que foi observado” (Given, 2008, p. 574). Foram definidos indicadores¹⁴ que se pretendiam validar relativamente ao treino de CAU das praças Paraquedistas, durante o curso de Paraquedistas.

3.4. Procedimentos de amostragem

A amostragem, de acordo com o IUM (2016), é o processo que objetiva realizar o estudo de uma população, considerando para o efeito um grupo bem mais pequeno, mas que deve possuir as características mais significativas e específicas, e que sejam relevantes para a investigação.

As amostras devem ser representativas das características da população, e denomina-se de métodos, ou técnicas de amostragem, ao processo que origina a amostra (Miaoulis & Michener, 1976). Segundo Fortin (1999, p. 202), a amostra “é um subconjunto de uma população ou de um grupo de sujeitos que fazem parte de uma mesma população”. No processo de amostragem, devem-se considerar duas dimensões, sendo elas a

¹¹ Ver Apêndice E – Estrutura e Análise Estatística do Questionário.

¹² Ver Apêndice F – Registo Fotográfico do Curso de Paraquedistas 01/23.

¹³ Ver Apêndice G – Notas de Campo.

¹⁴ Ver Apêndice H – Indicadores e Validação durante a Observação do Curso de Paraquedistas. 01/23.

significância e a representatividade da amostra (Haro et al., 2016). A significância relaciona-se com o tamanho da amostra e a representatividade com a qualidade da mesma, ou seja, o quão idênticas são as características da amostra (Fortin, 2009).

Existem três técnicas de amostragem. A primeira trata de estudar a população na sua totalidade, a segunda, de estudar uma amostra que representa a população, e a terceira de estudar elementos não estritamente representativos da população, mas que a caracterizem (Quivy & Campenhoudt, 1998). Nesta investigação, usou-se a técnica de estudar uma amostra representativa da população. Os questionários foram enviados a praças Paraquedistas de diferentes cursos de Paraquedista, desde o ano de 2016 até ao atual ano de 2023, tendo respondido um total de 79 praças.

As entrevistas foram realizadas a Oficiais Paraquedistas que desempenham, ou desempenharam, funções no âmbito da formação inicial de Praças Paraquedistas, ministrando cursos de Paraquedistas e a Oficiais Paraquedistas que desempenham diferentes funções nos BIPara, com conhecimentos de CAU e no âmbito da condução do treino operacional nos BIPara. Procurou-se, também, que estes tivessem experiência em missões internacionais, e, preferencialmente, que já com essa experiência, estejam ligados à formação inicial de Praças Paraquedistas.

3.5. Técnicas de tratamento e análise de dados

Numa investigação, o tratamento e análise de dados é importantíssimo, pois os dados necessitam de ser analisados após coletados, caso contrário, estes não são úteis para a investigação (Robson & McCartan, 2016). De acordo com Rodrigues (2011, p. 179), “as técnicas de análise de dados variam em função da estratégia de investigação bem como da natureza das variáveis”. Como afirma Flick (2014), o tratamento de dados e a sua análise constituem uma fase de especial importância num trabalho.

Relativamente ao questionário realizado às praças Paraquedistas, obtiveram-se 79 respostas através da plataforma *Google Forms*. Estes foram analisados, posteriormente, através de *Excel*, recorrendo a gráficos, tabelas e quadros. As 8 entrevistas a Oficiais Paraquedistas foram analisadas de forma a cruzar os dados obtidos com os provenientes da análise dos questionários, tendo como objetivo último responder à PP.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, após ter sido feito o enquadramento teórico, exposta a metodologia abordada e as técnicas utilizadas para o trabalho de campo, serão apresentados e analisados os resultados obtidos. A análise feita neste capítulo é conduzida através da convergência dos dados, qualitativos e quantitativos, conseguidos através das entrevistas e do questionário, assim como das notas de campo provenientes do período de observação do Curso de Paraquedistas 01/23. O objetivo fundamental deste capítulo é sustentar as conclusões da presente investigação.

Este capítulo está subdividido em quatro subcapítulos, que se relacionam diretamente com a formação em CAU das Praças Paraquedistas. Mais precisamente, os primeiros dois subcapítulos, prendem-se com momentos diferentes da formação das Praças Paraquedistas, o terceiro subcapítulo com todo o processo de formação no âmbito do CAU, e o quarto, e último subcapítulo, com as lacunas identificadas na formação em CAU das Praças Paraquedistas e como as mitigar. Esta subdivisão vai, também, de encontro às respostas obtidas através do questionário e das entrevistas realizadas.

A análise aos dados quantitativos, referentes ao questionário, realizou-se através de gráficos. Alguns desses gráficos são expostos ao longo deste capítulo e os restantes podem ser consultados no Apêndice E. Ao questionário responderam 79 Praças Paraquedistas, dos quais 55 são Soldados, 7 são 2ª Cabos, 15 são 1º Cabos e 2 Cabo-Adjuntos, que estão, ou estiveram, colocados nas diferentes Unidades Paraquedistas, nomeadamente 1BIPara, 2BIPara e RPara. Estes militares são de diferentes Cursos de Paraquedistas, desde os cursos do ano de 2016, os mais antigos, ao curso de 2023, o mais recente. Das 79 Praças inquiridas, 46 já realizaram missões internacionais, sendo que 14 realizaram duas missões, 13 realizaram três, e 34 tiveram de aplicar técnicas e conhecimentos de CAU nessas missões (ver Figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9).

Os dados qualitativos resultam da análise das entrevistas que foram feitas a 8 Oficiais Paraquedistas. As entrevistas foram resumidas a um quadro¹⁵ com os excertos das mesmas, que contêm a informação essencial e a mensagem principal do que foi referido pelos entrevistados. Os Oficiais entrevistados foram escolhidos pela sua experiência e

¹⁵ Ver Apêndice I – Análise das Entrevistas.

conhecimento, tanto no âmbito da formação de Praças Paraquedistas, como no âmbito da experiência adquirida no exercício das suas funções nos BIPara e em missões internacionais. Dos 8 Oficiais, 7 já realizaram missões internacionais em que tiveram de aplicar os seus conhecimentos e técnicas de CAU. Na Tabela 7¹⁶ apresentam-se as informações dos Oficiais entrevistados, assim como o código alfanumérico a que se associam, individualmente, para facilitar a posterior análise das entrevistas.

4.1. Formação no Regimento de Paraquedistas

Neste subcapítulo aborda-se a Formação das Praças Paraquedistas no RPara, com especial preponderância na formação de CAU. Como referido anteriormente, no Capítulo 2, o RPara tem como missão formar os militares Paraquedistas (EME, 2016a). Esta formação inicia, na categoria de Praças, com a integração no CFGCPE, que por sua vez compreende a IB e a IC, com uma duração de 5 e 7 semanas, respetivamente (MDN, 2021). Concluída esta fase, inicia-se o Curso de Paraquedistas, com uma duração de 11 semanas (Exército Português, 2023). O Curso de Paraquedistas compreende a Fase Terra e a Fase Ar. A Fase Terra relaciona-se com os módulos da Técnica e Tática de Combate, onde se insere o Módulo de Técnica de Combate, que por sua vez compreende a componente do CAU, e tem a duração de 7 semanas, traduzindo-se num total de 293 Tempos de Formação, dos quais 39 são estritamente relacionados com o CAU (conforme E1).

No Curso de Paraquedistas 01/23, a componente do CAU foi ministrada na Escola das Armas, no CdECAE, durante uma semana, na qual os instruendos tiveram instruções teóricas e práticas de CAU. Quanto às instruções práticas, foram ensinados métodos de dobragem de esquinas, TIC em CAU, com especial insistência, passagem de janelas e seteiras, vários métodos de entrada em compartimentos e limpeza de portas, janelas e seteiras. Durante as instruções, a equipa de instrução criou cenários os mais próximos do real possível, inclusive, nas instruções de limpeza de compartimentos e entrada em edifícios, utilizaram-se armas de *airsoft* e os auxiliares de instrução representavam o inimigo. Para além disto, os instruendos executavam as tarefas em equipas de 5 elementos, correspondente à orgânica utilizada pelos BIPara no TO da RCA. Nas instruções noturnas, foram ministradas instruções de CAU em ambiente noturno e foi introduzido, pela equipa de instrução, o conceito de *Low Light*. A semana dedicada ao CAU culminou com a

¹⁶ Ver Apêndice J – Identificação dos Oficiais Entrevistados.

execução de um assalto a um edifício, operação planeada pelos instruídos, onde foi possível aplicarem as técnicas e procedimentos que aprenderam até àquele momento. No final, os instruídos do curso adquiriram as competências base de CAU, apesar de haver a necessidade de dedicar mais tempo a esta tipologia de combate durante a formação inicial das Praças Paraquedistas (conforme NC2, NC3, NC7, NC8, NC6, NC9).

No que concerne ao tempo dedicado ao CAU durante o Curso de Paraquedistas, que é de cerca de uma semana, a maior parte dos entrevistados considera que não é suficiente (conforme E4, E5, E6, E7, E8), pois é uma temática que exige bastante treino, dada a sua complexidade (conforme E4). Quanto à opinião das Praças inquiridas, 60 das 79 classificam o tempo dedicado ao CAU durante o curso em 3 ou inferior, com uma média de 2,89, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a Insuficiente e 5 a Suficiente (ver Figura 11). Contudo, é considerado suficiente para adquirir as técnicas e as competências base, e essenciais, para combater em AU (conforme E1, E2, E3), isto tendo em conta, também, que posteriormente, nos BIPara, as Praças integram unidades de combate e passam por aprontamentos e pelo treino operacional conduzido nos Batalhões, desenvolvendo e aprofundando as suas capacidades no âmbito do CAU, contudo, o ideal seria virem mais bem preparadas (conforme E1, E2). Importa referir que atualmente existe uma maior preocupação com a formação no âmbito do CAU, durante o Curso de Paraquedistas, e um exemplo disso é o facto de, atualmente, os Cursos se dirigirem à Escola da Armas para terem instruções no CdECAE, e que apesar de apenas haver uma semana dedicada ao CAU, como aconteceu no Curso de Paraquedistas 01/23, o Comandante de Companhia, da Companhia de Formação Terrestre, procurou introduzir o CAU em diversos outros momentos do Curso (conforme NC1, NC4).

Devido à falta de efetivos na categoria de Praças do EP, acontece que as Praças Paraquedistas, em determinadas situações, terminam o Curso e integram de imediato uma FND. Posto isto, importa perceber se a formação inicial das Praças Paraquedistas as prepara para integrar uma FND. Relativamente ao Curso de Paraquedistas, um dos objetivos da formação é que os militares adquiram as capacidades e técnicas necessárias para integrar os BIPara, para proporcionar uma melhor integração numa FND, o Batalhão de Formação do RPara tem solicitado militares dos BIPara para auxiliar na formação, preferencialmente militares com experiência adquirida em FND, procurando que formação seja direcionada para a realidade dos BIPara (conforme E8). Neste sentido, as competências adquiridas durante o Curso são muito básicas, e por si só não são suficientes para integrar uma FND, e, quanto à temática do CAU, a duração do Curso não permite que

as técnicas associadas a esta tipologia de combate sejam praticadas de forma exaustiva, e o treino e a prática são essenciais para um desempenho de qualidade no CAU. O Curso de Paraquedistas fornece as competências base para posteriormente, as Praças, melhorarem com a prática e com o treino (conforme E4, E5, E7).

As Praças Paraquedistas inquiridas consideram, na sua maioria, que as capacidades e técnicas de CAU aprendidas durante o curso, não as tornam aptas a integrar, de imediato, uma FND (ver Figura 12), num TO onde teriam de aplicar estas técnicas, como é o caso da RCA. No entanto, estas capacidades são as necessárias para integrar uma Unidade Operacional. Considerando que após o Curso as Praças são colocadas nos BIPara e aí, antes da projeção para um FND, integram o aprontamento, com duração de 6 meses, onde recebem mais formação e mais treino, inclusive de CAU, então sim, as capacidades e técnicas de CAU adquiridas são suficientes para integrar um FND, com a ressalva de que as condições para combater em AU se reúnem através do treino operacional conduzido nos BIPara (conforme E1, E2, E3). Para além disto, as Praças Paraquedistas necessitam de passar por esta integração nos BIPara, por forma a conciliarem-se com a orgânica e com a dinâmica dos Grupos. É, também, nos BIPara que se adaptam às Normas de Execução Permanente (NEP) específicas de cada Batalhão, e onde têm contacto com sistemas que se usam nas missões internacionais, e com os quais não têm contacto durante a formação, tais como: escudo balístico, operações com viaturas, aparelhos de visão noturna, câmaras térmicas, e sistemas de armas como a SCAR-H, a Benelli Supernova e MK2 (conforme E5, E6). Face a isto, existe a preocupação de, desde logo na formação, no Curso de Paraquedistas, se introduzir o trabalho com Viaturas Táticas, de igual forma como é feito este trabalho nos BIPara e aplicado, em contexto real, no TO da RCA (conforme NC5).

Durante a semana do Curso de Paraquedistas 01/23 dedicada ao CAU, na qual se realizou observação direta, foi possível identificar técnicas base de CAU ministradas aos instruídos. Assim sendo, nos inquéritos realizados às Praças, pediu-se que classificassem a sua proficiência e à-vontade relativamente a essas técnicas quando terminam o Curso, e aos Oficiais entrevistados, que classificassem as Praças, da mesma forma, nas mesmas técnicas, no mesmo momento. A Tabela 1 (produzida com os dados obtidos da Figura 13 e Figura 22) demonstra a comparação entre as classificações das Praças e dos Oficiais.

Tabela 1 - Comparação entre a classificação média das Praças e dos Oficiais quanto à proficiência e à-vontade na execução de técnicas de CAU após término do Curso de Paraquedistas

	Classificação Média (Muito Pouco) 1 a 5 (Muito à-vontade)					
	TIC em CAU	Dobragem de Esquinas	Limpeza de portas/janelas/seteiras	Limpeza de fachadas	Métodos de entrada em edifícios/compartimentos	Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa
Oficiais	2,88	2,88	3,00	2,38	2,88	2,50
Praças	2,80	3,00	2,92	2,78	2,91	2,84
Média	2,84	2,94	2,96	2,58	2,90	2,67

Fonte: Elaboração própria

Observando a Tabela 1, podemos concluir que tanto a classificação das Praças como dos Oficiais são bastante idênticas, e que, de forma geral, o domínio e o à-vontade das Praças relativamente às referidas técnicas de CAU, não é muito, pois em todas a classificação média é inferior a 3. As Praças Paraquedistas inquiridas classificam o seu nível de capacidades relativamente a CAU, após o término do Curso de Paraquedistas, em média, em 2,97, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a Fraco e 5 a Muito Bom (ver Figura 14).

4.2. Formação e Treino nos Batalhões de Infantaria Paraquedista

O treino operacional das Praças Paraquedistas é realizado, maioritariamente, nos BIPara, onde aperfeiçoam e melhoram as suas capacidades e técnicas, nomeadamente de CAU. Neste subcapítulo aborda-se a formação e o treino nos BIPara e pretende-se perceber se as Praças Paraquedistas estão aptas a integrar uma FND, após estarem colocadas nos BIPara num período entre 1 e 2 anos, e quais os conhecimentos, técnicas e capacidades relacionadas com o CAU de que estão dotadas no final do seu tempo de contrato, tendo já integrado FND e realizado missões. Uma das provas disto, são as tarefas de elevado risco conduzidas em áreas urbanizadas, realizadas em missões em que participaram os BIPara (conforme E7).

No que diz respeito à aptidão das Praças Paraquedistas, quando colocadas nos BIPara num período entre 1 e 2 anos, para integrar uma FND, todos os entrevistados afirmam que sim, que estão aptas. Neste período, as Praças nos BIPara acumulam muito conhecimento e experiência, inclusive no âmbito do CAU, devido aos ciclos de treino e aprontamento e aos muitos exercícios que realizam (conforme E2, E6).

Primeiramente, importa perceber os ciclos dos BIPara, de forma a perceber como o CAU se insere no treino operacional. Antes de integrar uma FND os militares passam por

um período de aprontamento. Antes do aprontamento, os BIPara constituem-se como Componente Terrestre da Força de Reação Imediata (FRI), onde treinam TTP de Não-Artigo 5, isto é, momentos de baixa pressão, e treinam tarefas como *CheckPoints*, revistas, operar Pontos de Evacuação, e tarefas críticas de pelotão, onde se inclui algum treino de CAU. No período de aprontamento, dedica-se mais tempo ao treino de CAU (conforme E5).

O treino nos BIPara é conduzido por ciclos que contemplam o treino de CAU e o treino de combate convencional. O treino de CAU inicia sempre do treino individual para o treino coletivo. No treino individual, as Praças Paraquedistas, chegadas recentemente aos BIPara, aprendem dinâmicas de movimentação e posicionamento, desenvolvendo a capacidade observar e avaliar o ambiente e o que se encontra ao seu redor. Este treino individual, de base diária, tem a duração de uma semana. Posteriormente, inicia-se o treino coletivo, onde se introduz o movimento com Equipas. Este processo tem a duração de cerca de duas semanas e materializa-se como um estágio, meramente dedicado ao CAU, para as Praças, quando chegam ao BIPara (conforme E6, E7).

Subsequentemente, introduzem-se, nos treinos de CAU, métodos de entrada em compartimentos, dobragem de esquinas, teoria de *Close Quarters Battle* (CQB), deslocamento no interior e exterior de edifícios, revista a compartimentos e pessoas, treino de CQB em ambiente noturno utilizando aparelhos de visão noturna, utilização do escudo balístico, *breaching*, entre outras técnicas, havendo muita prática em ambiente controlado. Durante este processo, procura-se integrar as Praças, em exercícios, com as Equipas com que vão trabalhar para desenvolver dinâmicas e identificar aspetos a melhorar (conforme E6, E7). É importante referir que a experiência dos comandantes de Equipa, e o ambiente de treino direcionado exclusivamente para uma boa aprendizagem, são fatores relevantes e diferenciadores no treino de CAU nos BIPara (conforme E4, E6).

No caso do 2BIPara, o treino de CAU é intenso e constante. No 2BIPara são desenvolvidos cinco estágios de aperfeiçoamento de combate relacionados com CAU, MOUT e CQB, com instrutores especializados, no âmbito do plano de treino e aprontamento do Batalhão. Considerando o atual TO da RCA, grande parte do treino é relacionado com o CAU e são realizados, pelo menos, dois exercícios. Um deles, é um exercício de Pelotão, dedicado às tarefas de Pelotão. Outro, é um exercício de Força Completa, onde se validam os treinos de CAU (conforme E2, E3).

Tabela 2 - Comparação entre a classificação média das Praças e dos Oficiais quanto à proficiência e à-vontade na execução de técnicas de CAU quando as Praças estão colocadas nos BIPara, sem terem realizado nenhuma missão

	Classificação Média (Muito Pouco) 1 a 5 (Muito à-vontade)					
	TIC em CAU	Dobragem de Esquinas	Limpeza de portas/janelas/seteiras	Limpeza de fachadas	Métodos de entrada em edifícios/compartimentos	Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa
Oficiais	4,00	4,14	4,00	4,14	3,86	4,00
Praças	3,42	3,52	3,67	3,54	3,69	3,69
Média	3,71	3,83	3,84	3,84	3,78	3,85

Fonte: Elaboração própria

Observando a Tabela 2 (produzida com os dados obtidos da Figura 15 e Figura 23), e comparando com a Tabela 1, é possível afirmar que a proficiência e o à-vontade das Praças Paraquedistas na execução das técnicas base de CAU aumenta significativamente quando estas estão colocadas nos BIPara, num período de 1 a 2 anos, e sem terem realizado missões. Isto é resultado dos ciclos treino conduzido nos BIPara, dos exercícios e da experiência dos instrutores e dos comandantes de Equipa. As Praças Paraquedistas inquiridas classificam o seu nível de capacidades relativamente a CAU, quando colocadas nos BIPara entre 1 e 2 anos, sem realizarem missão, em média, em 3,75, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a Fraco e 5 a Muito Bom, verificando-se um aumento considerável nas suas capacidades de combater em AU assim que integram os ciclos de treino dos BIPara (ver Figura 16).

No final do seu tempo de contrato, após realizarem missões e passarem por vários ciclos de treino, as Praças Paraquedistas estão dotadas de elevado conhecimento e experiência relativamente ao CAU, e atingem o pico do seu desempenho em tarefas desta tipologia de combate, sendo as suas capacidades bastante apuradas (conforme E2, E4). O conjunto de ciclos de treino, de aprontamentos e de missões, contribuem para o aumento do conhecimento e da experiência no CAU das Praças Paraquedistas. As Praças, que cumpram na totalidade o seu contrato, realizam pelo menos duas missões. A experiência e o conhecimento obtido nas missões, tem como resultado um aumento de confiança, nas Praças Paraquedistas, capacitando-as de usar os seus conhecimentos e habilidades quando exigido (conforme E5, E7). A sua qualidade e à-vontade na execução de tarefas de CAU melhora exponencialmente, sendo nítida a evolução de uma Praça recém-chegada ao Batalhão, depois do processo de formação inicial, até ao momento que atinge totalidade do seu tempo de contrato (conforme E6).

Neste momento final de carreira, para além das técnicas base de CAU, que devem dominar, as Praças Paraquedistas estão dotadas de outros conhecimentos e capacidades, nomeadamente: *spacial awareness*, saber ler o terreno, algo que só se adquire com a experiência; como tirar maior partido do armamento, equipamento e do ambiente que as rodeia; o saber trabalhar em Equipa utilizando os seus conhecimentos individuais; *breaching*; utilização de escudo balístico; entendimento de ângulos de entrada, fundamentos, conceitos e anatomia de compartimentos; utilização de binómio cinotécnico; uso de aparelhos de visão noturna, câmaras térmicas e designadores laser; aquisição de alvos; e, inclusive, planeamento de operações em CAU (conforme E2, E3, E5, E6).

Na formação, tem sido solicitado o contributo de Cabos Paraquedistas, dos BIPara, para assumirem a função de auxiliar de instrução. Estes militares têm sido uma vantagem para a formação, em particular no âmbito do CAU, pois estão dotados de distintas capacidades, técnicas e táticas, assim como de experiência no âmbito do TO da RCA (conforme E8).

Tabela 3 - Comparação entre a classificação média das Praças e dos Oficiais quanto à proficiência e à-vontade na execução de técnicas de CAU no final do percurso militar e tendo já realizado missões

	Classificação Média (Muito Pouco) 1 a 5 (Muito à-vontade)					
	TIC em CAU	Dobragem de Esquinas	Limpeza de portas/janelas/seteiras	Limpeza de fachadas	Métodos de entrada em edifícios/compartimentos	Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa
Oficiais	4,57	4,71	4,71	4,71	4,86	4,71
Praças	3,69	3,83	3,88	3,74	3,93	3,93
Média	4,13	4,27	4,30	4,23	4,40	4,32

Fonte: Elaboração própria

Observando a Tabela 3 (produzida com os dados obtidos da Figura 17 e Figura 24), conclui-se que a proficiência e o à-vontade das Praças Paraquedistas na execução das técnicas base de CAU aumenta consideravelmente ao longo do seu percurso militar, atingindo o seu máximo quando as Praças se encontram no final do seu contrato. A experiência obtida durante os vários ciclos de treino, aprontamentos e missões realizadas, nomeadamente no TO da RCA, resultam neste aumento contínuo no nível de proficiência, das Praças, no CAU. As Praças Paraquedistas inquiridas classificam o seu nível de capacidades de CAU, no final do seu percurso militar, em média, em 4,00, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a Fraco e 5 a Muito Bom (ver Figura 18).

4.3. Processo de Formação e Treino em CAU das Praças Paraquedistas

Neste subcapítulo pretende-se perceber se o processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas está bem estruturado e se as prepara para esta tipologia de combate, considerando a sua formação inicial, desde o CFGCPE e do Curso de Paraquedistas, até ao momento em que terminam o contrato. Pretende-se, também, perceber em que momento deste processo as Praças Paraquedistas se encontram aptas a combater em AU. É de igual modo importante, fazer uma alusão das infraestruturas de treino de CAU utilizadas durante todo o processo.

O processo de formação e treino em CAU, das Praças Paraquedistas, tem melhorado (conforme E7). A fase inicial da formação fornece os conhecimentos base e essenciais. No Curso de Paraquedistas, o processo inicia com as técnicas elementares, como a técnica individual, a correta utilização do equipamento e armamento, avançando, posteriormente, para algo mais complexo, como operar integrado numa Equipa e em Pelotão, entradas em compartimento, limpeza de edifícios, utilização de relatórios e formação de CAU em luminosidade reduzida (conforme E1, E8). A recente reformulação do Curso de Paraquedistas, inclusive, tem contribuído para uma melhor integração das Praças Paraquedistas nas unidades operacionais, nomeadamente nos BIPara (conforme E3). Posteriormente, com treino operacional nos BIPara e os aprontamentos, os conhecimentos e a proficiência para o combate em AU aumentam.

Considerando toda a formação inicial das Praças, os aprontamentos, onde se inclui treino de CAU, o treino conduzido nos BIPara, que inclui estágios, e a aplicação de todo o conhecimento em missões internacionais, o processo de formação e treino de CAU das Praças Paraquedistas é bom e eficaz. Contudo, este processo, apesar de preparar as Praças para o combate em AU, está diretamente relacionado com a quantidade de exercícios realizados, onde se treina e adquire conhecimentos. Não obstante, existe uma necessidade de alterações no referencial de Curso e do tempo de duração deste, para que as Praças Paraquedistas atinjam o seu melhor nível de desempenho mais cedo (conforme E1, E2, E4, E6). Num outro ponto de vista, este processo está desatualizado e necessita de mais tempo dedicado ao CAU, no entanto, existe já um esforço no sentido de o solucionar, com a revisão do referencial de Curso (conforme E5). Este processo estaria completo se houvesse mais formações em áreas específicas, como CQB e métodos de inserção/infiltração, como *fast rope*, e mesmo a realização destas tarefas em Secção de combate, e realizar tarefas de treino com tiro, e em ambiente noturno (conforme E1).

As Praças Paraquedistas, logo após a formação inicial, estão aptas a integrar um Pelotão de Paraquedistas, no entanto, apenas após a integração nas subunidades e tendo completado ciclos de treino nos BIPara é que atingem maior competência relativamente ao CAU (conforme E5). O treino de CAU dos Paraquedistas é um processo contínuo e cíclico, que inicia no Curso de Paraquedistas e finda com o término do tempo serviço. Legitimamente, os militares estão aptos a combater em AU com a creditação da Força, sendo que a isto antecede a formação inicial, o treino operacional nos BIPara e o treino operacional orientado para a missão, no aprontamento, e, posteriormente, após a projeção da FND, inicia-se um novo ciclo de treino e a adaptação ao TO (conforme E8).

De acordo com 37,5% dos entrevistados, as Praças Paraquedistas estão aptas a combater em AU após o aprontamento, isto é, no final do aprontamento, pressupondo que os militares realizaram os treinos individuais, os exercícios de Pelotão e de Companhia, e o treino orientado para a missão, integrados numa Equipa de combate, consideram-se, então, aptos a combater em AU (conforme E1, E2, E3). Num outro ponto de vista, considera-se que após a conclusão do primeiro ciclo de formação nos BIPara, ao fim de 1 ano, os militares já têm bases e capacidades para realizar as tarefas a si atribuídas (conforme E7), e ao fim de 2 anos no Batalhão estão prontos a realizar ações em AU, contudo, há uma necessidade maior de comando e controlo por parte do comandante de Equipa e do comandante de Pelotão, enquanto que no final do tempo de contrato, as Praças são capazes de executar as mesmas ações, embora com interferência mínima dos seus comandantes (conforme E4). No final da primeira missão, as Praças apercebem-se que os cenários para que treinam são, efetivamente, reais, suscitando nelas uma maior vontade de aprender e melhorar, ficando, simultaneamente, mais cientes da necessidade de treinar para o CAU. A primeira missão é o momento crítico na preparação para combater em AU (conforme E6). Segundo 62% das Praças inquiridas, o processo de formação e treino em CAU está bem estruturado e prepara-as para combater neste tipo de ambiente (ver Figura 19).

No que concerne às infraestruturas utilizadas para o treino de CAU, ao longo de todo o processo, 50% dos entrevistados consideram que não são suficientes (conforme E1, E5, E6, E7). Apesar de terem sido melhoradas ao longo do tempo, a inexistência de uma infraestrutura que permita efetuar tiro real em ambiente de CQB é uma lacuna crítica, pois este é um fator impactante no que concerne ao treino de CAU dos militares (conforme E1, E3). No entanto, as infraestruturas do RPara são suficientes para o Curso de Paraquedistas, e o CdECAE, utilizado atualmente durante o Curso de Paraquedistas, é bom para treinar em diferentes tipologias de edifícios e cenários possíveis de encontrar numa área urbana. O

CdECAE, é também utilizado pelos BIPara, inclusive durante o aprontamento (conforme E2, E4, E6, E8). As Praças Paraquedistas inquiridas, classificam as infraestruturas utilizadas para o treino de CAU, em média, em 3,77, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a Pouco Adequadas, e 5 corresponde a Muito Adequadas (ver Figura 20).

4.4. Fragilidades na formação em CAU

No presente subcapítulo apresentam-se as lacunas, identificadas e mencionadas pelos entrevistados, do processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas, assim como possíveis soluções para as mitigar e como melhorar este processo.

Relativamente às lacunas, 37,5% dos entrevistados identificam como lacuna a duração do Curso de Paraquedistas. O tempo de formação é pouco para ministrar todos os módulos, inclusive o de CAU (conforme E4, E5, E8). As infraestruturas utilizadas, e a sua qualidade, são identificadas como lacuna por 25% dos entrevistados (conforme E5, E7). Os restantes entrevistados, identificam como lacunas a ausência de condições dedicadas ao treino operacional, o que permitiria que as Praças passassem de um nível médio/bom para um nível de excelência, no âmbito da preparação para o combate, em ambiente diurno e noturno (conforme E1); a inexistência de um plano de formação e treino de CAU das Praças Paraquedistas, onde exista uma ferramenta de validação das técnicas e conhecimentos aprendidos, o facto do treino ser diferente nos dois BIPara (conforme E2); de não haver condições para treino de tiro real em CQB, sendo este de extrema importância, pois é o que se exige aos militares nas operações de combate no atual TO da RCA (conforme E3); e a dinâmica do Curso de Paraquedistas. Durante o Curso as Praças adquirem determinados conhecimentos, contudo, não se preocupam, maioritariamente, com os detalhes técnicos, algo com o qual se vão preocupar num ambiente com outra mentalidade, como nos BIPara e em missões. Como no TO se depararem com cenários reais, onde realmente têm de aplicar os seus conhecimentos, incentiva a aprendizagem e faz a ligação entre a teoria, o hipotético e o real, o que é diferenciador em termos de aprendizagem (conforme E6).

No que respeita às soluções para melhorar e mitigar as lacunas identificadas, 62,5% dos entrevistados referem que o aumento da duração do Curso de Paraquedistas, assim como o aumento do tempo dedicado ao CAU e a Técnica e Tática de Combate, as Praças Paraquedistas terminariam a sua formação inicial mais bem preparadas para combater em AU (conforme E2, E4, E5, E6, E8). O treino operacional das Praças Paraquedistas deve ser

o mais próximo do real possível, e para tal é fulcral manter os conteúdos da formação inicial o mais próximo da realidade atual. Neste sentido, a participação dos militares dos BIPara como formadores e auxiliares de instrução do Curso de Paraquedistas é fundamental para uma melhor familiarização das, recém-formadas, Praças Paraquedistas com as TTP dos BIPara. É necessário criar um ambiente de trabalho real, que direciona a formação para a realidade dos BIPara e dos TO, isto é, a formação deve ser um período de transição para o que as Praças Paraquedistas vão executar na realidade (conforme E1, E6).

Algo que contribuiria bastante para melhorar o processo de formação de CAU dos Paraquedistas, seria a existência de uma lista de tarefas, relacionadas com o treino e formação de CAU, uma outra lista de capacidades e técnicas com que as Praças têm de estar habilitadas quando terminam o Curso de Paraquedistas, uma lista com as capacidades com que as Praças chegam, inicialmente, aos BIPara, e quais as tarefas que devem ser reavaliadas periodicamente (conforme E2). A implementação de estágios de aperfeiçoamento de combate, a criação de condições infraestruturas de treino adequadas, o reequipamento nas diversas áreas do sistema de combate do soldado e o treino de combate em ambiente noturno, com recurso a aparelhos de visão noturna e designadores infravermelho, também são fatores que contribuem para mitigar as lacunas do processo de formação de CAU das Praças Paraquedistas. Importa referir que a capacidade de combate de uma Unidade, não se mede apenas pelo nível de formação e treino. O equipamento, o exercício da Liderança por parte dos comandantes, em todos os escalões, e as infraestruturas de treino disponíveis são fundamentais. São fatores decisivos os fatores Liderança, Treino e Equipamento (conforme E1).

Para além disto, os entrevistados acrescentam que a formação e o treino das Praças Paraquedistas melhorariam se fosse aprofundado, durante a formação, o uso de explosivos em CAU, introduzido o arrombamento e brecha, explorada mais a parte do CAU no espaço subterrâneo e do CAU em ambiente noturno com utilização de equipamento específico, ser dada mais ênfase ao tiro, a operações com viaturas, ao combate corpo-a-corpo e à utilização do binómio cinotécnico (conforme E2, E4, E7). O CAU é uma tipologia de combate muito específica, deve ser refinada constantemente, e deve ser treinado tendo em conta os cenários que se vão encontrar no TO, pois o AU difere bastante de local para local (conforme E6). Contudo, importa referir que o RPara tem novas fichas de instrução que melhoram o treino de CAU durante a formação, e que o Referencial de Curso está a ser revisto quanto à importância do CAU e aos tempos dedicados à temática (conforme E5). As Praças Paraquedistas inquiridas, referem, na sua maioria, que a formação de CAU nos

Paraquedistas pode ser melhorada se for dedicado mais tempo à prática durante o Curso de Paraquedistas. Sugerem, tal como os Oficiais entrevistados, que o Curso deve ser mais longo, que o treino de CAU deve ser conduzido, durante o curso, com a orgânica dos BIPara, assim como deve ser orientado cenários reais e para as missões internacionais. Apresentam, ainda, sugestões como a utilização de armas de *airsoft*, o uso de simulação de tiro e de tiro real em CAU (ver Figura 21).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente trabalho, teve como objetivo apurar se a formação das Praças Paraquedistas as prepara para atuar em contexto real, integradas numa FND, e identificar em que momento do seu percurso militar as Praças dominam as capacidades técnicas essenciais e se encontram aptas a combater num TO cuja tipologia de combate é o CAU. Neste capítulo pretende-se responder às PD, o que permitirá responder à PP. Posteriormente, objetiva-se apresentar as limitações sentidas durante a elaboração deste trabalho, assim como se pretende elucidar quanto a recomendações para futuras investigações.

As conclusões da presente investigação relacionam-se com a temática da formação e treino das Praças Paraquedistas, e de que forma é que este processo prepara estes militares para combater em AU. Para tal, foi estudado o processo de formação inicial das Praças Paraquedistas, no RPara, que contempla o CFGCPE e o Curso de Paraquedistas. Posteriormente, estudou-se o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas nos BIPara, que contempla o Treino Operacional, os ciclos de treino e de aprontamento, e a realização de missões internacionais. Foram identificadas lacunas deste processo e formas de as mitigar, assim como se identificaram soluções para melhorar a formação e o treino das Praças Paraquedistas, preparando-as para cenários reais que encontrarão nos TO.

Por forma a alcançar os objetivos traçados na fase inicial da investigação, o trabalho de campo consistiu em Observação Direta, no acompanhamento do Curso de Paraquedistas 01/23, na realização de 8 entrevistas a Oficiais Paraquedistas ligados à formação e/ou com experiência nos BIPara e em missões internacionais, e ainda foi efetuado um questionário a Praças Paraquedistas, ao qual se obtiveram 79 respostas. O cruzamento dos dados resultantes do trabalho de campo e da revisão da literatura, permitiu responder às PD e à PP.

Começando pela **PD1: “São as capacidades e técnicas de CAU que possui uma Praça Paraquedista, aquando termina a sua formação inicial e findado o curso da especialidade, suficientes para ser integrado numa FND?”**, verifica-se que a formação inicial das Praças Paraquedistas permite que estas adquiram as capacidades e técnicas base para integrarem as Unidades Operacionais, os BIPara. As competências, do âmbito do CAU, que as Praças adquirem durante o CFGCPE e Curso de Paraquedistas são competências base que, por si só, não são suficientes para integrar uma FND. Contudo, considerando estas capacidades e técnicas adquiridas durante o Curso como ponto de partida para a integração das Praças nos BIPara, onde, posteriormente, vão passar por ciclos de treino e aprontamento, então estas são suficientes, mas com a ressalva de que as condições para combater em AU se reúnem através do treino operacional que é conduzido nos Batalhões. Para além disto, a integração das Praças nos BIPara, antes de integrar uma FND, é essencial, para que haja uma conciliação com a orgânica e dinâmica dos Grupos, para a adaptação às NEP específicas de cada Batalhão e para que tenham contacto com os sistemas de armas e com o equipamento utilizado nas missões internacionais.

No que concerne à **PD2: “São as capacidades e técnicas de CAU que possui uma Praça Paraquedista, aquando colocado num BIPara num período entre um e dois anos, sem ter realizado, ainda, nenhuma missão, suficientes para ser integrado numa FND?”**, aferiu-se que as Praças colocadas nos BIPara num período entre um e dois anos, sem terem realizado missões, estão aptas a integrar uma FND. Num período como o referido, as Praças acumulam muito conhecimento e experiência, nomeadamente no âmbito do CAU. Isto deve-se aos ciclos de treino e de aprontamento, assim como aos vários exercícios realizados nos BIPara. O treino nos BIPara é conduzido por ciclos, onde se insere o treino de CAU. O treino de CAU inicia com o treino individual e progride para o treino coletivo. No treino individual, as Praças aprendem dinâmicas de movimentação e posicionamento, desenvolvem a capacidade de observar e avaliar o ambiente envolvente, aperfeiçoam as técnicas adquiridas durante a formação inicial. Posteriormente, inicia-se o treino coletivo, onde se introduz o movimento com Equipas, os métodos de entrada em compartimentos, o deslocamento no interior e exterior de edifícios, o treino de CQB em ambiente noturno utilizando aparelhos de visão noturna, a utilização do escudo balístico, entre outras técnicas. Ao longo deste processo, as Praças integram as Equipas com que vão trabalhar, visando o desenvolvimento de dinâmicas assim como a identificação de aspetos a melhorar. O contributo da experiência dos Comandantes de Equipa é fulcral no treino de CAU para o desenvolvimento e apuramento das técnicas e capacidades das Praças.

Relativamente à **PD3: “Quais as capacidades e técnicas adquiridas de CAU por uma Praça Paraquedista no término do seu percurso militar, tendo realizado missões ao abrigo de FNDs?”**, aferiu-se que após realizarem missões e quando estão perto do final do seu tempo de contrato, as Praças Paraquedistas estão dotadas de bastante conhecimento e experiência relativamente ao CAU, pois passaram por vários ciclos de treino. Neste momento da sua carreira, as suas capacidades e técnicas do âmbito do CAU são notavelmente apuradas, e o seu desempenho em tarefas desta tipologia de combate atinge o seu auge. O conjunto de ciclos de treino, aprontamentos e as missões realizadas, contribuem bastante para o incremento do conhecimento e da experiência das Praças Paraquedistas, no que toca ao CAU. Ao longo da sua carreira, na componente operacional, a sua qualidade e à-vontade na execução de tarefas e de operações de CAU melhora consideravelmente. No final do seu tempo de contrato, estes militares dominam as técnicas base de CAU, e adquirem capacidades como: perceção espacial, a capacidade, apurada, de saber ler o terreno, que é resultado da experiência; são capazes de tirar o maior partido do armamento e do equipamento; abertura de brechas e utilização do escudo balístico; uso de aparelhos de visão noturna, câmaras térmicas e designadores laser; aquisição de alvos; entendimento de ângulos de entrada, fundamentos, conceitos e a anatomia de compartimentos; trabalhar em Equipa; e planeamento de operações em CAU.

No final do seu tempo de contrato, as Praças Paraquedistas estão no auge dos seus conhecimentos e capacidades.

No que toca à **PD4: “Está o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, ao longo do seu percurso militar, bem montado para as preparar para o CAU?”**, concluiu-se que este processo tem vindo a melhorar, inclusive a recente reformulação do Curso de Paraquedistas tem contribuído para uma pronta integração das Praças Paraquedistas nos BIPara. A fase inicial deste processo, que contempla o CFGCPE e o Curso de Paraquedistas, fornece os conhecimentos e as técnicas base e essenciais. Posteriormente, nos BIPara, devido aos aprontamentos e ao treino operacional, os conhecimentos e a proficiência das Praças Paraquedistas no combate em AU aumenta. Considerando este processo, que contempla a formação inicial, no RPara, e a formação e o treino conduzido nos BIPara, assim como a experiência obtida nos exercícios e nas missões internacionais, onde se aplicam todos os conhecimentos de CAU, o processo de formação e treino de CAU das Praças Paraquedistas é eficaz e de qualidade, e está bem estruturado. Contudo, este processo estaria completo se houvesse mais formações específicas, como formações em CQB, métodos de inserção e infiltração e tarefas de treino de CAU com tiro

real. Existe, também, a necessidade de rever o Referencial de Curso, e aumentar o tempo de duração deste, para que as Praças atinjam um nível de desempenho melhor mais cedo. O tempo dedicado ao CAU na formação inicial devia ser maior.

Em relação à **PD5: “Quais as lacunas do processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas?”**, as lacunas deste processo que se identificaram foram: o tempo de duração do Curso de Paraquedistas e o tempo dedicado ao CAU; as infraestruturas utilizadas para o treino de CAU, que embora permitam treinar diferentes cenários que se encontram no AU, como o caso do CdECAE, podiam ser melhoradas; a inexistência de um plano de formação e treino de CAU das Praças Paraquedistas, que contemple uma ferramenta de validação das técnicas e conhecimentos; a inexistência de condições para a prática de tiro real em CQB; a dinâmica do Curso de Paraquedistas; e o facto do treino ser diferente nos dois BIPara.

Por fim, quanto à **PD6: “De que forma se podem mitigar as lacunas alusivas à preparação para o CAU, das Praças Paraquedistas, desde logo na sua formação inicial?”**, apurou-se que as lacunas do processo de formação de CAU, das Praças Paraquedistas, podem ser mitigadas se a duração do Curso de Paraquedistas for maior, assim como o tempo dedicado ao CAU e à Técnica e Tática de Combate, durante o Curso, for maior. De forma a preparar as Praças para o CAU, o treino deve ser o mais próximo do real possível, e a formação deve ser direccionada para a realidade dos BIPara e dos TO. Uma outra melhoria significativa do processo de formação em CAU das Praças Paraquedistas, seria a implementação de listas de tarefas relacionadas com o treino e formação desta tipologia de combate, bem como listas das capacidades e técnicas que as Praças devem dominar no final do Curso, lista das capacidades que possuem quando colocadas nos BIPara, e de quais as tarefas que devem ser avaliadas periodicamente. Para além disto, as lacunas podem ser mitigadas com a implementação de estágios de aperfeiçoamento de combate e se durante a formação inicial se aprofundar o uso de explosivos em CAU, se introduzir a abertura e brecha, se explorar o CAU no espaço subterrâneo em ambiente noturno, se for dada mais ênfase ao tiro, a operações com viaturas, ao combate corpo-a-corpo e à utilização do binómio cinotécnico. Contudo, é relevante referir que o Referencial de Curso está a ser revisto, por forma a que na formação seja dedicado mais tempo ao CAU.

Tendo sido elaboradas as respostas a todas as PD, e considerando todo o trabalho de investigação realizado, foi possível responder à **PP: “Em que momento do processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, ao longo do seu percurso militar, estas se**

encontram, efetivamente, operacionais e aptas a combater em ambiente urbano?”, considerando todo o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas em CAU, ao longo da sua carreira, desde o ingresso no CFGCPE ao término do seu tempo de contrato, podemos afirmar que após o Curso de Paraquedistas, as Praças estão aptas a integrar as Unidades Operacionais nos BIPara. Legitimamente, no que toca a integração numa FND, os militares estão aptos a combater em AU quando a Força é creditada.

Ao fim de um ano nos BIPara, as Praças possuem as bases e as competências para realizarem as tarefas que lhes sejam atribuídas. Ao fim de dois anos nos BIPara, estão aptos a realizar ações em AU, mas necessitam de algum comando e controlo por parte dos seus Comandantes. No final do seu tempo de contrato, as Praças executam as mesmas tarefas e ações, mas com interferência mínima dos Comandantes. A integração numa FND e a realização de uma missão pela primeira vez é um momento crítico na formação e treino em CAU, pois suscita nas Praças a necessidade de treinar para o CAU, pois os cenários para que treinam são cenários reais e que se encontram nos TO. Posto isto, pode-se considerar que as Praças Paraquedistas estão aptas a combater em AU após o aprontamento, ou seja, o aprontamento pressupõe a realização de treinos individuais, exercícios de Pelotão e Companhia, treino operacional orientado para a missão, e culmina com o exercício de creditação da Força. Em suma, as Praças Paraquedistas, com o conhecimento e com as técnicas e capacidades adquiridas durante a formação inicial e durante o treino operacional dos BIPara, após a conclusão do aprontamento para projeção da Força para o TO, estão aptas a combater em AU. Não obstante, o treino de CAU deve ser constante.

Relativamente às dificuldades e as limitações relacionadas com o desenvolver desta investigação, é de referir a escassez de documentação e de doutrina relacionada, especificamente, com a formação e com o treino de CAU das Praças Paraquedistas, tanto no Curso de Paraquedistas como nos BIPara.

Esta investigação demonstra a importância e a necessidade de implementar medidas que melhorem a formação e o treino das Praças Paraquedistas no âmbito do CAU, por forma a que estas terminem o Curso de Paraquedistas, e integrem os BIPara, mais bem preparadas e capazes de atuar prontamente em TO como o da RCA. Desta forma, após a realização deste estudo, salienta-se a possibilidade de atualizar o Referencial do Curso de Paraquedistas, visando dar mais preponderância e dedicar mais tempo ao treino de CAU, assim como atualizar a doutrina portuguesa relacionada com o treino e com a formação de CAU.

Objetivando a continuidade desta investigação ou a elaboração de novas investigações que se relacionem com esta, apresento como possibilidade a realização de um estudo que vise a implementação de um processo, aprovado superiormente, que defina todas as técnicas e capacidades de que as Praças Paraquedistas devem ser dotadas em diferentes momentos da sua carreira. Apresenta-se, ainda, o estudo da possibilidade de implementar infraestruturas que permitam o treino de tiro real em CAU e CQB.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, M. M. (2006). *Introdução à Metodologia do Trabalho Científico* (7º ed.). Atlas.
- Araújo e Silva (2013). NATO Training Group. *Azimuth*. (195), 76-83.
- Armee de Terre (2005). *Manuel D'Emploi des Forces Terrestres en Zone Urbaine*, TTA 980. Paris: Centre de Doctrine D'Emploi des Forces.
- Arnold, D. T., & Fiore, N. (2019). *Five Operational Lessons from the Battle for Mosul*. Military Review. Kansas: Army University Press.
- Asymmetric Warfare Group (2016). *Modern Urban Operations – Lessons Learned from Urban Operations from 1980 to the Present* (pp.1-39).
- Bernardino, J. (2019). 3ªFND (Conj)/MINUSCA: Operação SUKULA. *Infantaria*. (04), 32-37.
- Betz, D., & Stanford-Tuck, H. (2019). *The city is neutral: On urban warfare in the 21st century*. Texas National Security Review, 2(4).
- Bigg, M. M. (2023). *How Russia's war in Ukraine has unfolded, month by month*. Obtido de The New York Times: <https://www.nytimes.com/article/ukraine-russia-war-timeline.html>
- Bogdan & Biklen (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Campbell, J., & Kuncel, N. (2001). *Individual and Team Training*. Handbook of Industrial, Work and Organizational Psychology (pp. 278–313). Londres: SAGE.
- Campos, L., Santos, Vieira, & Silva. (2016). O Conflito na República Centro Africana. *Série de Conflitos Internacionais*. 3(1), 1-7.
- Cipriano, V. M. V. (2004). *O combate de unidades mecanizadas em áreas urbanas*. Instituto de Altos Estudos Militares – Curso de Estado Maior. Lisboa.
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixes Methods Approaches*. SAGE Publications.
- Decreto-Lei n.º 236/99. (1999). Diário da República n.º 146/1999, Série I-A de 1999-06-25. 3792-3843. Ministério da Defesa Nacional. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/236-393000>.
- Défense, M. d. (2012). *Doctrine D'Emploi des Forces Terrestres en Zone Urbaine et Periurbaine*, EMP 20.422. Paris.
- DiMarco, L. (2003). *Attacking the Heart and Guts: Urban Operations Through the Ages*. Block by Block: The Challenges of Urban Operations (pp. 1-28). Kansas: U.S. Army Command and General Staff College Press.

- Estado Maior do Exército [EME] (2016a). Quadro Orgânico 07.02.08 – Regimento de Paraquedistas (RParas). Tancos.
- Estado Maior do Exército [EME] (2016b). Quadro Orgânico 09.02.03 – 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista (1BIPara). Tomar.
- Estado Maior do Exército [EME] (2016c). Quadro Orgânico 09.02.04 – 2º Batalhão de Infantaria Paraquedista (2BIPara). São Jacinto.
- Esteves, A. (2021). *Processo de Certificação e Validação do Combate em Áreas Urbanas das Forças Nacionais Destacadas*. Trabalho de investigação aplicada. Mestrado em Ciências Militares, Academia Militar, Lisboa.
- Exército Português (2011). *Manual de Combate em Áreas Edificadas*. PDE 3-07-14. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional
- Exército Português (2012a). *Operações*. PDE 3-00. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português (2012b). *Operações Aerotransportadas*. PDE 3-05-00. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português (2015). *Normas de Gestão de Projetos no Exército*. Divisão de Planeamento de Forças. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional
- Exército Português (2020). *Sistema de Instrução do Exército. Ensino, Formação e Treino*. PDE 7-00. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.
- Exército Português (2023). Forças Especiais – Paraquedistas. In *Exército Portugal*. Acedido a 26 de abril de 2023 em <https://www.exercito.pt/pt/junta-te/tropas-especiais/TE-para>.
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de Investigação: Da conceção à realização*. Lusociência.
- Fortin, M. F. (2009). *O Processo de Investigação: da conceção à realização* (5.ª ed.). Lusociência.
- Fox, A.C. (2022). *The Russo-Ukraine War and the Principles of Urban Operations*. Small Wars Journal. <https://smallwarsjournal.com/jrnl/art/rucco-ukrainian-war-and-principles-urban-operations>. Consultado em 22 de abril de 2023.
- Freixo, M. J. V. (2011). *Metodologia científica - Fundamentos, métodos e técnicas*. Instituto Piaget.
- Gabinete de Tática e Técnica de Movimento e Manobra / Gabinete de Infantaria (2020). *Movimento e Manobra no Combate em Áreas Urbanas, a utilização de viaturas no TO da RCA*. Armas Combinadas (07), p. 22-29.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6º ed.). Atlas.

- Given, L. M. (Ed.). (2008). *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. Sage publications.
- Gomes da Silva, A. M. (2003). *O Exército no combate em áreas urbanas. Que capacidades?* Trabalho individual de longa duração. Curso de Estado Maior, Instituto de Altos Estudos Militares, Lisboa.
- Gonçalves, C. M. (2022). Cronologia das Tropas Paraquedistas em Portugal. Tancos: Regimento de Paraquedistas.
- Gonçalves, L. (2022). A Formação no Caminho da Excelência. *Jornal do Exército*, 26-29.
- Grau, L. W., & Kipp, J. W. (1999). Urban combat: Confronting the specter. *Military Review*, 79, 9-17.
- Grau, L. W. & Bartles, C. K. (2022). The Russian Army and Maneuver Defense. *Armor*. <https://www.benning.army.mil/armor/eARMOR/content/issues/2022/Winter/1Grau-Bartles22.pdf>. Consultado em 12 de abril de 2023.
- Haro, F., Serafim, J., Cobra, J., Faria, L., Roque, M. I., Ramos, M., & Costa, R. (2016). *Investigação em ciências sociais: Guia prático do estudante*. Lisboa: Pactor.
- Headquarters Department of the Army (2006). *FM 3-06 Urban Operations*. Washington: EUA.
- Headquarters Department of the Army (2008). *TC 90-1 Training for Urban Operations*. Washington: EUA.
- Instituto Universitário Militar [IUM] (2006). *Orientações Metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Lisboa: IUM
- James, W.T. (2015). *From Siege to Surgical: The Evolution of Urban Combat from World War II to the present and Its Effect on Current Doctrine*. Pickle Partners Publishing.
- Joint Doctrine (2013). *Joint Urban Operations*, Joint Publication 3-06. USA: Joint Chiefs of Staff.
- King, A. (2021). *Urban warfare in the twenty-first century*. Cambridge: Polity Press.
- Konaev, M. (2019). *The Future of Urban Warfare in the Age of Megacities*. *Focus stratégique*, No. 88. Ifri.
- Lampton, D. R., Clark, B. R., & Knerr, B. W. (2003). *Urban combat: The ultimate extreme environment*. *Journal of Human Performance in Extreme Environments*, 7(2), Article 11.
- Lapan, S., Quartaroli, M., & Riemer, F. (2011). *Qualitative Research: An Introduction to Methods and Designs* (1 st ed.). Jossey-Bass publishing.

- Lima, D. B. (2021). *Avaliar a Possibilidade de Emprego de Munição Real no Treino de Combate em Áreas Urbanas no Exército Português*. Trabalho de Investigação Aplicada. Mestrado em Ciências Militares. Lisboa: Academia Militar.
- Louro, J. (2011). Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas. *Azimute*. (192), 40-42.
- Marconi, M. D., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da Metodologia Científica* (5.^a ed.). Editora Atlas.
- Martins, L. J. P., & Eugénio, A. L. B. (2015). *Análise Geopolítica e Geoestratégica da Ucrânia*. Cadernos do IESM. Lisboa: Instituto de Ensino Superior Militar.
- Medronho, J. (2013). *Contributos para a implementação de um Centro de Excelência de Combate em Áreas Edificadas (CdECAE) como modelo de formação e treino no Exército Português*. Trabalho de investigação aplicada. Mestrado em Ciências Militares, Academia Militar, Lisboa.
- Miaoulis, G., & Michener, R. D. (1976). *An introduction to sampling*. Kendall.
- Mills, A., Eurepos, G. & Wiebe, E. (2010). *Encyclopedia of case study research – Volume 1*. Sage Publications, Inc.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2017). Diretiva N.º2/1FND/MINUSCA. *Emprego da 1.ª FND para a missão na MINUSCA*.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN] (2021). *Formação Geral Comum de Praças do Exército*. Referencial de Curso. Lisboa.
- Monteiro, A. (1993). O Homem, a casa e o Ambiente Urbano. In Monteiro, A., In *O Clima Urbano do Porto- Contribuição para a definição de estratégias de planeamento e ordenamento do território, Cap.III*. pp.1-38. Lisboa.
- <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo9281.PDF>. Consultado em 13 de março de 2023.
- Monteiro, S. (2020). A Importância da certificação de forças no Combate em Ambiente Urbano para uma prontidão permanente. *Armas Combinadas*. (07), 40-45.
- NATO (2014). *Education And Training For Urban Operation*.
- NATO (2017a). *AJP-01 Allied Joint Doctrine* (Edição E – Versão 1). Bruxelas: NATO Standardization Office.
- NATO (2017b). *ATP-99 Urban Tactics* (Edição A – Versão 1). Bruxelas: NATO Standardization Office.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa do Trabalho Académico*. Feevale.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais (Vol. 63)*. Gradiva.
- Ramalho, J. P. (2009). O Aprontamento e Sustentação das Forças do Exército nas Missões Internacionais da NATO. *Nação e Defesa* (123 - 4º Série), 63-80.
- Robson, C., & McCartan, K. (2016). *Real World Research*. Wiley.
- Rodrigues, Miguel (2011). O tratamento e análise de dados. In Silvestre, Hugo Consciência; Araújo, Joaquim Filipe Cap. IX de Metodologia para a Investigação Social. Lisboa: Escolar Editora. p. 179-230.
- Romão, P. M. (2002). Treino Operacional e Modelo de Formação Contínua do Exército. Trabalho Individual de Longa Duração - Curso de Estado Maior. IUM.
- Rosado, D. P. (2015). *Sociologia da Gestão e das Organizações*. Gradiva.
- Rosado, D. P. (2017). *Elementos Essenciais de Sociologia Geral*. Gradiva.
- Rupe, C.A. (1999). *The Battle of Grozny: Lessons for Military Operations on Urbanized Terrain*. Vol. 108. Fort Knox: Armor.
- Santos, S., Sardo, S., & Matos, M. (2016). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Sílabo.
- Santos, L., Garcia, F., Monteiro, F., Lima, J., Silva, N., Silva, J. & Afonso, C. (2016). *Orientações Metodológicas para a elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: IESM.
- Saramago, B., Silva, R. e., Barreira, J. L., Borges, L., & Cavaleiro, F. (2018). O Treino Operacional nas Unidades de Infantaria. *Revista Militar da Infantaria Portuguesa*, 34-40.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Universidade Lusíada Editora.
- Scales, R. H. (2005). Urban Warfare: A Soldier's View. *Military Review*, 85(1), p.9-18. <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/Primer-on-Urban-Operation/Documents/Scales-Urban-Warfare.pdf> Consultado em 16 de março de 2023.
- Silva, N., Brito, J. & Vasconcelos, H. (2016). Secção: A unidade base de emprego tático das Tropas Paraquedistas. *Revista Militar da Arma de Infantaria*, pp. 26-31.
- Sliwa, Z. (2009). Facing the Complex Battleground: Urbanized Terrain. *Baltic Security & Defence Review*, 11(2), 130-142.

- Sousa, F. X. (2007). *As Capacidades Militares Terrestres nas Operações de Apoio À Paz*. Revista Militar. http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=240. Consultado em 8 de abril de 2023.
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios - Segundo Bolonha*. Lidel.
- Spencer, J. (2021). The Eight Rules Of Urban Warfare And Why We Must Work To Change Them. *Modern War Institute at West Point*. <https://mwi.usma.edu/the-eight-rules-of-urban-warfare-and-why-we-must-work-to-change-them/>. Consultado em 10 de março de 2023.
- Spencer, J. & Geroux, J. (2022). Defending The City: An Overview Of Defensive Tactics From The Modern History Of Urban Warfare. *Modern War Institute at West Point*. <https://mwi.usma.edu/defending-the-city-an-overview-of-defensive-tactics-from-the-modern-history-of-urban-warfare/>. Consultado em 23 de março de 2023.
- Thomas, L. T. (1999). *The Battle of Grozny: Deadly Classroom for Urban Combat*. U.S. Army War College Quarterly: Parameters.
- US Army. (2008). *TC90-1 Training for Urban Operations*. US Army.
- Vautravers, A. (2020). *Military operations in urban areas*. *International Review of the Red Cross*, 92(878), pp. 423-440.
- Weinberg, G. L. (2001). *Stalingrad and Berlin: Fighting in Urban Terrain*. In M. C. Desch (Ed.), *Soldiers in Cities: Military Operations on Urban Terrain* (pp. 17–28). Strategic Studies Institute, US Army War College.

APÊNDICES

APÊNDICE A - MÓDULOS DO CURSO DE PARAQUEDISTA

Tabela 4 - Módulos Curso de Paraquedista

Módulo	Tempos de Instrução
Transmissões	9
Socorrismo	8
Sapadores	6
Técnicas de Transposição de Obstáculos	20
Nautismo	12
Sobrevivência/ Prisioneiros de Guerra / Fuga e Evasão	7
Armamento e Equipamento	68
Técnica de Combate	138
Operações Aerotransportadas e Aeromóveis	6
Tiro	33
Topografia	4
Treino Físico	97
Nota: Não contempla Técnica Elementar de Paraquedismo, Avaliações, Exercício Final e Diversos	
TOTAL	408

Fonte: Elaboração própria adaptado do Horário do Curso de Paraquedistas 02/22.

APÊNDICE B - INSTRUÇÕES DE CAU DO CURSO DE PARAQUEDISTA 02/22

Tabela 5 - Instruções de CAU do Curso de Paraquedistas 02/22

Instruções de CAU	
Instrução	Tempos de Instrução
Caraterizar o combate em áreas edificadas	1
Verificar efeitos dos projeteis e explosivos em áreas edificadas	1
Reagir a fogo Sniper em ambiente urbano	1
Progredir em áreas edificadas	2
Instalar em áreas edificadas sem preparação	1
Executar técnicas de marcação de edifícios	1
Executar técnicas de entradas nos edifícios	2,5
Executar a limpeza e busca de compartimentos	11
Efetuar o assalto a um edifício	1
Reagir e executar uma emboscada em ambiente urbano	5
Executar ações de reabastecimento em ambiente urbano	Não discriminado
Pista de Combate em Ambiente Urbano	Não discriminado
Executar tiro instintivo/individual com a Espingarda Automática Galil 5,56mm ARM/AR em áreas edificadas	Não discriminado
TOTAL	26,5

Fonte: Elaboração própria adaptado do Horário do Curso de Paraquedistas 02/22.

APÊNDICE C - GUIÃO DAS ENTREVISTAS



ACADEMIA MILITAR ENTREVISTA

PREÂMBULO:

O presente inquérito por entrevista surge no seguimento do ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, sendo uma componente essencial para a elaboração do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada. O tema em estudo é: **“A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano – O Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças. Caso de Estudo: Batalhões de Infantaria Paraquedista”** onde se analisa o processo de formação das praças paraquedistas, no âmbito do CAU, desde o momento em que ingressam no Curso de Paraquedistas até ao momento de término do seu contrato, passando por momentos como a integração nos BIPara, e o respetivo treino operacional, e na realização de missões internacionais. Pretende-se com esta investigação entender se as capacidades adquiridas ao longo deste processo são suficientes para uma pronta atuação em contexto real, e em que momento do processo de formação as praças paraquedistas se encontram aptas a combater em ambiente urbano, assim como identificar as fragilidades e perceber como as colmatar, o que é necessário treinar mais e em que áreas é necessário evoluir.

Esta entrevista semiestruturada tem como objetivo compreender e comparar, com os dados obtidos na análise prévia de documentação, o ponto de vista de alguém com experiência no tema. É dada total liberdade ao entrevistado para partilhar qualquer informação que considere pertinente e oportuna para o estudo, sendo que nos casos que assim o exija será dada total confidencialidade à identidade dos entrevistados.

GUIÃO

Nome:

Posto/Função:

Unidade:

SubUn:

Data:

1.1 Quais são as funções que desempenha neste momento?

1.2 Já realizou missões internacionais? Se sim, identifique quais.

1.3 Nas missões que realizou deparou-se com ações que implicassem a aplicação de conhecimentos e técnicas de CAU?

1.4 Considera que as técnicas e capacidades, no âmbito do CAU, adquiridas por uma Praça Paraquedista, quando termina a sua formação inicial e o Curso de Paraquedistas, são suficientes para este ser integrado numa FND?

a) Considerando as seguintes técnicas, classifique de 1 (Muito Pouco) a 5 (Muito à-vontade), a proficiência e o à-vontade das Praças Paraquedistas, neste momento do seu percurso, em realizar as mesmas:

- i. TIC em CAU:**
- ii. Dobragem de esquinas:**
- iii. Limpeza de portas/janelas/seteiras:**
- iv. Limpeza de fachadas:**
- v. Métodos de entrada em edifícios/compartimentos:**
- vi. Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa:**

b) Na sua opinião, o tempo dedicado ao CAU no Curso de Paraquedistas é suficiente? Por favor, justifique sucintamente.

1.5 Considere uma Praça Paraquedista que esteja colocada num BIPara num período entre 1 e 2 anos, e que ainda não realizou nenhuma missão. Os conhecimentos que obtém no batalhão, devido ao treino aí conduzido, tornam-no apto para integrar uma FND? Por favor, descreva sucintamente o treino de CAU nos BIPara.

a) Considerando as seguintes técnicas, classifique de 1 (Muito Pouco) a 5 (Muito à-vontade), a proficiência e o à-vontade das Praças Paraquedistas, neste momento do seu percurso, em realizar as mesmas:

- i. TIC em CAU:**
- ii. Dobragem de esquinas:**
- iii. Limpeza de portas/janelas/seteiras:**
- iv. Limpeza de fachadas:**
- v. Métodos de entrada em edifícios/compartimentos:**
- vi. Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa:**

1.6 No final do tempo de contrato das Praças Paraquedistas, num momento em que estas já realizaram missões, como classifica o seu nível de conhecimentos em CAU? Indique, por favor, quais são as técnicas e capacidades de que este é dotado neste momento do seu percurso militar.

a) Considerando as seguintes técnicas, classifique de 1 (Muito Pouco) a 5 (Muito à-vontade), a proficiência e o à-vontade das Praças Paraquedistas, neste momento do seu percurso, em realizar as mesmas:

- i. TIC em CAU:**
- ii. Dobragem de esquinas:**
- iii. Limpeza de portas/janelas/seteiras:**
- iv. Limpeza de fachadas:**
- vi. Métodos de entrada em edifícios/compartimentos:**
- vii. Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa:**

1.7 Tendo em conta todo o processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas, desde o momento em que ingressam no Curso de Paraquedista até ao momento em que completam a totalidade do tempo de contrato, considera que este processo está bem montado para as preparar para esta tipologia de combate? Por favor, justifique.

- 1.8 Considera as infraestruturas utilizadas pelos Paraquedistas para o treino de CAU suficientes? Explique, por favor, a sua resposta.**
- 1.9 Na sua opinião, quais são as lacunas do processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas?**
- 1.10 Tendo em conta as lacunas identificadas no processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas, de que forma pensa que estas podem ser melhoradas e mitigadas desde logo nos momentos iniciais da formação?**
- 1.11 Na sua opinião, em que momento de todo o processo de formação e treino das Praças Paraquedistas, estas se encontram operacionais e aptas a combater em AU? Por favor, justifique.**
- 1.12 Tem algum contributo ou opinião que considere relevante para esta investigação?**

Obrigado pela disponibilidade e colaboração.

João Manuel Delgado Ribeiro
Aspirante de Infantaria

APÊNDICE D - CARTA DE APRESENTAÇÃO E PREÂMBULO DAS ENTREVISTAS

CARTA DE APRESENTAÇÃO



ACADEMIA MILITAR

A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano – O Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças.

Caso de Estudo: Batalhões de Infantaria Paraquedista

Autor: Aspirante de Infantaria João Manuel Delgado Ribeiro

Orientador: Professor Doutor José Silvestre Serra Silva

Coorientador: Major de Infantaria Hugo Rodrigo Paulino Silvano Brigas

Mestrado Integrado de Ciências Militares na Especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2023

CARTA DE APRESENTAÇÃO

O respetivo Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), intitulado “A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano – O Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças. Caso de Estudo: Batalhões de Infantaria Paraquedista”, é parte integrante do ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Infantaria, da Academia Militar.

O Objetivo Geral desta investigação prende-se com a intenção de apurar se a formação que as praças paraquedistas recebem ao longo do seu percurso militar é suficiente para atuar num contexto real, integrando uma FND, e identificar em que momento desse percurso os militares se encontram, efetivamente, aptos a combater em TO cuja tipologia de combate é maioritariamente de CAU e dominam as capacidades técnicas essenciais

Assim sendo, torna-se importante a procura de informação, respostas e opiniões por parte de operacionais que se encontrem a desempenhar, ou tenham desempenhado, funções no âmbito da formação de praças Paraquedistas, desde o momento em que ingressam nas fileiras no Regimento de Paraquedistas até terminarem o Curso de Paraquedistas, da mesma forma que é fulcral o testemunho de operacionais que exerceram funções do comando nos Batalhões de Infantaria Paraquedista, com especial relevância para o exercício dessas funções no decorrer de missões internacionais.

Face ao referido anteriormente, venho por este meio solicitar a Vossa Excelência que me conceda uma entrevista, tendo em consideração que os seus contributos serão fulcrais à elaboração e desenvolvimento desta investigação.

Grato pela sua disponibilidade

Cordialmente,

João Manuel Delgado Ribeiro

Aspirante de Infantaria

APÊNDICE E - ESTRUTURA E ANÁLISE ESTATÍSTICA DO QUESTIONÁRIO

Questionário - O Processo de Formação e de Aquisição de Competências em CAU

O presente questionário surge no seguimento do ciclo de estudos do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, sendo uma componente essencial para a elaboração do Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada. O tema em estudo é: “A Secção de Atiradores no Combate em Ambiente Urbano – O Processo de Formação e de Aquisição de Competências na Categoria de Praças. Caso de Estudo: Batalhões de Infantaria Paraquedista” onde se analisa o processo de formação das Praças Paraquedistas, no âmbito do CAU, desde o momento em que ingressam no Curso de Paraquedistas até ao momento de término do seu contrato, passando por momentos como a integração nos BIPara, e o respetivo treino operacional, e na realização de missões internacionais. Pretende-se com esta investigação entender se as capacidades adquiridas ao longo deste processo são suficientes para uma pronta atuação em contexto real, e em que momento do processo de formação as Praças Paraquedistas se encontram aptas a combater em ambiente urbano, assim como identificar as fragilidades e perceber como as colmatar, o que é necessário treinar mais e em que áreas é necessário evoluir.

Por favor, ao preencher o questionário tenha em atenção que:

Tenha atenção ao enunciado de cada pergunta. O tempo de resposta a este questionário é de 3 a 5 minutos.

1. A maioria das questões foi concebida de modo a ser respondida através de escolha múltipla. Assinale a(s) resposta(s) com um (X).
2. Não existem respostas corretas nem incorretas. Apenas se pretende obter a sua opinião.
3. As suas respostas são confidenciais e anónimas.
4. Se alguma questão for difícil de responder, responda o melhor que puder.
5. Nas perguntas de resposta curta, responda apenas se aplicável a si, caso contrário, deixe em branco.

6. Nas perguntas de resposta curta, responda de forma simples e concisa.

7. Em caso de dúvida não hesite em contactar ribeiro.jmd2@exercito.pt

Obrigatório *

Responsável pelo estudo: Aspirante de Infantaria João Manuel Delgado Ribeiro

1. Posto *

Marcar apenas uma oval.

- Soldado
- 2º Cabo
- 1º Cabo
- Cabo-Adjunto

2. Unidade em que está colocado *

Marcar apenas uma oval.

- RPara
- 1BIPara
- 2BIPara

3. Em que ano concluiu o Curso de Paraquedistas? *

Marcar apenas uma oval.

- 2016
- 2017
- 2018
- 2019
- 2020
- 2021
- 2022
- 2023

4. Quanto tempo esteve colocado no BIPara? *

Marcar apenas uma oval.

- 1 ano
- 1 a 2 anos
- 2 a 3 anos
- 3 a 4 anos
- 4 a 5 anos
- 5 a 6 anos
- Não se aplica

5. Já realizou missões internacionais? (Ex: FND na RCA) *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

6. Se respondeu "Sim" à questão anterior, enuncie as missões em que participou.
(Exemplo: 2 missões (3ºFND e 6ºFND))

7. Se participou em missões internacionais: Nessas missões, teve de aplicar técnicas e conhecimentos de CAU?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

8. Relativamente ao Curso de Paraquedistas. *

Classifique o tempo dedicado ao CAU durante o curso.

Marcar apenas uma oval.

Insuficiente

1

2

3

4

5

Suficiente

9. Considera que as capacidades e técnicas de CAU que adquire durante o Curso de Paraquedistas o tomam apto a integrar uma FND, imediatamente após o termino do curso? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

10. Considerando as seguintes técnicas, classifique de 1 (Muito Pouco) a 5 (Muito à-vontade), a proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução das mesmas imediatamente após o término do Curso de Paraquedistas.

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
TIC em CAU	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dobragem de Esquinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de portas/janelas/seteiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de fachadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Métodos de entrada em edifícios/compartimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

11. Após o término do seu Curso de Paraquedistas, como classifica o seu nível de capacidades relativamente ao CAU?

Marcar apenas uma oval.

Fraco

1

2

3

4

5

Muito Bom

12. Considerando as seguintes técnicas, classifique de 1 (Muito Pouco) a 5 (Muito à-vontade), a proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução das mesmas, no momento do seu percurso militar, em que se encontrava colocado num dos BIPara, mas ainda não tinha realizado nenhuma missão.

*PS: Se não se aplicar a si, ignore a pergunta, deixe em branco.

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
TIC em CAU	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dobragem de esquinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de portas/janelas/seteiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de fachadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Métodos de entrada em edifícios/compartimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. No momento do seu percurso militar descrito na pergunta anterior, como classifica o seu nível de capacidades relativamente ao CAU?

*PS: Se não se aplicar a si, ignore a pergunta, deixe em branco.

Marcar apenas uma oval.

Fraco

1

2

3

4

5

Muito Bom

14. Considerando as seguintes técnicas, classifique de 1 (Muito Pouco) a 5 (Muito à-vontade), a proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução das mesmas, no momento final do seu percurso militar, em que se encontrava colocado, ou esteve colocado, num dos BIPara, e já tinha realizado missões.

*PS: Se não se aplicar a si, ignore a pergunta, deixe em branco.

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4	5
TIC em CAU	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Dobragem de esquinas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de portas/janelas/seteiras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de fachadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Métodos de entrada em edifícios/compartimentos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza de compartimentos em Esquadra/Equipa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. No momento do seu percurso militar descrito na pergunta anterior, como classifica o seu nível de capacidades relativamente ao CAU?

*PS: Se não se aplicar a si, ignore a pergunta, deixe em branco.

Marcar apenas uma oval.

Fraco

1

2

3

4

5

Muito Bom

16. Considerando todo o processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas, desde o momento em que ingressam no Curso de Paraquedistas até ao momento em que terminam o contrato. Na sua opinião, o processo está bem estruturado para preparar os militares para esta tipologia de combate? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

17. Classifique as infraestruturas utilizadas pelos Paraquedistas para o treino de CAU. (Ex: Aldeia de Camões, na Escola das Armas em Mafra) *

Marcar apenas uma oval.

Pouco Adequadas

1

2

3

4

5

Muito Adequadas

18. Na sua opinião, o que acha que pode ser implementado para melhorar a formação de CAU nos Paraquedistas, com especial atenção para o Curso de Paraquedistas. *

*PS: Responda de forma simples e direta.

ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS QUESTIONÁRIOS

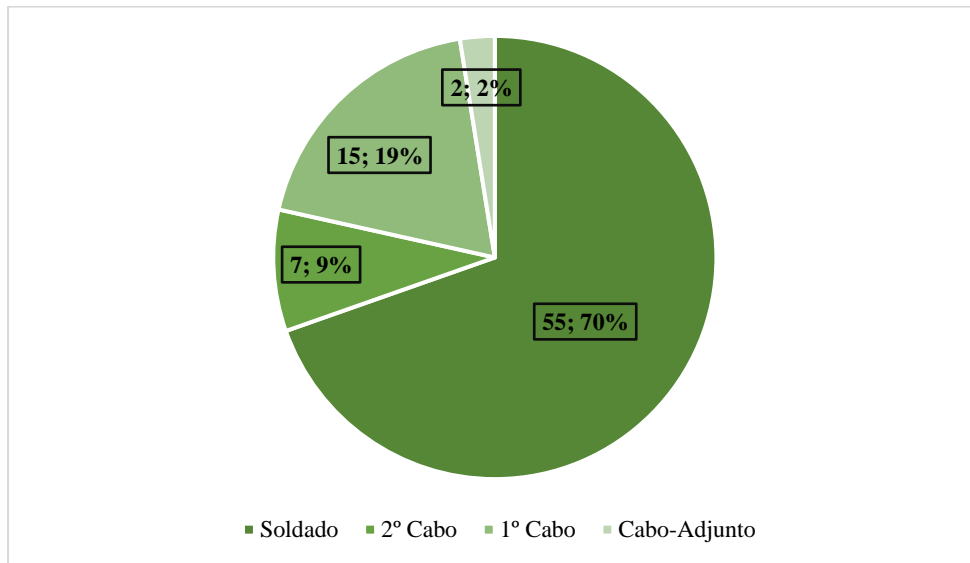


Figura 4 - Posto das Praças Inquiridas (Questão 1)

Fonte: Elaboração Própria

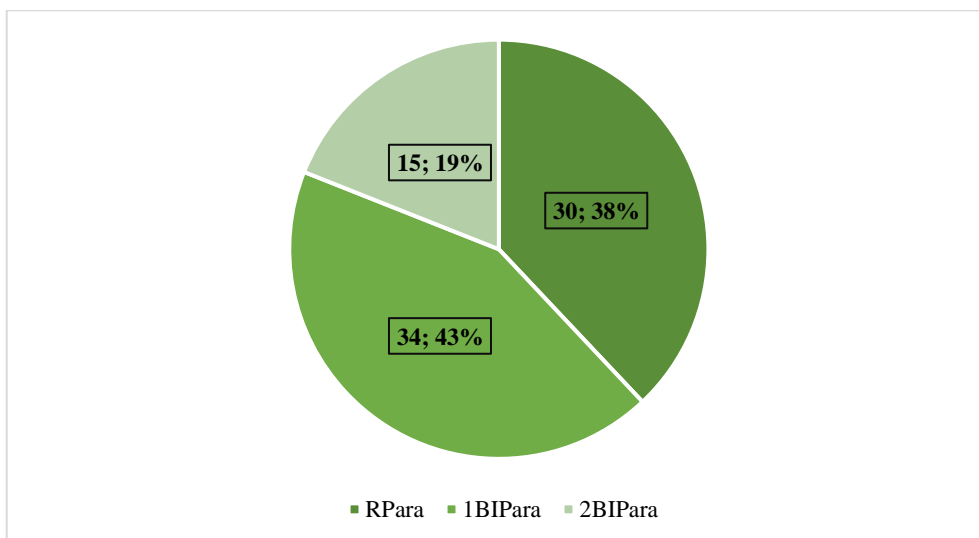


Figura 5 - Unidade em que as Praças inquiridas prestam/prestaram serviço (Questão 2)

Fonte: Elaboração própria

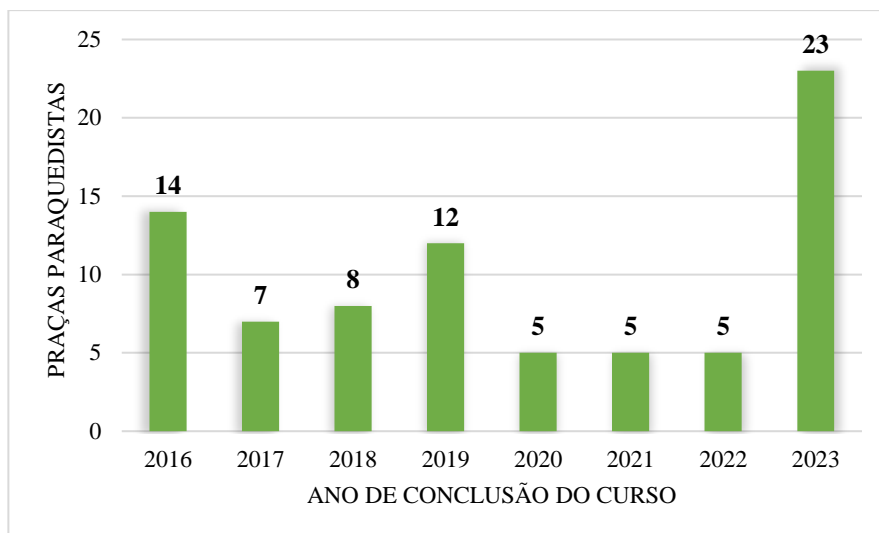


Figura 6 - Ano de Conclusão do Curso de Paraquedista das Praças Inquiridas (Questão 3)

Fonte: Elaboração própria

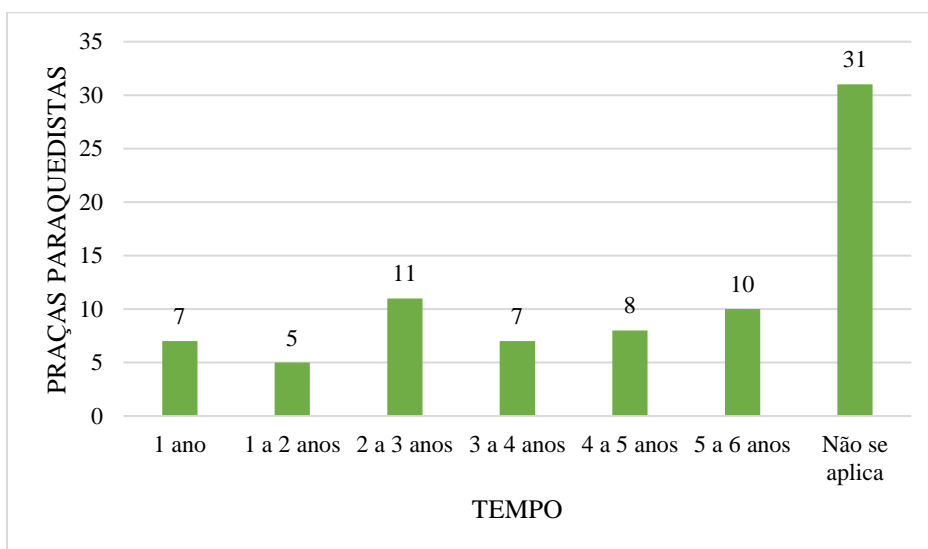


Figura 7 - Tempo de Colocação nos BIPara (Questão 4)

Fonte: Elaboração própria

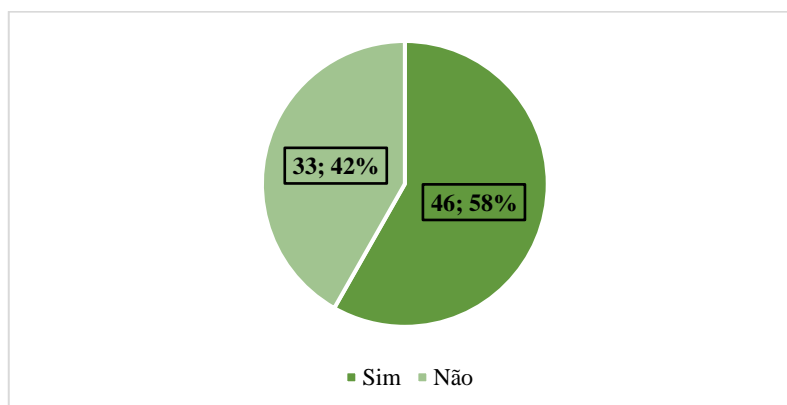


Figura 8 - Praças Paraquedistas que Realizaram Missões Internacionais (Questão 5)

Fonte: Elaboração própria



Figura 9 - Quantidade de Missões Realizadas (Questão 6)

Fonte: Elaboração própria

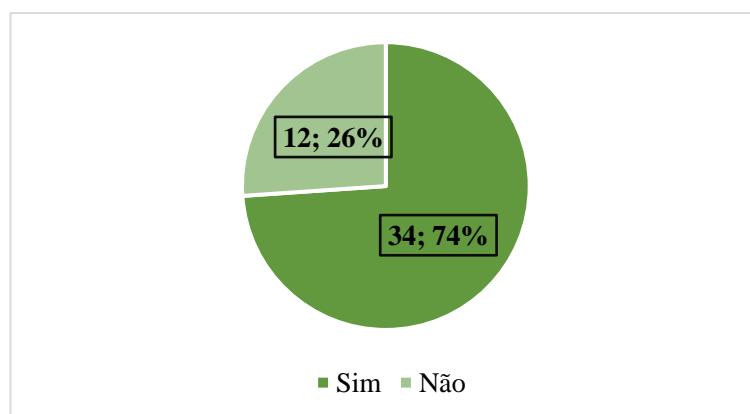


Figura 10 - Aplicação de Técnicas e Conhecimentos de CAU em Missões Internacionais (Questão 7)

Fonte: Elaboração própria

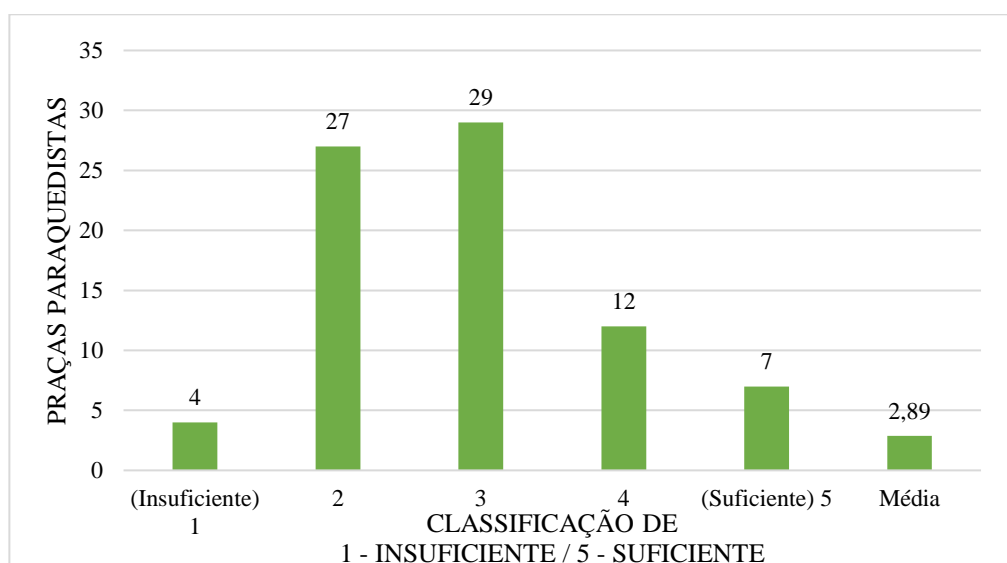


Figura 11 - Tempo Dedicado ao CAU durante o Curso de Paraquedistas (Questão 8)

Fonte: Elaboração própria

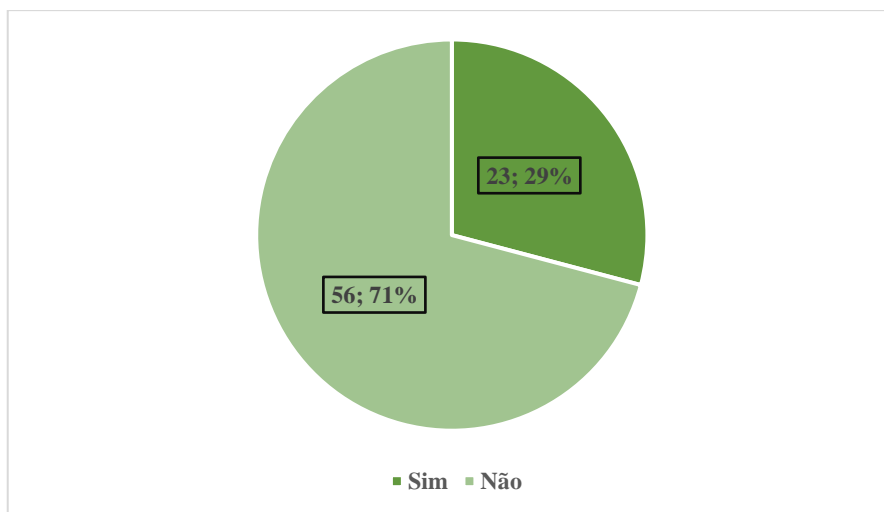


Figura 12 - Aptidão para Integrar uma FND, após término do Curso de Paraquedistas, considerando as técnicas de CAU aprendidas no curso (Questão 9)

Fonte: Elaboração própria

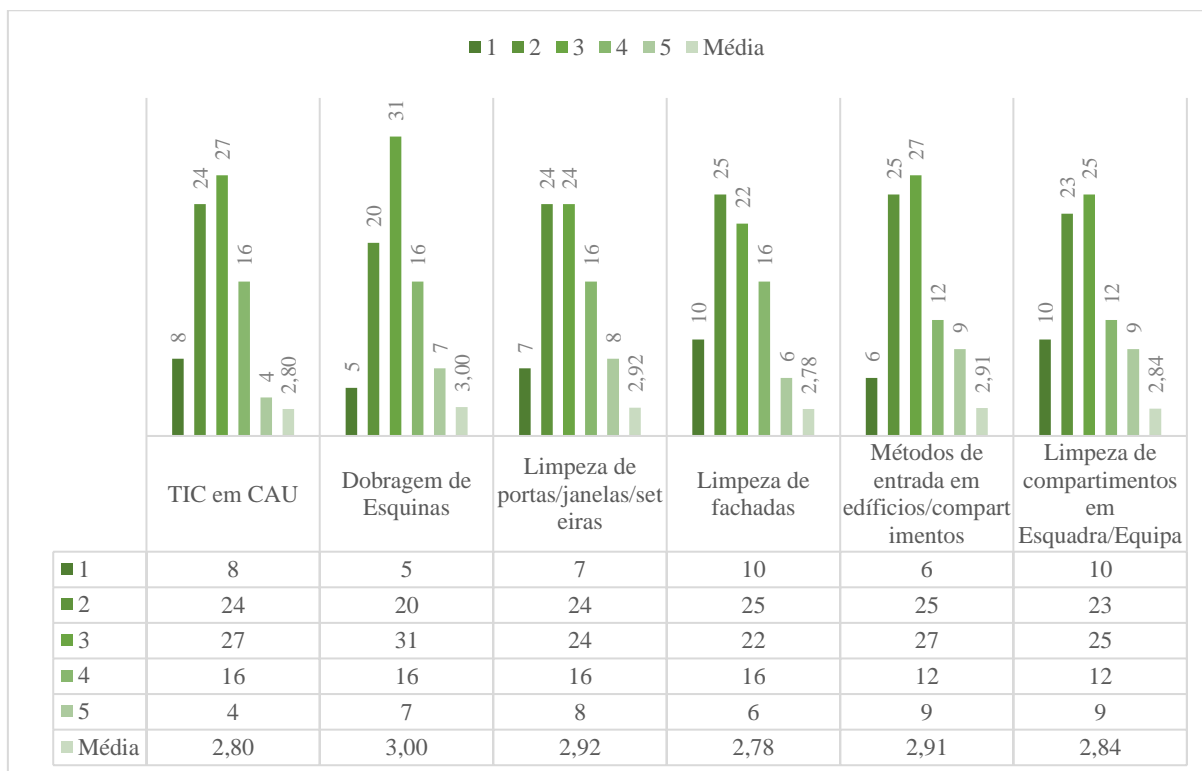


Figura 13 - Proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução de técnicas imediatamente após o término do Curso de Paraquedistas (Questão 10)

Fonte: Elaboração própria

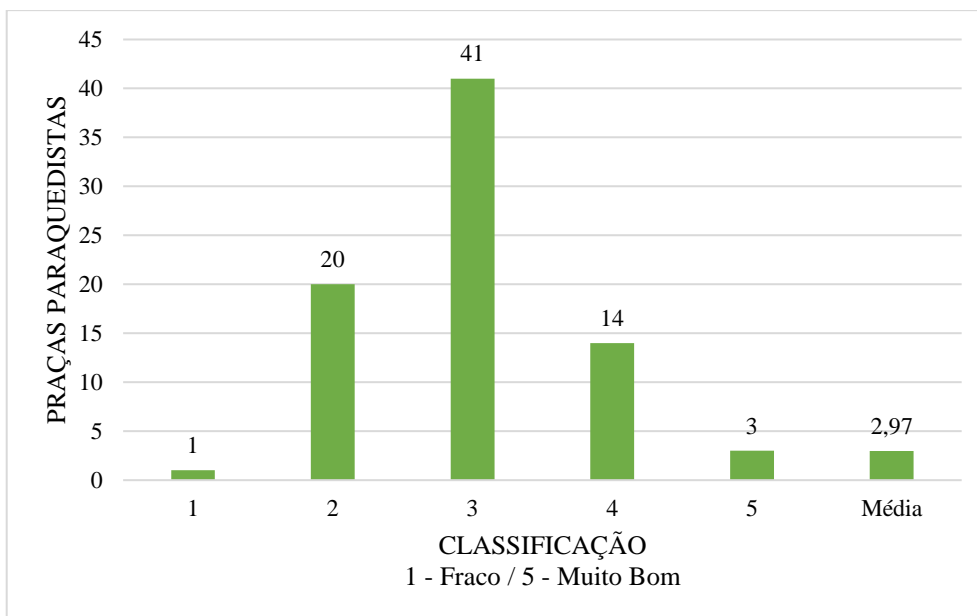


Figura 14 - Classificação do nível de capacidades de CAU após o término do seu Curso de Paraquedistas (Questão 11)

Fonte: Elaboração própria

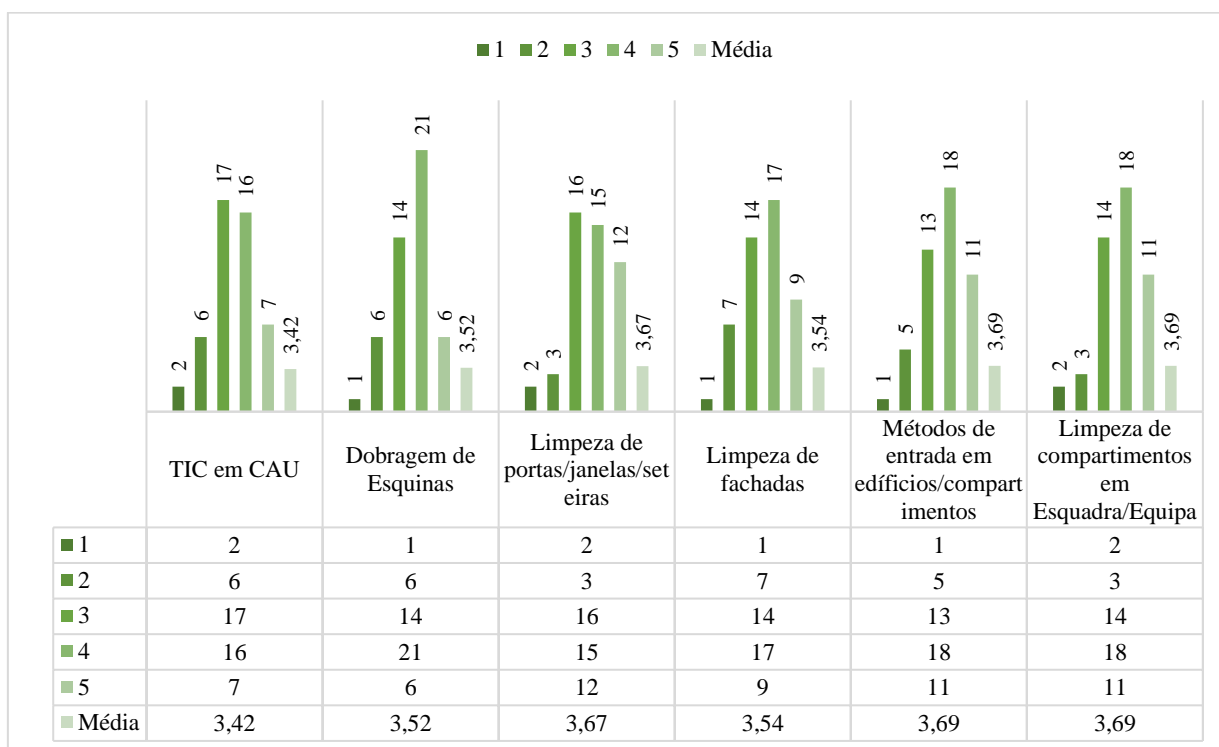


Figura 15 - Proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução de técnicas de CAU quando colocado num dos BIPara, sem ter realizado nenhuma missão (Questão 12)

Fonte: Elaboração própria

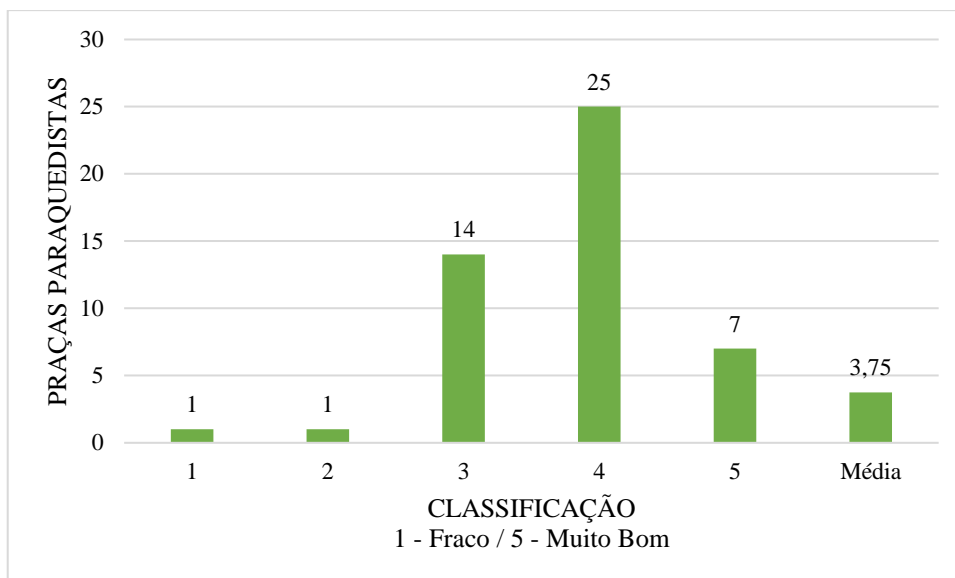


Figura 16 - Classificação do nível de capacidades de CAU quando colocado num dos BIPara, sem ter realizado nenhuma missão (Questão 13)

Fonte: Elaboração própria

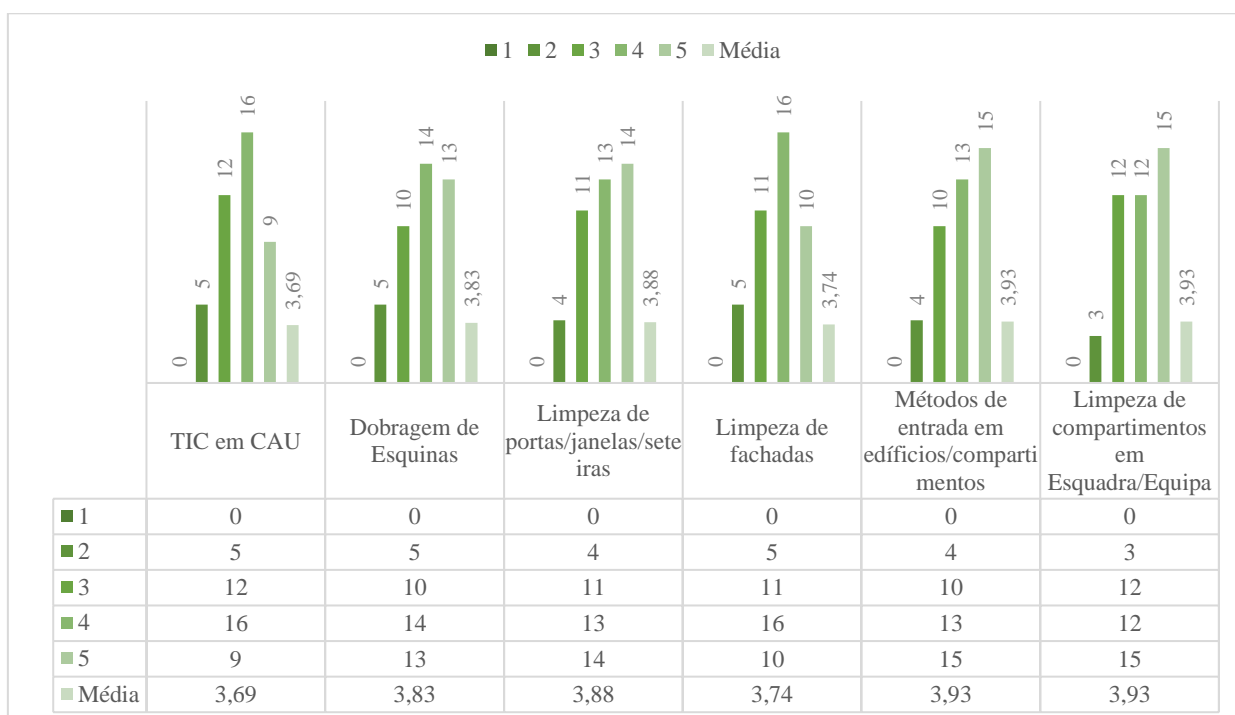


Figura 17 - Proficiência e o à-vontade que sente/sentia na execução de técnicas de CAU no momento final do percurso militar estando, ou tendo estado, colocado num dos BIPara e já tinha realizado missões (Questão 14)

Fonte: Elaboração própria

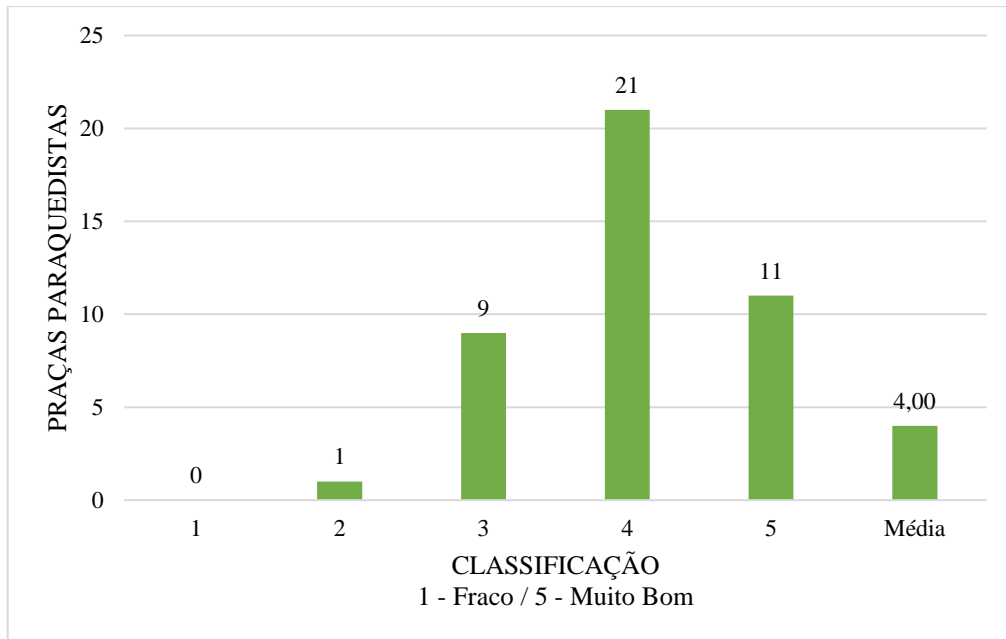


Figura 18 - Classificação do nível de capacidades de CAU no momento final do percurso militar estando, ou tendo estado, colocado num dos BIPara e já tinha realizado missões (Questão 15)

Fonte: Elaboração própria

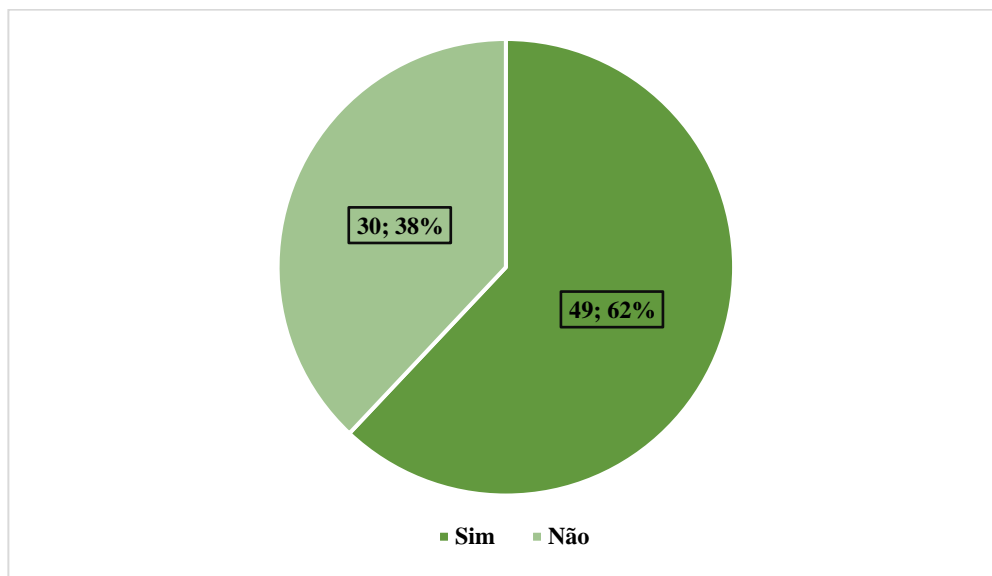


Figura 19 - Considerações quanto ao processo de formação em CAU das Praças Paraquedistas (Questão 16)

Fonte: Elaboração própria

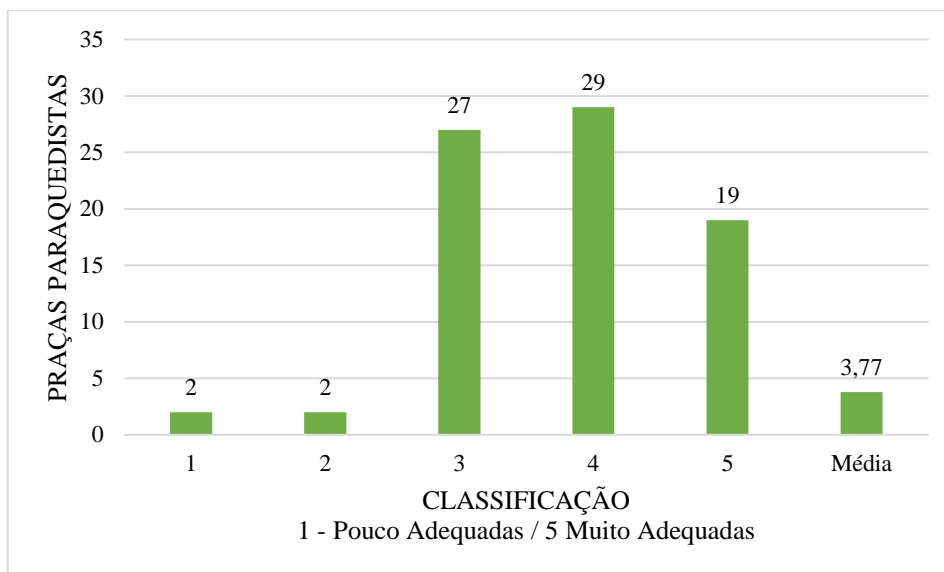


Figura 20 - Classificação das infraestruturas utilizadas pelos Paraquedistas para o treino de CAU (Questão 17)

Fonte: Elaboração própria

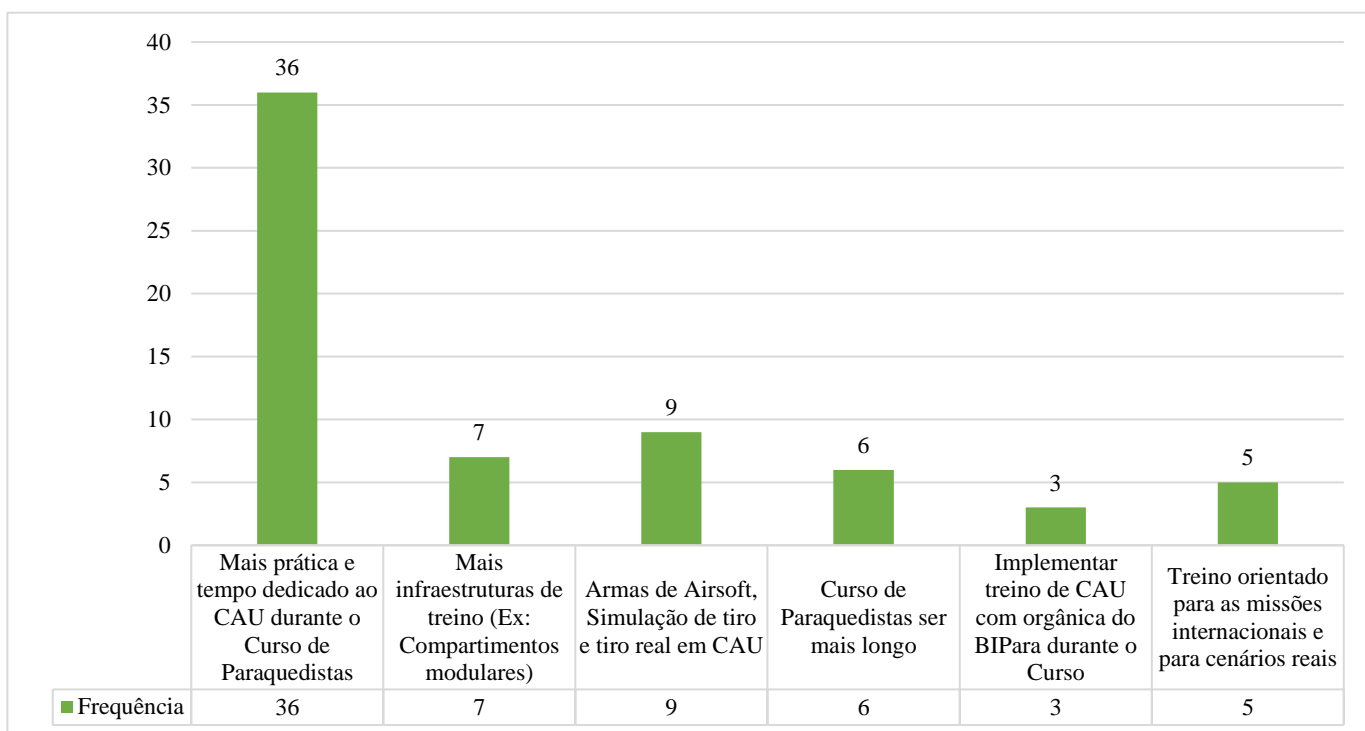


Figura 21 - Sugestões para melhorar a formação de CAU nos Paraquedistas (Questão 18)

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE F - REGISTO FOTOGRÁFICO DO CURSO DE PARAQUEDISTAS 01/23



Figura 23 - Instruendos do Curso de Paraquedistas 01/23 a realizar o assalto a um edifício



Figura 22 - Instruendos do Curso de Paraquedistas 01/23 a treinar métodos de limpeza de compartimentos



Figura 25 - Instrução do Curso de Paraquedistas 01/23 de métodos entrada em edifícios



Figura 24 - Instruendos do Curso de Paraquedistas a treinar métodos de entrada em edifícios

APÊNDICE G - NOTAS DE CAMPO

Notas de Campo

NC 1

Quem: Capitão

Quando: 141100MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Perceber a evolução face à formação de CAU no curso de Paraquedistas

O quê: Numa conversa informal, conclui-se que existe atualmente uma maior preocupação com a formação no âmbito do CAU, durante o curso de Paraquedistas. Atualmente, e algo que não acontecia em cursos de anos anteriores, os formandos do curso de Paraquedistas têm instruções de CAU no CdECAE, durante uma semana. Para além disto, a Companhia de Formação do RParas solicita instrutores (Sargentos e Oficiais) e auxiliares de instrução aos BIPara, alguns já com experiência de missão.

NC 2

Quem: Equipa de Instrução e instruendos do Curso de Paraquedistas 01/23

Quando: 141130MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Observar instrução diurna de CAU, do curso de Paraquedistas 01/23

O quê: A instrução diurna iniciou-se com revisão teórica de princípios de CQB e técnicas de entrada em compartimentos. Posteriormente, iniciou-se a prática de dobragem de esquinas, havendo considerações importantes como a colocação e exposição do corpo. De referir que houve uma grande insistência na técnica individual em CAU, o que é importante para garantir a aprendizagem, sendo esta a maior preocupação da Equipa de Instrução. A instrução prosseguiu com a prática de passagem de janelas e seteiras, métodos de entrada em compartimentos e limpeza de portas, janelas e seteiras. Relativamente ao método de entrada em compartimentos, foram instruídos os métodos Cross Hook, Criss Cross, Button Hook e Hook Cross. Foi feita uma explicação teórica e exemplificação, inicialmente, e, posteriormente praticado pelos instruendos divididos em grupos. Durante a prática destes métodos, os instruendos descreviam os compartimentos e foi introduzido, pela equipa de instrução, silhuetas representativas do Inimigo.

NC 3

Quem: Equipa de Instrução e formandos do Curso de Paraquedistas 01/23

Quando: 141700MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Empenho dos instrutores durante a instrução, procurando obter os melhores resultados possíveis no que toca à formação em CAU das praças Paraquedistas.

O quê: Durante a instrução, os instrutores criaram cenários próximos do real, por forma a que os instruendos colocassem em prática o aprendido, incentivando ao espírito crítico para que tivessem uma noção dos erros cometidos. Houve sempre preocupação em corrigir erros individuais na técnica por parte da equipa de instrução. A equipa de instrução dividiu-se para rentabilizar ao máximo a instrução.

NC 4

Quem: Capitão

Quando: 141800MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Entender a formação de CAU durante a formação inicial das praças Paraquedistas

O quê: Em conversa informal, referiu-se o facto de CFGCPE, ministrado no RPara, pelo facto de ser um polo de formação, não contempla instruções de CAU. No momento desta nota, restavam 6 semanas do curso de paraquedistas, e dessas, nenhuma seria dedicada apenas ao CAU. Contudo, existe a preocupação por parte do Comandante da Companhia de Formação Terrestre, do Batalhão de Formação, do RPara, de introduzir o CAU em outros momentos do curso, como por exemplo, planear e executar assaltos a edifícios.

NC 5

Quem: Capitão

Quando: 141830MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Perceber se a formação das praças no curso de Paraquedistas é orientada para a integração nos BIPara.

O quê: Em conversa informal, aferiu-se que existe a preocupação, por parte do Comandante da Companhia de Formação, de introduzir o trabalho com Viaturas Táticas durante o curso de Paraquedistas, tal como nos BIPara e no TO da RCA.

NC 6

Quem: Equipa de Instrução e formandos do Curso de Paraquedistas 01/23

Quando: 142130MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Observar o treino de CAU, em ambiente noturno, do curso de Paraquedistas.

O quê: Durante a instrução noturna, a equipa de instrução ministrou a instrução de CAU em ambiente noturno introduzindo o conceito de “Low Light”.

NC 7

Quem: Equipa de Instrução e formandos do Curso de Paraquedistas 01/23

Quando: 141100MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Aproximação da formação em CAU, durante o curso de Paraquedistas, ao contexto real dos TO.

O quê: Os instruendos executaram métodos de limpeza de compartimentos e de entrada em edifícios, utilizando armas de airsoft, e havia auxiliares de instrução a fazer de inimigo dentro do edifício.

NC 8

Quem: Equipa de Instrução e formandos do Curso de Paraquedistas 01/23

Quando: 151930MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Observar o treino de CAU do curso de Paraquedistas.

O quê: A instrução, neste dia, culminou num exercício por forma a praticar tudo o aprendido até ao momento. As praças Paraquedistas, e os restantes instruendos do curso, executaram a limpeza de um edifício, em equipas de 5 elementos, que é a orgânica utilizada pelos BIPara no TO da RCA.

NC 9

Quem: Equipa de Instrução e formandos do Curso de Paraquedistas 01/23

Quando: 160700MAR23

Onde: CdECAE

Para quê: Observar a execução da operação planeada pelos instruendos do Curso de Paraquedistas no âmbito do CAU.

O quê: Os instruendos executaram o assalto a um edifício. Nesta operação aplicaram as técnicas e procedimentos aprendidos durante a semana. Em conversa informal com a equipa de instrução, concluiu-se que as praças, neste momento do curso, cometem alguns erros, normais para o momento em questão e para aquele que foi o tempo de formação em CAU que tiveram, relacionados com a técnica individual, mas, que no final, possuem as competências base de CAU. No entanto, existe a noção que deve ser dedicado mais tempo ao CAU durante a formação inicial das praças Paraquedistas.

APÊNDICE H - INDICADORES E VALIDAÇÃO DURANTE A OBSERVAÇÃO DO CURSO DE PARAQUEDISTAS 01/23

Quadro 1 - Indicadores e Validação durante a Observação do Curso de Paraquedistas 01/23

Objetivos a observar	Indicadores	Validação
Instrução teórica de CAU é ministrada inicialmente antes da prática?	Conhecimento teórico de CAU.	Sim
Instrução prática de CAU ministrada após ser dada a teoria?	Colocou em prática os conhecimentos teóricos de CAU.	Sim
Instrução teórica e instrução prática estão relacionadas?	Complementaridade teórico-prática.	Sim
Instruções práticas têm sequência lógica?	Formação Individual; Formação Coletiva;	Sim
Instruções práticas são precedidas de revisão teórica e exemplificação?	Explicação; Exemplificação; Execução.	Sim
Infraestruturas de treino adequadas?	Infraestruturas.	Sim
Instrução direcionada para integração das praças nos BIPara?	TTP.	Sim

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE I - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Quadro 2 - Análise das Entrevistas Realizadas a Oficiais Paraquedistas

Análise das Entrevistas realizadas a Oficiais Paraquedistas		
Questão	Tema	Pontos-chave
<p>Considera que as técnicas e capacidades, no âmbito do CAU, adquiridas por uma Praça Paraquedista, quando termina a sua formação inicial e o Curso de Paraquedistas, são suficientes para este ser integrado numa FND?</p>	<p>Formação no Regimento de Paraquedistas</p>	<p style="text-align: center;">Integração numa FND</p> <p>E1 “(...) são as suficientes para uma Praça integrar uma unidade Operacional. A projecção para uma FND pressupõem um período de treino e preparação (...) sendo que nesta fase são aprofundados e revistos e treinados procedimentos de natureza técnico tática onde se inclui o CAU.”</p> <p>E2 Neste momento, e com a qualidade dos graduados que temos nos Paraquedistas, eu considero que quando o militar termina o curso de paraquedista, e de seguida integra um aprontamento, isto partindo do princípio, que ele integra o início do aprontamento, sim, aí está apto a integrar uma FND. O aprontamento contempla várias formações teóricas e práticas no âmbito do CAU. Durante o aprontamento vão receber mais formação e mais treino, e tendo em conta o Teatro de Operações da RCA, fazemos pelo menos dois exercícios, pelo menos um exercício de pelotão, em que o pelotão está isolado só ao treinar tarefas de pelotão, e depois um de força completa, onde também voltamos a validar esses treinos no âmbito do CAU. No dia a dia, são conduzidos os treinos e depois fazemos a validação nesses exercícios.</p> <p>E3 “Não, apenas através do treino operacional complementado posteriormente nos batalhões de paraquedistas se pode afirmar que os novos paraquedistas reúnem condições para participar em operações de combate nesse tipo de ambiente.”</p> <p>E4 “Não, uma vez que, a duração da formação de praças paraquedistas, não permite uma prática exaustiva das técnicas CAU/CQB. São capacidades que todos os elementos das forças armadas deveriam praticar com regularidade, pois é uma matéria em constante desenvolvimento e que exige muita prática até atingir um nível de proficiência adequado”.</p> <p>E5 “Sim, no entanto as competências são muito básicas e requerem integração nos Batalhões de Paraquedistas para tomar contacto com novas orgânicas, utilização de sistemas que na formação não têm contacto como: escudo</p>

			<p>balístico, viaturas, aparelhos de visão noturna, camaras térmicas lanternas acopladas nas armas e sistemas de armas diferenciados como SCAR-H, Benelli Supernova, MK2.”</p> <p>E6 “Negativo, nem de perto nem de longe. Precisam sempre de um <i>update</i> dos conceitos e precisam de se integrar na dinâmica dos grupos que temos no Batalhão e das NEP específicas que usamos no Batalhão. Essas NEP são diferentes no 1BIPara e no 2BIPara, cada um tem as suas, e essas dizem respeito às áreas edificadas e como nós abordamos e conduzimos o combate em áreas edificadas (...)”</p> <p>E7 “Não. Mas não tanto pelo conhecimento em si, mas mais pela falta de treino e de prática, que são necessárias para um bom desempenho a nível do CAU. (...) um Curso na sua generalidade o que nos dá, é as bases e as ferramentas necessárias para depois começar a evoluir com o treino e prática, não sendo o objetivo os Praças recém-formados serem completamente proficientes e totalmente capazes de efetuar qualquer tipo de operações. Até porque o tempo disponível em curso para lecionar todos os módulos pertencentes ao Curso de Paraquedista, é muito escasso.”</p> <p>E8 “A Formação ministrada no Curso de Paraquedistas tem por objetivo que o militar adquira as capacidades Técnicas necessárias para integrar um Batalhão Paraquedista, naturalmente é necessário sempre existir uma adaptação e treino do militar integrada do Treino Operacional do Batalhão e do Ciclo de Aprontamento da força para possibilitar a maximização da formação ministrada no Curso, preparando-o para integrar uma FND.</p> <p>Atendendo a isso, tem sido sempre intenção do Batalhão de Formação (BF) e do Regimento de Paraquedistas (RPara) solicitar militares ao 1º e/ou do 2º BIPara para auxiliar na formação (quer no CAU, quer nas demais matérias), preferencialmente militares com experiência adquirida em FND, com o objetivo de, precisamente, manter a formação o mais orientada possível para a realidade dos Batalhões Paraquedistas e, conseqüentemente, para mais facilmente integrarem uma FND”.</p>
--	--	--	---

<p>Na sua opinião, o tempo dedicado ao CAU no Curso de Paraquedistas é suficiente? Por favor, justifique sucintamente.</p>		<p>Estruturação</p>	<p>E1 “Sim, considero que o tempo é o necessário para que sejam adquiridas as competências essenciais e possam integrar uma unidade de combate e aí desenvolver e aprofundar a temática e treino no âmbito do treino operacional da unidade.”</p> <p>E2 “Realizar uma semana dedicada ao CAU, como acontece neste momento no curso de paraquedistas, é para ensinar o básico do básico Uma vez que no curso de paraquedistas o que se pretende atingir é o nível básico e depois nos batalhões complementar com a formação mais complexa, nesse caso, sim, é suficiente. As praças quando chegam aos batalhões irão efetuar o aprontamento, no qual têm uma parte dedicado ao CAU, idealmente deveriam vir mais bem preparadas</p> <p>No 2BIPara fazemos um curso de CQB para os Graduados, que depois passam os conhecimentos para as praças. Fazemos o complemento da formação, por exemplo, no que toca a métodos de entrada em edifícios e compartimentos, aqui ensinamos e praticamos técnicas manuais, mecânicas, balísticas e explosivas. Complementamos também com instrução de CQB em ambiente noturno, e com o uso correto de iluminação e de visão noturna.”</p> <p>E3 “Na fase de formação o tempo dedicado serve apenas para introdução das técnicas possíveis de serem usadas nesse tipo de ambiente, não serve para que o militar fique habilitado a pertencer a uma unidade de combate e possa estar preparado para enfrentar o combate. (...) O tempo é suficiente para aprender as técnicas, mas insuficiente para ser considerado apto a combater.”</p> <p>E4 “Não, (...) o CAU/CQB exige muito treino, devido a sua complexidade tando a nível do planeamento, como a nível de execução. Bem como exige elevada quantidade de Comando e Controlo, uma vez que nessa tipologia de operações, existe elevado risco de fratricídio. É uma tipologia de operações que esta em constante desenvolvimento e que nos vai acompanhar ao longo de toda a nossa vida militar (...) Temos de nos manter atualizados.”</p> <p>E5 “Não, primeiro porque a evolução da temática é enorme, segundo porque a aquisição de novos sistemas pelo Exército dificulta criar competências avançadas. A formação de Paraquedistas Praças está limitada no tempo, logo os momentos dedicados à temática em</p>
--	--	---------------------	---

			<p>questão, têm de ser bem aproveitados e diretos a técnicas base e modernas para que os militares criem ferramentas para evoluir.”</p> <p>E6 “Não. O tempo dedicado devia ser dedicado de outra maneira e devia ser incrementado. É nefastamente inferior àquilo que é necessário.”</p> <p>E7 “O tempo dedicado exclusivamente no CAU é cerca de 1 semana. Claro que idealmente seria sempre mais tempo (...)”</p> <p>E8 “(...) o tempo dedicado ao CAU acaba por não ser o suficiente, isto porque a formação de todos os módulos da Técnica e Tática de Combate (Fase A) é realizada num período de cerca de 7 semanas, o que se traduz em 293 Tempos de Formação que são repartidos por 10 módulos, encontrando –se o CAU inserido no Módulo de Técnica de Combate que tem previstas 126 horas de formação, dos quais apenas 39 horas são estritamente relacionadas com o CAU (...)”</p>
<p>Considere uma Praça Paraquedista que esteja colocada num BIPara num período entre 1 e 2 anos, e que ainda não realizou nenhuma missão. Os conhecimentos que obtém no batalhão, devido ao treino aí conduzido, tornam-no apto para integrar uma FND? Por favor, descreva sucintamente o treino de CAU</p>	<p>Formação e treino nos Batalhões de Infantaria Paraquedista</p>	<p>Integração numa FND</p>	<p>E2 “Num período de um a dois anos em que este praça esteja no batalhão e vá passando pelos ciclos de aprontamento vai acumular muito conhecimento e muita experiência ao longo do tempo. Portanto, tornam-se aptos a integrar uma FND, sem dúvida. No 2BIPara primamos por desenvolver formação. Desenvolvemos cinco estágios com guiões aprovados ao nível da unidade e que fazem com que haja um grupo de instrutores, mais ou menos permanente e especializado numa determinada área, e que vai formando outros instrutores e vamos alimentando assim este ciclo, e estamos a falar de CQB e CAU. Para além disto, ter instrutores interessados, com conhecimento e com preocupação em que os militares aprendam, faz toda a diferença”</p> <p>E3 “Sim, o militar após um período entre 1 e 2 anos, encontra-se preparado para integrar uma FND, o treino de CAU no 2BIPara é intenso e constante, além de ser uma área que tem uma constante atenção como por exemplo o tiro, existem ainda no plano de treino e aprontamento do 2BIPara estágios de aperfeiçoamento de combate onde o MOUT e CQB (Military Operations in Urban Terrain e Close Quarter Battle) são áreas fundamentais.”</p> <p>E4 “Depende do ponto de vista. A nível mínimo aceitável</p>

<p>nos BIPara.</p>		<p>Treino nos BIPara</p>	<p>sim, no entanto (...) essa parte deve ser uma constante ao longo do tempo. Bem como, a experiência dos comandantes de equipa conta muito. Um elemento inexperiente integrado e comandado por um comandante de equipa experiente, vai ter um nível superior de desembrago nas ações, do que um elemento com o mesmo tempo de batalhão, mas que não esteve integrado numa equipa experiente.”</p> <p>E5 “Sim. Em primeiro lugar importa perceber os ciclos dos BIPara para entender a incidência da temática no treino operacional (...). Antes do BIPara iniciar aprontamento para uma FND, normalmente materializa-se como Componente Terrestre da Força de Reação Imediata. Nestes momentos o treino do Batalhão incide em algumas TTP’s de “Não artigo 5º”, ou seja, momentos de baixa pressão e tarefas como Revistas CheckPoint’s, operar Pontos de Evacuação ou até centros de controlo de evacuados. Salvo momentos pontuais onde se inclui o salto com reorganização e tarefas críticas de pelotão de paraquedistas onde se inclui algum CAU. Quando o BIPara inicia o aprontamento, o tempo dedicado ao CAU é maior. (...) As técnicas de CAU que o Paraquedista tem conhecimento e foi ministrado na instrução, nem sempre são as utilizadas no BIPara. Daqui decorre a necessidade de revisão das Fichas individuais de Formação do Curso, processo já iniciado na Secção de Formação do RPara. Em Suma, posso afirmar que, apesar de tudo, a formação ministrada na companhia de Formação terrestre do Batalhão de Formação do RPara é suficiente para criar ferramentas para evoluírem. (...) é seguro afirmar que os miliares ficam proficientes, no entanto, também importa referir que existe espaço para melhoria, tanto na formação como no treino operacional.”</p> <p>E6 “Sim (...) Um ano ou dois é muito tempo, passam por muitos exercícios e integram-se sempre num ciclo de aprontamento ou um ciclo de treino. Esses ciclos de treino já têm contemplado a parte de CAU e de convencional, segundo tudo aquilo que nós utilizamos para melhorar a qualidade da formação. Além disso, o ambiente muda, deixa de ser um ambiente de instrução, de curso, em que é <i>go no go</i> e eles estão preocupados em passar e chegar ao fim do curso. Passa a ser um ambiente em que eles estão preocupados, genuinamente e exclusivamente, em</p>
--------------------	--	--------------------------	---

			<p>aprender. Isso faz toda a diferença.</p> <p>O treino de CAU no BIPara começa sempre do individual para o coletivo. Começa sempre com dinâmicas e movimentação, posicionamento no geral. Ou seja, o indivíduo vai aprender a movimentar sozinho e a ter <i>spacial awareness</i> e a ter muito cuidado com tudo que se encontra ao seu redor. Uma vez que essa parte esteja já crivada, e isto demora cerca de, no caso do treino individual, uma semana em que todos os dias treinamos o individual e o posicionamento, começamos a incutir movimentos com equipas. (...) Tudo isto é um processo que demora cerca de duas semanas, um estágio para as praças quando chegam ao 2BIPara só dedicado ao CAU. Depois, começamos a introduzir os métodos de entrada em compartimentos, dobragem de esquinas, tudo isso. Muita prática em ambiente controlado. No final fazemos um exercício em que as praças que estão a ser integradas, esteja já integrado com equipas para ver se a dinâmica está parecida, identificar arestas a limar e ver como é que está o panorama geral.”</p> <p>E7 “Sim tornam os Praças aptos a integrar uma FND e a cumprir com as missões que lhes são atribuídas, e uma das provas é as várias missões em que os Batalhões Paraquedistas já participaram e em que realizaram as mais variadas tarefas, muitas delas com elevado risco e em áreas urbanizadas.</p> <p>O treino nos batalhões é feito por ciclos, tendo em conta também toda a rotação das missões. Na área do CAU, os Praças iniciam sempre o ciclo começando com a técnica individual e depois indo evoluindo, nas mais variadas vertentes dentro do combate em áreas urbanizadas, sejam estas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Teoria do CQB; • Mostrar a composição normal de uma equipa (STACK); • Armamento/função de cada elemento do STACK; • Princípios Base; • Composição e os vários tipos de compartimento possíveis de encontrar. • FEAT REPORT; • Deslocamento no interior e exterior de edifícios (tendo em atenção ao corpo, a arma e todos os pormenores); • Dobrar esquinas; • Entrada de compartimentos • Deslocamento em equipa
--	--	--	---

			<ul style="list-style-type: none"> • Entrada em equipa; • Breaching • Revista ao compartimentos, e a pessoas • Treino do CQB em ambiente noturno com recurso a night Vision • LOW LIGHT • Utilização do Escudo.”
<p>No final do tempo de contrato das Praças Paraquedistas, num momento em que estas já realizaram missões, como classifica o seu nível de conhecimentos em CAU? Indique, por favor, quais são as técnicas e capacidades de que este é dotado neste momento do seu percurso militar.</p>		<p>Técnicas de CAU</p>	<p>E2 “Tendo em conta as missões que estamos a realizar neste momento na RCA, grande parte do treino é vocacionado para o CAU. Portanto, eu diria que o conhecimento de CAU de um soldado, de um praça paraquedista, quando ele termina o contrato é bastante elevado, sem dúvida alguma.</p> <p>Quanto às técnicas e capacidades, uma das capacidades que eu julgo mais importante e que só vem com a experiência é o saber ler o terreno. Esta capacidade que as praças paraquedistas, no final do contrato, têm, permite-lhes chegar a um ambiente e perceber de onde é que podem vir as ameaças, qual é que é o sítio mais provável de aparecer uma ameaça. Ler bem a ameaça, o ambiente que o rodeia, o que é que a ameaça consegue fazer naquele espaço e depois o que é que ele consegue fazer. Nesta fase do seu percurso militar, eu diria que ele não está perfeito, mas já necessita de muito poucos <i>inputs</i> para fazer bem o seu trabalho. Já têm uma perceção melhor do terreno, da colocação da arma, da colocação do corpo em relação a obstáculos e abrigos, para poderem tirar maior partido, quer do armamento, quer do equipamento de proteção, quer do ambiente que os rodeia. Nesta fase, já têm esta capacidade bem apurada.”</p> <p>E3 “(...) As principais valências que um militar com várias missões, com o nível de intensidade dos combates recentes, (inclusive com baixas causadas nos insurgentes na RCA), estão relacionadas com o trabalho em equipa, a partir do momento que o militar é integrado numa equipa de combate todos os seus conhecimentos individuais passam a ser determinantes para que a sua equipa sobreviva no campo de batalha e possa cumprir a missão, no entanto é o trabalho coletivo que tem maior importância.”</p> <p>E4 “No final de contrato e depois de varias missões, as praças paraquedistas ficam no auge do seu desempenho em tarefas CAU, (...) maioritariamente, ficam pró-eficientes na realização das operações em ambiente</p>

			<p>urbano.”</p> <p>E5 “O cumulativo de ciclos cria no Paraquedista entendimento, conhecimento e experiência em CAU. A missão na RCA tem vindo a mostrar a competência técnica, apesar da escassez de recurso e tempo dedicado à temática. Muitas das Praças fazem pelo menos dois ciclos com a experiência de 2 missões. Acabam o seu contracto com uma serie de conhecimentos e experiência em várias temáticas tipicamente militares, em particular no CAU podemos enumerar: Dobrar esquina, limpeza de portas e janelas, várias métodos de entrada, “<i>Breaching</i>”, utilização de escudo balístico, execução de tarefas em CAU com o uso de aparelhos de visão noturna, câmaras térmicas e designadores laser, integração em equipas de paraquedistas em CAU, entendimento dos ângulos de entrada, fundamentos, conceitos e anatomia de compartimentos, posições de transporte da arma, conceitos de “NO e LOW LIGHT”, uso de flash bang, utilização de binómio cinotécnico Paraquedista e até de planeamento das subunidades Paraquedistas nesta tipologia de operações.”</p> <p>E6 “(...) O incremento que eles têm logo de início quando chegam ao batalhão, só melhora. Ou seja, eles estão, durante algum tempo, na parte do treino e do enquadramento no batalhão, fazem alguns exercícios, após esses exercícios já estão bastante mais enquadrados. A qualidade vai melhorando exponencialmente, o à-vontade deles vai melhorando exponencialmente. Estes ciclos são cíclicos e repetitivos, voltam sempre aos básicos e treinam sempre até à parte final, refinando pormenores. Nota-se uma clara evolução do soldado paraquedista que chega da formação ao batalhão e o soldado que sai do batalhão no final do contrato.</p> <p>As características que realço são o conceito de <i>Spacial Awareness</i>, o posicionamento e a aquisição de alvos.”</p> <p>E7 “Classifico como um conhecimento bastante aceitável para a execução das mais variadas missões que poderão surgir. (...) Claro que a própria missão lhes dará experiência e um discernimento diferente, dotando os Praças de confiança para usarem os seus conhecimentos e habilidades caso seja necessário.”</p> <p>E8 “(...) foi me possível ter a perceção de algumas das capacidades técnicas de que é dotada a praça Paraquedista no âmbito do CAU, na medida em que tem sido solicitado</p>
--	--	--	--

			<p>aos BIPara o contributo para as equipas de formação dos Cursos não apenas com graduados, oficiais e sargentos, mas também com cabos que assumem a função de auxiliares de instrução.</p> <p>Estes Cabos Paraquedistas, com experiência no TO da RCA, integrados nas equipas de formação têm se revelado como uma mais-valia, devido às elevadas capacidades técnicas e táticas que demonstram ao longo da formação ministrada no curso, em particular no CAU.”</p>
<p>Tendo em conta todo o processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas, desde o momento em que ingressam no Curso de Paraquedista até ao momento em que completam a totalidade do tempo de contrato, considera que este processo está bem montado para as preparar para esta tipologia de combate? Por favor, justifique.</p>	<p>Processo de Formação e Treino em CAU das Praças Paraquedistas</p>	<p>Estruturação</p>	<p>E1 “O processo inicial de formação garante os conhecimentos básicos e essenciais, o treino operacional e aprontamentos permitem incrementar os conhecimentos e proficiência para combate. (...) O processo estaria completo caso sejam garantidas formações adicionais (estágios de aperfeiçoamento de combate) em áreas específicas, tais como Arrombamento e Brecha (Breaching), CQB, VCB, métodos adicionais de inserção/infiltração tais como Fast Rope, e integração destas tarefas integrado em Secção de combate com realização de tarefas de treino com tiro e em ambiente noturno.”</p> <p>E2 “Falando do 2BIPara, temos um estágio de CQB, em que se dá esta formação às praças, e ainda damos arrombamento e brecha e low light. Considerando isto um processo, que é, seja formal ou informal, e uma vez que é responsabilidade das subunidades, batalhão e companhia, ministrar a formação aos seus militares e que eles, chamando assim essa responsabilidade, conforme está previsto, implementam estas formações e que com isto atingem um bom desempenho, sem dúvida. Isto é, considerando a formação inicial das praças paraquedistas, o treino conduzido nos Batalhões, que inclui aprontamentos e estágios, e depois o facto de aplicarem isto em missões internacionais, sim, é um bom processo e é eficaz.”</p> <p>E3 “Sim. Considero que o trabalho do RPara no passado recente de reformulação da formação com a introdução/remodelação do Curso de Paraquedista tem contribuído para o sucesso da integração dos militares recém-formados na unidade Operacionais Paraquedistas.”</p> <p>E4 “Sim, no entanto, tem de haver alterações de forma que as praças paraquedistas atinjam o seu nível máximo de desempenho mais cedo. Isso implica alteração do referencial de curso e do tempo de duração do curso de paraquedistas, para que acabem a formação num nível de</p>

			<p>desempenho aceitável e ao integrar o batalhão, rapidamente atingem elevado grau de pró-eficiência”.</p> <p>E5 “Não. Considero estar desatualizado. Importa considerar mais tempo para a temática e ministrar conceitos teóricos e pratica construtiva e pedagógica. Existem um esforço nesse sentido na revisão do referencial de curso.”</p> <p>E6 “Está diretamente proporcionado com a quantidade e o tipo de exercícios que fazem. Exercícios convencionais são necessários, exercícios em que se aplica o CAU são necessários e viaturas também, pelo menos para a tipologia de missões que estamos a fazer agora na República Central Africana. Especialmente a parte que envolve viaturas e CAU, ou seja, é um combate já diferente. São coisas que muitas vezes eles não têm acesso durante o curso, ou seja, não têm esta dinâmica de integrar uma equipa (...) Mas em termos da necessidade de alteração do curso, sim, há. Este processo, sim, prepara-os para esta tipologia de combate, mas mais uma vez está diretamente proporcional à quantidade de exercícios que as praças realizam, pois é aí que eles treinam e adquirem conhecimentos.</p> <p>E7 “Sim penso que o processo tem vindo a ser melhorado, com os próprios graduados cada vez mais interessados em ensinar, e eles próprios a especializarem-se para poderem dar melhores instruções.”</p> <p>E8 “Atendendo à formação inicial das Praças Paraquedistas no Curso de Paraquedistas, considero que o processo se encontra estruturado da forma correta, iniciado no mais elementar, a técnica individual e a utilização correta dos equipamentos, armamentos e acessórios ao seu dispor, e posteriormente avançando para o mais complexo, aprendendo a operar como elemento de uma Equipa e Pelotão, nomeadamente em progressões em stack, entradas em compartimentos, limpeza de edifícios, utilização de relatórios (FEAT report) e culminando com a formação em Low Light.”</p>
<p>Na sua opinião, em que momento de todo o processo de formação e treino das</p>			<p>E1 “Aptas a combater devemos considerar que estão aptas após o período de formação e aprontamento (...)”</p> <p>E2 “A partir do momento em que os comandantes diretos destes militares validarem o treino deles, pois são eles que trabalham com os seus militares no dia a dia. (...) Neste ponto de vista, no fim de um aprontamento as</p>

<p>Praças Paraquedistas, estas se encontram operacionais e aptas a combater em AU? Por favor, justifique.</p>			<p>praças paraquedistas estão aptas a combater em AU. Isto é, quando o BIPara parte para a missão, integrado numa FND, os seus militares estão aptos a combater em AU, tendo como pressupostos os seguintes: terem efetuado todos os treinos a nível individual, terem ingressado no aprontamento com o nível bom e logo no início do aprontamento, e ainda terem conseguido participar em todos os exercícios de pelotão e de companhia de forma a alcançar todos os objetivos propostos.”</p> <p>E3 “A sua aptidão pode considerar-se alcançada a partir do momento em que pelo menos concluem um aprontamento orientado para uma missão. Nessa fase já efetuaram o treino orientado para a missão e estarão sempre integrados numa equipa de combate com veteranos que já terão com certeza experiência operacional e de combate no TO da RCA (...)”</p> <p>E4 “(...) Do ponto de vista operacional, o militar com 2 anos de batalhão está pronto a desempenhar ações em ambiente urbano, no entanto exige mais comando e controlo do comandante de equipa e de pelotão. Já no final de contrato, os militares conseguem executar essas ações com interferências/correções mínimas dos seus comandantes.”</p> <p>E5 “Considero que embora tenhamos que investir na formação, podemos dizer que os Paraquedistas saem prontos para integrar um pelotão de paraquedistas logo após a sua formação. Confio nestes militares a partir do momento que recebem a sua Boina Verde. Apenas conseguimos competência superior após a integração nas subunidades Paraquedistas e completado ciclos de treino nos BIPara.”</p> <p>E6 “Eu diria que ao fim da primeira missão (...) porque quebraram o gelo inicial. Se tiveram atividade ou se tiveram combate efetivo, o quer que seja, já não têm esse gelo inicial. A vontade deles torna-se maior, mas a preocupação deles também se torna maior. Porque viram que é real, que os cenários para que treinam são efetivamente reais. Falo isto da experiência pessoal na 4ª FND. Estava a trabalhar com o meu pelotão já há cerca de um ano e meio antes de ir para a RCA. Quando fui para a RCA tivemos várias situações em que tivemos combate, desde emboscadas até operações ofensivas deliberadas que fizemos sobre posições inimigas, e dentro dessas atividades todas que tivemos, posso dizer que os praças</p>
---	--	--	---

			<p>que estavam lá ficaram cada vez com mais à-vontade, mas ao mesmo tempo cada vez mais cientes da necessidade de aprender CAU e ter bom resultado o CAU, porque a situação é efetivamente real. Posteriormente, noutra missão, com os mesmos praças, notou-se a diferença. Eles próprios procuram aprender e melhorar. Daí dizer que depois da primeira missão, é o momento crítico que os prepara para o CAU.”</p> <p>E7 “Penso que após concluírem 1 ciclo de formação nos batalhões Paraquedistas. (...) penso que após a formação base, e depois treinar durante 1 ano no batalhão, já tem bases e capacidades suficientes para realizar as tarefas que lhes forem incumbidas.”</p> <p>E8 “Naturalmente, os militares encontram-se operacionais para o Combate em AU com a credenciação da força como Combat Ready após o exercício de creditação da força, sendo que a isso antecede quer a formação inicial no Curso de Paraquedistas, o Treino Operacional no BIPara e o Treino Operacional Orientado para a Missão no Aprestamento. A montante disso, também se deve de ter em atenção que este processo de treino e de creditação da força não termina no Território Nacional, sendo que se inicia um novo ciclo de treino logo após a projeção da força e a necessária adaptação ao TO. Desta forma o treino dos militares em CAU e nas demais situações que poderão ocorrer no desempenho das funções trata-se de um processo contínuo e cíclico iniciado no Curso de Paraquedistas e terminado com a secessão do tempo de serviço do militar”</p>
<p>Considera as infraestruturas utilizadas pelos Paraquedistas para o treino de CAU suficientes? Explique, por favor, a sua resposta.</p>	<p>Infraestruturas</p>		<p>E1 “Notoriamente insuficientes, nomeadamente a ausência de uma Carreira de tiro em ambiente urbano que permita fazer tiro no seu interior.”</p> <p>E2 “(...) Quanto a infraestruturas, as do RPara são boas para o curso de Paraquedistas. O CdECAE também é bom e já ajuda a diversificar e a fazer coisas que não é possível no RPara, e é fundamental ir, durante o curso, ao CdECAE, pelas diferentes tipologias de edifícios. É muito enriquecedor treinar nas diferentes tipologias de edifícios e cenários que se podem encontrar numa área urbana. Para o TIC, em CAU o RPara tem um bom nível, básico, o CdECAE é bom para o nível seguinte. No 2BIPara, para além de uns edifícios que eram uma antiga agropecuária, temos um edifício que está a ser remodelado e vai servir treinar cenários reais, treinar em low light, treinar</p>

		<p>arrombamentos, entre outros.”</p> <p>E3 “As infraestruturas atuais apesar de terem sido melhoradas ao longo dos anos, principalmente em Mafra têm ainda uma lacuna crítica: a inexistência de uma <i>Shoot House</i> onde se possa efetuar tiro real em ambiente de CQB, é um fator de tremendo impacto no treino dos militares. O modelo de carreira de tiro tradicional do Exército está apenas focado na formação e não no treino de unidades de combate (...)”</p> <p>E4 “Atualmente sim, uma vez que, o curso de paraquedistas passa uma semana em mafra a executar treinos de CAU.”</p> <p>E5 “Não. Existe uma falta de infraestruturas didáticas dedicadas à formação do CAU. Isto verifica-se também no BIPara. O treino é sempre feito nas mesmas instalações o que cria habituação.”</p> <p>E6 “Não são suficientes, mas no 2BIPara temos estruturas sempre, e temos estruturas expeditas que utilizamos sempre para treino. Essas estruturas são, como qualquer unidade, tem edifícios vazios que vai utilizar e tirar partido para alcançar dificuldades em situações inopinadas. Utilizamos também o CdECAE, que é algo muito bom para utilizar e já dá para praticar muita coisa. Sempre que estamos em aprontamento, vamos uma semana, no mínimo, dedicada só ao treino de CAU.”</p> <p>E7 “Não. Muitas vezes as instalações utilizadas são sítios abandonados, ou habitações que já não são utilizadas, ou locais improvisados. Era essencial existir, não só no RPara um local dedicado para o treino do CAU, como também nos batalhões paraquedistas (1/2BIPARA), melhorando significativamente o treino e instrução no âmbito do CAU.”</p> <p>E8 “Considero que sim, (...) e cada vez mais utilizamos o termo de CQB, Close Quarters Battle, isto é o combate a curtas distâncias ou em ambiente confinado, sendo o cenário típico deste tipo de combate o ambiente urbano. Neste sentido, podemos utilizar qualquer tipo de edifício, ruínas, contentores, etc, como uma boa oportunidade de treino. Cumulativamente, tem sido sempre intensão da Direção de Formação do Curso de Paraquedistas, a utilização do Centro de Formação e Treino de Combate em Áreas Edificadas da Escola das Armas, dado esse ser o</p>
--	--	---

		centro de excelência do CAU no Exército e possibilitar uma grande oportunidade de treino numa vasta diversidade de cenários diferentes.”
Na sua opinião, quais são as lacunas do processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas?	Fragilidades	<p>E1 “Não considero que haja lacunas críticas durante o processo de formação. O problema reside na ausência de reais condições de treino operacional para que se possa passar de um nível médio/bom para um nível de excelência de preparação para combate quer em ambiente diurno quer em ambiente noturno”</p> <p>E2 “O facto de não existir um plano de formação e treino de CAU das praças paraquedistas, é uma lacuna. Para além destas, eu identifico: a validação das técnicas e dos conhecimentos aprendidos, e o facto da variável não ser igual, isto é, o treino de CAU é diferente, por exemplo, nos dois BIPara e também não é implementada nenhuma ferramenta de validação dos conhecimentos aprendidos”.</p> <p>E3 “A lacuna da execução de treino de tiro em CQB, pois é exatamente isso que é exigido aos militares nas operações de combate que se executam atualmente na RCA é não é possível de ser treinado em Território Nacional.”</p> <p>E4 “A principal lacuna é o tempo de formação disponível para o módulo CAU.”</p> <p>E5 “O tempo que é despendido para o ensino é pouco, as infraestruturas serem fracas e a falta de referências modernas e atualizadas.”</p> <p>E6 “A dinâmica de curso. A dinâmica de curso funciona de maneira diferente da dinâmica dos BIPara. Quando as praças estão no curso adquirem uma data de ferramentas, mas não estão preocupados com os detalhes técnicos, só estão preocupados em passar o tempo e chegar ao fim da formação mais rápido possível (...) Só se vão preocupar verdadeiramente em aprender quando estiverem num tipo de ambiente com outra mentalidade, com outro objetivo. Algo novo será fazerem uma missão e necessitarem efetivamente os conhecimentos de CAU em vez de ser uma coisa só hipotética. Em vez de ser só cenários hipotéticos e cenários de instrução, são cenários reais que eles vão encontrar no TO. O facto de, em missão, a utilização dos conhecimentos deles de forma incorreta poder ditar a causa de baixas ou de mortes, incentiva-os a aprender. Acho que esse clique entre o teórico, o</p>

		<p>hipotético e o real faz toda a diferença em termos de aprendizagem dos praças.”</p> <p>E7 “Instalações e o material disponível (...)”</p> <p>E8 “Na minha opinião, existe pouco tempo de formação na Fase A do curso para serem ministrados e treinados todos os objetivos e módulos da formação do Curso de Paraquedistas.”</p>
<p>Tendo em conta as lacunas identificadas no processo de formação e treino em CAU das Praças Paraquedistas, de que forma pensa que estas podem ser melhoradas e mitigadas desde logo nos momentos iniciais da formação?</p>	<p>Soluções</p>	<p>E1 “Implementação de estágios de aperfeiçoamento de combate, criação de condições e infraestruturas de treino adequadas e reequipamento em todas as áreas do sistema de combate do soldado inclusive comunicações com rádio e headset individuais, não esquecendo a capacidade de combate em ambiente noturno (NVG e Designadores Ir)”</p> <p>E2 “No curso de paraquedistas, existe pouco espaço de manobra tendo em conta as várias áreas que são ministradas durante o curso. O conteúdo podia ser um pouco mais aprofundado, preferencialmente se mais tempo e pessoal houvesse para isso. Apenas algumas vezes é utilizado pessoal dos batalhões para darem formação no RPara, sendo que muito do conhecimento de CAU está nos batalhões. Penso que o processo de formação em CAU podia ser melhorado se houvesse uma planificação das tarefas a executar, se houvesse um plano. (...) deveria haver um plano de formação on-the-job training com metas e objetivos a atingir, quais as instruções a serem ministradas e a quem, em que condições. Uma possível forma seria criar uma lista de tarefas que, neste caso o treino e formação de CAU devia executar, e depois uma lista de quais aquelas que as praças paraquedistas tem de estar habilitadas quando terminam o curso de paraquedista, quais aquelas iniciais quando chega ao batalhão e quais as que, periodicamente, terão de ser reavaliadas.”</p> <p>E3 “O treino operacional das praças Paraquedistas deve ser tão próximo do real quanto possível (<i>train the way you fight, fight the way you train</i>), para que esta máxima possa ser alcançada é necessário manter os conteúdos de formação próximos da realidade atual, permitindo assim uma rápida adaptação ao contexto operacional, isso pode ser obtido por exemplo como já efetuado, com militares do 2BIPara a participar ativamente como formadores e no caso de praças em fim de contrato como auxiliares de instrução dos cursos de paraquedistas, incluindo até</p>

		<p>algumas TTP dos BIParas no processo de formação para que assim que os militares cheguem ao batalhão já sejam familiares alguns dos procedimentos”.</p> <p>E4 “Durante a recruta não é possível mitigar essa lacuna, no entanto (...), caso haja um aumento do tempo disponível para ministrar a formação em CAU, os militares vão terminar o curso mais bem preparados.”</p> <p>E5 “(...) o tempo dedicado à temática, as infraestruturas e principalmente referências bibliográficas que orientam a temática. Considero que criar referências bibliográficas e fichas individuais de formação sobre o tema é fundamental para a evolução do treino e da formação nos Paraquedistas.”</p> <p>E6 “É muito difícil com o tempo disponível de formação. (...) O tempo de curso teria de ser estendido mais no tempo para se poder ter atenção em certos detalhes e certos tipos de formação. O curso precisa de algumas atualizações, por exemplo, é preciso sair do ambiente de instrução e iniciar um ambiente de trabalho real, que direciona a formação inicial para a realidade dos Batalhões e das missões. Ou seja, a formação é entendida como um período transitório para aquilo que as praças paraquedistas vão fazer no real. Se o objetivo realmente for as praças chegarem melhores aos batalhões, com menos lacunas, seja no CAU, seja nas outras áreas, é preciso esticar o tempo de formação, melhorar a qualidade de formação, que tem sempre por onde melhorar e dedicá-la, por exemplo, em módulos (...) haver um módulo de CAU em que os instruendos do curso de paraquedistas ficavam duas semanas a ter, exclusivamente, formação em CAU.”</p> <p>E8 “Considero que poderia ser ponderado o aumento do número de tempos de formação dedicados à Técnica e Tática de Combate, isto é a Fase A do Curso de Paraquedistas, no sentido de promover um maior conhecimento e treino dos formandos nas Técnicas, Tácticas e Procedimentos desempenhados em operações quer apeadas, quer montadas por um Pelotão de Paraquedistas.”</p>
Tem algum contributo ou opinião que considere	Geral	<p>E1 “A capacidade de combate de uma unidade não se deve medir apenas pelo nível de formação e treino das Praças, o elemento Liderança dos comandantes a todos os escalões e a sua dedicação constante no treino e</p>

<p>relevante para esta investigação?</p>		<p>equipamento/ Infraestruturas de treino disponíveis ditam a preparação para combate e são, portanto, decisivos os fatores: “LIDERANÇA - TREINO - EQUIPAMENTO”.”</p> <p>E2 “(...) uma boa proposta seria um plano de formação em CAU, e aprofundado. Aprofundar, na formação, a parte do uso de explosivos no CAU. Incluir no curso a parte do arrombamento e brecha, com as suas quatro componentes. Explorar mais a parte do CAU no espaço subterrâneo, como túneis e caves. Aprofundar, na formação, o CAU em ambiente noturno utilizando meios auxiliares de pontaria, por exemplo: lanternas, NVGs, aparelhos térmicos.”</p> <p>E3 “(...) a formação e o treino devem ser o mais próximo do real quanto possíveis para que aquilo que é ensinado seja de facto aquilo que os militares necessitam de saber no campo de batalha (...) e que tanto quanto possível exista uma participação ativa dos militares com experiência de combate na formação fazendo com que os conhecimentos adquiridos no terreno possam ser transmitidos na primeira pessoa aos militares em formação. De destacar ainda que o treino de MOUNT CQB e TIRO são pilares fundamentais na sobrevivência do campo de batalha atual e não devem ser nunca descurados ou deixados para segundo plano.”</p> <p>E4 “Como comandante companhia de formação e como um ex-comandante de pelotão no BIPara, considero que a formação do curso de paraquedistas deveria ser reajustada em alguns aspetos. Principalmente mais ênfase no TIC, Tiro, CAU/CQB e Viaturas, no entanto a Fase de Ar necessita tempo e é outra área crítica que não podemos desprezar, daí esse problema na formação dos paraquedistas.”</p> <p>E5 “Importa referir que o RPara tem novas fichas individuais de formação que orietam e melhoram o treino em CAU na formação. O Referencial de curso está a ser revisto quanto aos tempos e importância que se pretende dar à temática.”</p> <p>E6 “Relativamente ao CAU, é uma coisa muito específica que tem de ser administrada e refinada sempre. O CAU tem de ser sempre treinado, como qualquer coisa antes de ir numa missão, especificamente para o cenário que se vai</p>
--	--	--

		<p>encontrar. O AU difere bastante de local para local, de país para país, as coisas são distintas.</p> <p>O conceito geral de CAU é dado na formação, é bem dado. Mas depois a prática tem que se enquadrar com aquilo que realmente vão fazer. Ou seja, se vão para a RCA, se estão a aprontar para a RCA, tem de se adaptar e treinar para os cenários que vão encontrar no TO. (...) O treino que fazemos agora no 2BIPara orientado para o CAU é completamente diferente do treino feito da primeira vez que o Batalhão foi para a RCA, porque existem lições aprendidas e selecionou-se o que se deve treinar.”</p> <p>E7 “Para além do Base no CAU, é importante desenvolver outras vertentes que estão inseridas dentro do combate em áreas urbanizadas (...) Como por exemplo, utilização do binómio Cinotécnico nas equipas, treino Noturno com aparelhos de visão noturna e efetuar tiro real com esse equipamento, combate corpo a corpo no CAU e TCCC no CAU.</p>
<p>Nas missões que realizou deparou-se com ações que implicassem a aplicação de conhecimentos e técnicas de CAU?</p>	<p>Missões Internacionais</p>	<p>E1 “Sim.”</p> <p>E2 “Sim, em particular nas da RCA. Para o TO da RCA, devido ao terreno, devido à missão da QRF, portanto, poder ser empregue em qualquer local e uma vez que os grupos armados atuam principalmente nas áreas urbanas (...)”.</p> <p>E3 “Sim, em todas as missões ocorreram operações nesse tipo de ambiente.”</p>
	<p>Técnicas de CAU</p>	<p>E4 “Sim, uma vez que, as ações realizadas mesmo fora das localidades possuíam edificações, improvisadas (tendas) ou reais (edifícios).”</p> <p>E5 “Sim, Operação ANVIL I - HAMMER STRIKE e MOKIRI”</p> <p>E6 “Sim, todas elas, de uma maneira ou de outra. Mais intensamente na 4ªFND do que na 11ªFND, mas em todas elas.”</p> <p>E7 “Sim.”</p>

Fonte: Elaboração própria

ANÁLISE DOS DADOS QUANTITATIVOS DAS ENTREVISTAS

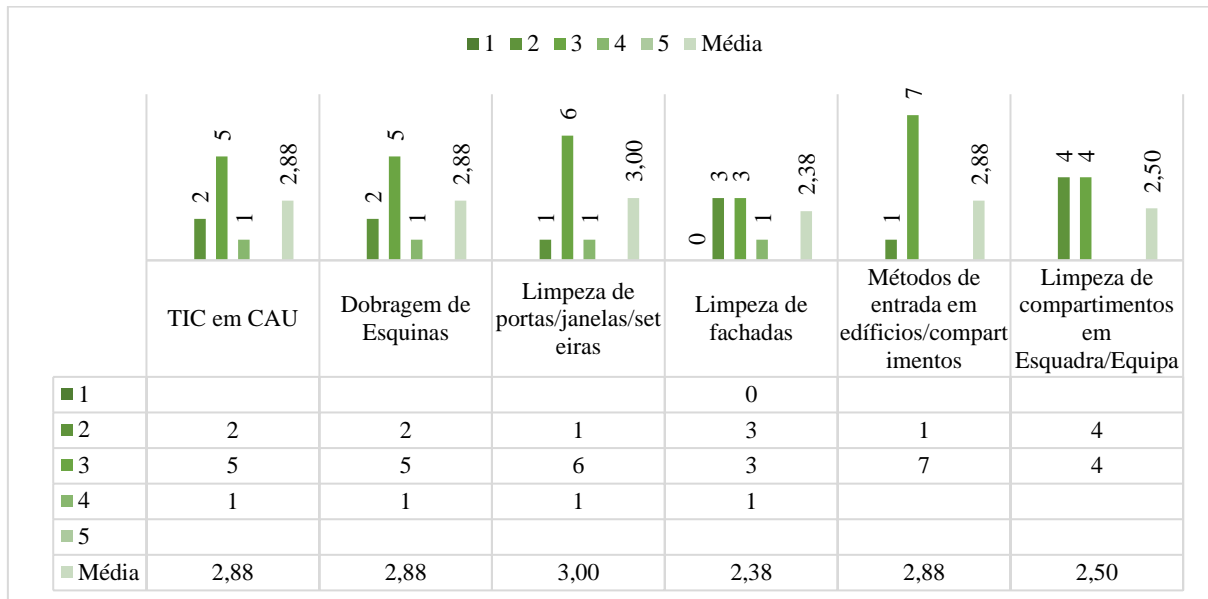


Figura 26 - Classificação feita pelos Oficiais relativamente às técnicas e capacidades de CAU adquiridas por uma Praça Paraquedista, quando termina a sua formação inicial e o Curso de Paraquedistas

Fonte: Elaboração própria

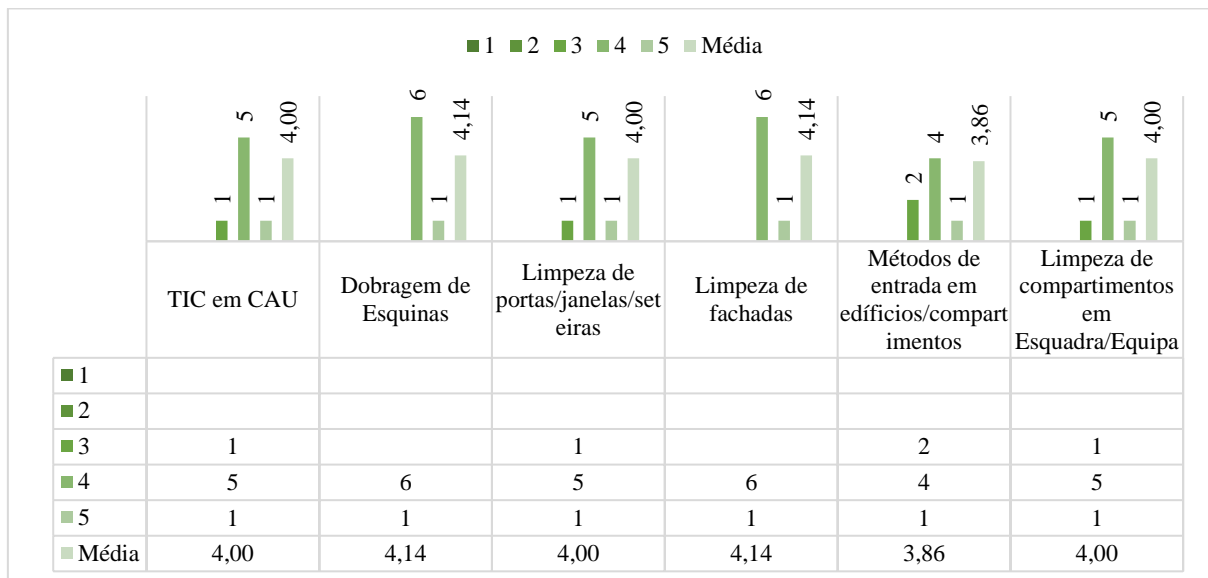


Figura 27 - Classificação feita pelos Oficiais relativamente às técnicas e capacidades de CAU adquiridas por uma Praça Paraquedista que esteja colocada num BIPara num período entre 1 e 2 anos, e que ainda não realizou nenhuma missão

Fonte: Elaboração própria

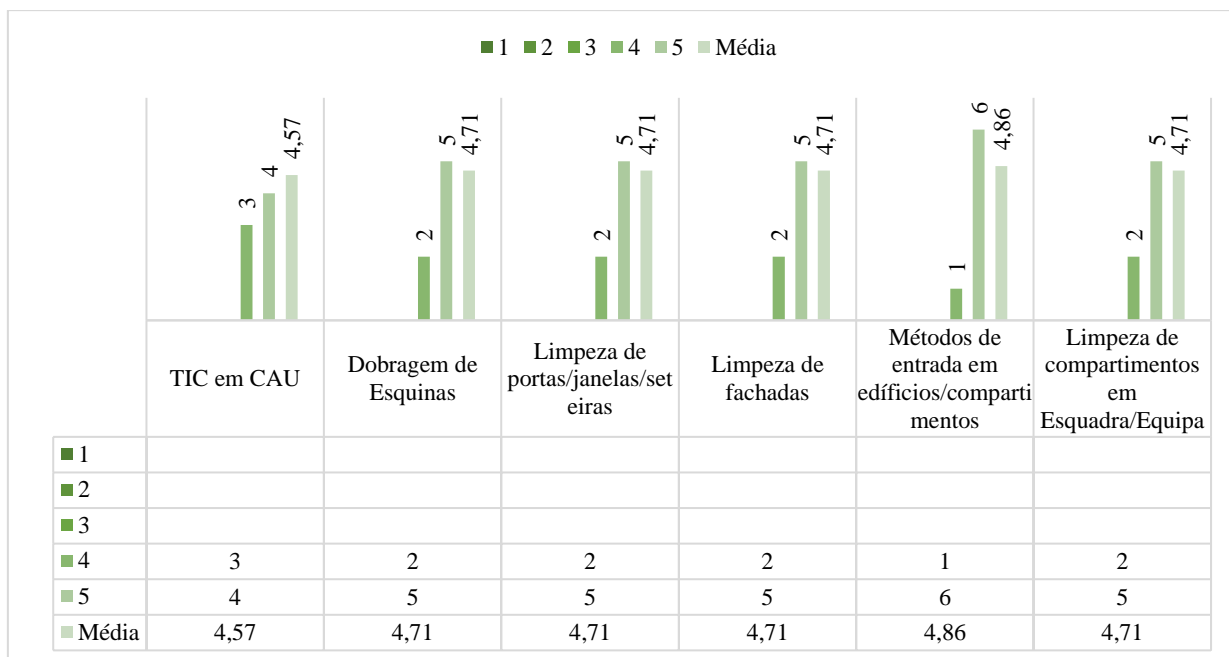


Figura 28 - Classificação feita pelos Oficiais relativamente às técnicas e capacidades de CAU adquiridas por uma Praça Paraquedista no final do tempo de contrato das Praças Paraquedistas, num momento em que estas já realizaram missões

Fonte: Elaboração própria

APÊNDICE J - IDENTIFICAÇÃO DOS OFICIAIS ENTREVISTADOS

Tabela 6 - Identificação dos Oficiais Entrevistados

Código	Nome	Posto	Função	Unidade	Missões Internacionais
E1	Vladimiro Cancela	Tenente-Coronel	Cmdt 2BIPara	RI 10	2x Kosovo (KFOR); Afeganistão (ISAF); Bósnia (EUFOR); RCA (MINUSCA).
E2	João Costa	Major	S3 Oficial de Operações	RI 10	Kosovo (KFOR); 2x RCA (MINUSCA).
E3	Nuno Morgado	Major	Chefe da Secção da Logística	RI 10	Afeganistão (ISAF); 2x Kosovo (KFOR); RCA (MINUSCA).
E4	Dzmitry Reuniutsau	Capitão	Cmdt Companhia Formação Terrestre	RPara	2x RCA (MINUSCA).
E5	Pedro Santos	Capitão	Oficial Adjunto da Secção de Formação do RPara	RPara	2x RCA (MINUSCA).
E6	Jorge Mota	Tenente	Cmt d Pelotão	RI 10	2x RCA (MINUSCA).
E7	Ricardo Francisco	Tenente	Cmdt Destacamento Alfa / Cmdt Pelotão	RPara	RCA (MINUSCA).
E8	Bruno Viana Lopes	Tenente	2ºCmdt Companhia de Formação Aeroterrestre	RPara	-

Fonte: Elaboração própria

ANEXOS

ANEXO A - ORGANIGRAMA DO REGIMENTO DE PARAQUEDISTAS

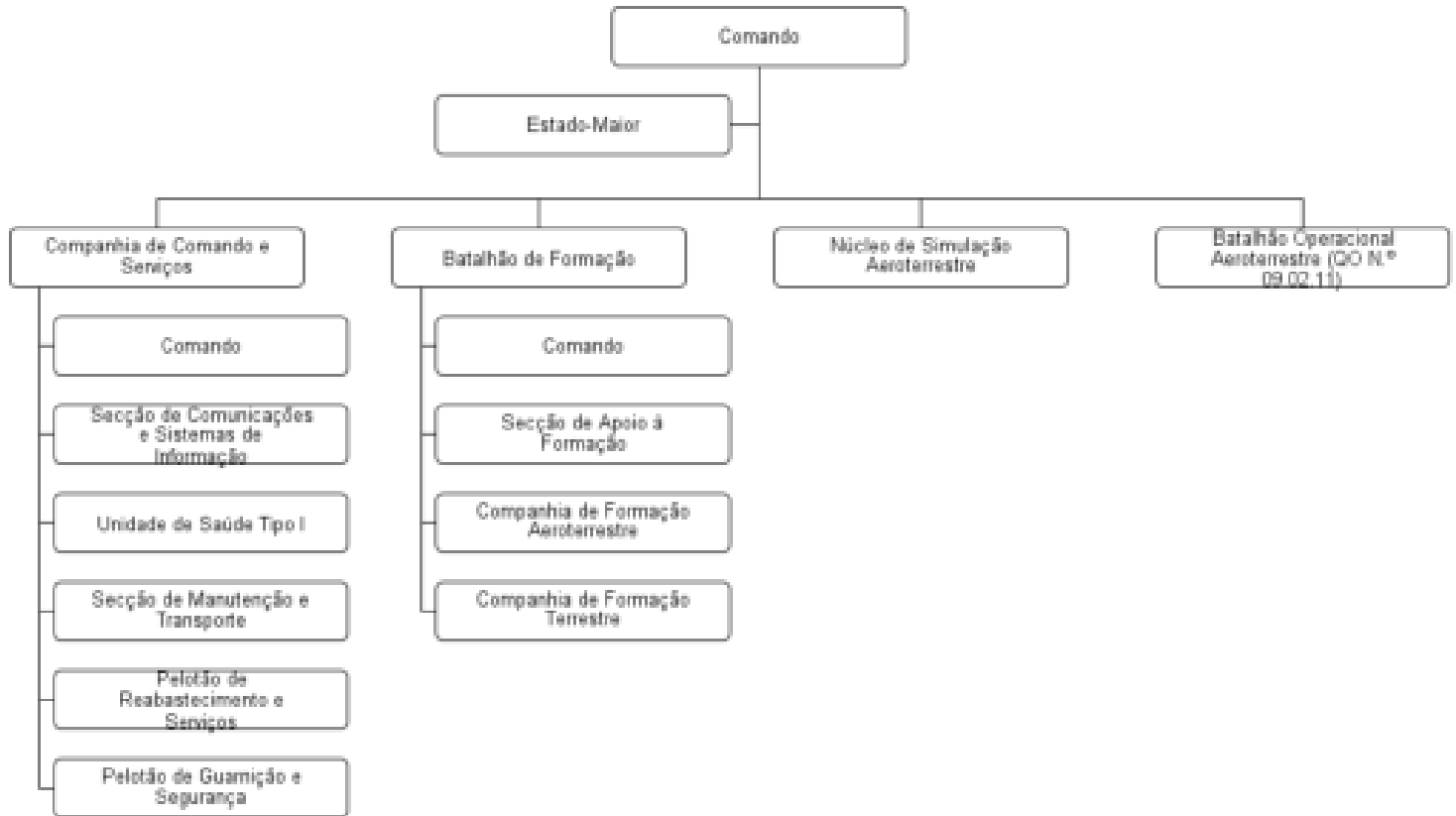


Figura 29 - Organograma do Regimento de Paraquedistas

Fonte: EME (2016a)

ANEXO B - ORGANIGRAMA DO 1º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

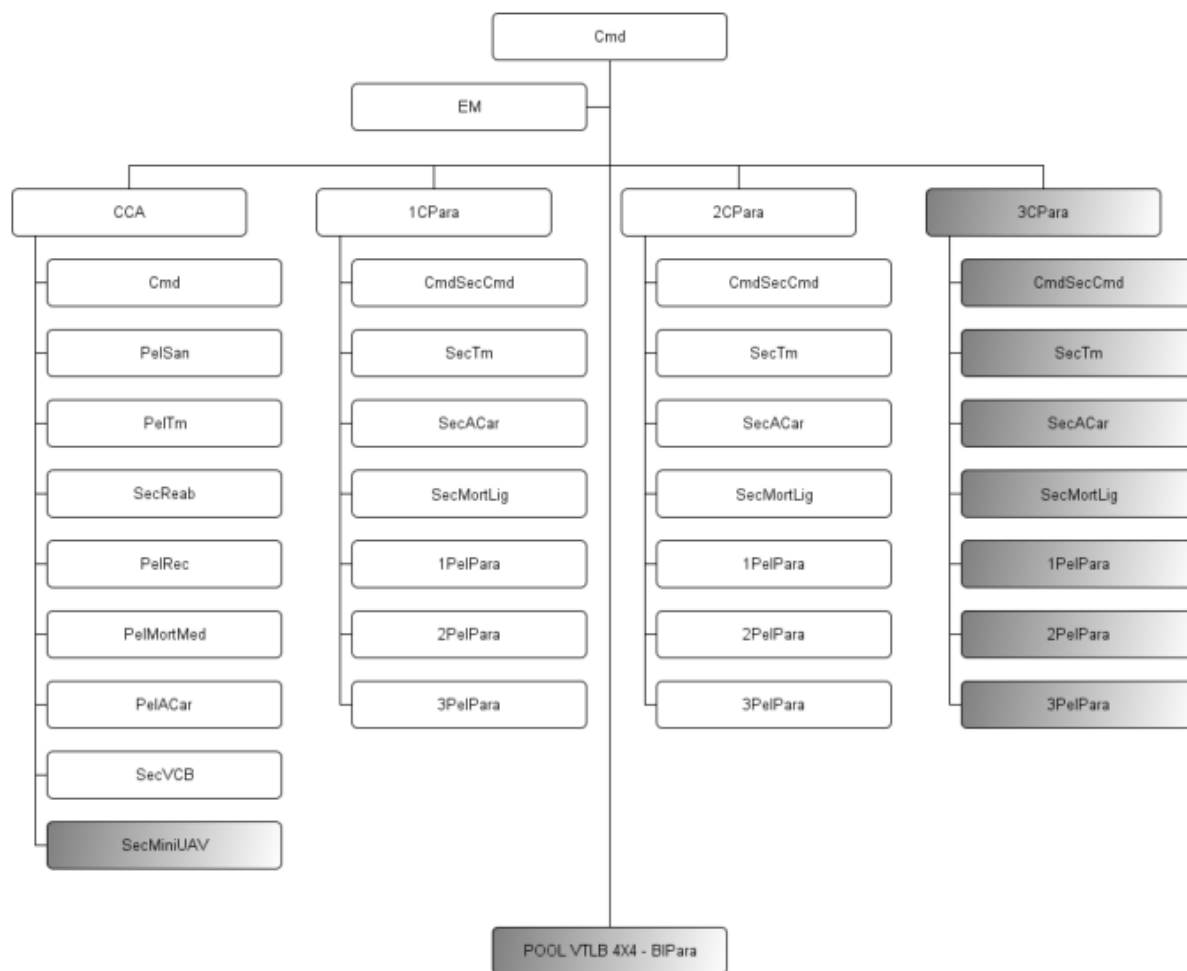


Figura 30 - Organograma do 1BIPara

Fonte: EME (2016b)

ANEXO C - ORGANIGRAMA DO 2º BATALHÃO DE INFANTARIA PARAQUEDISTA

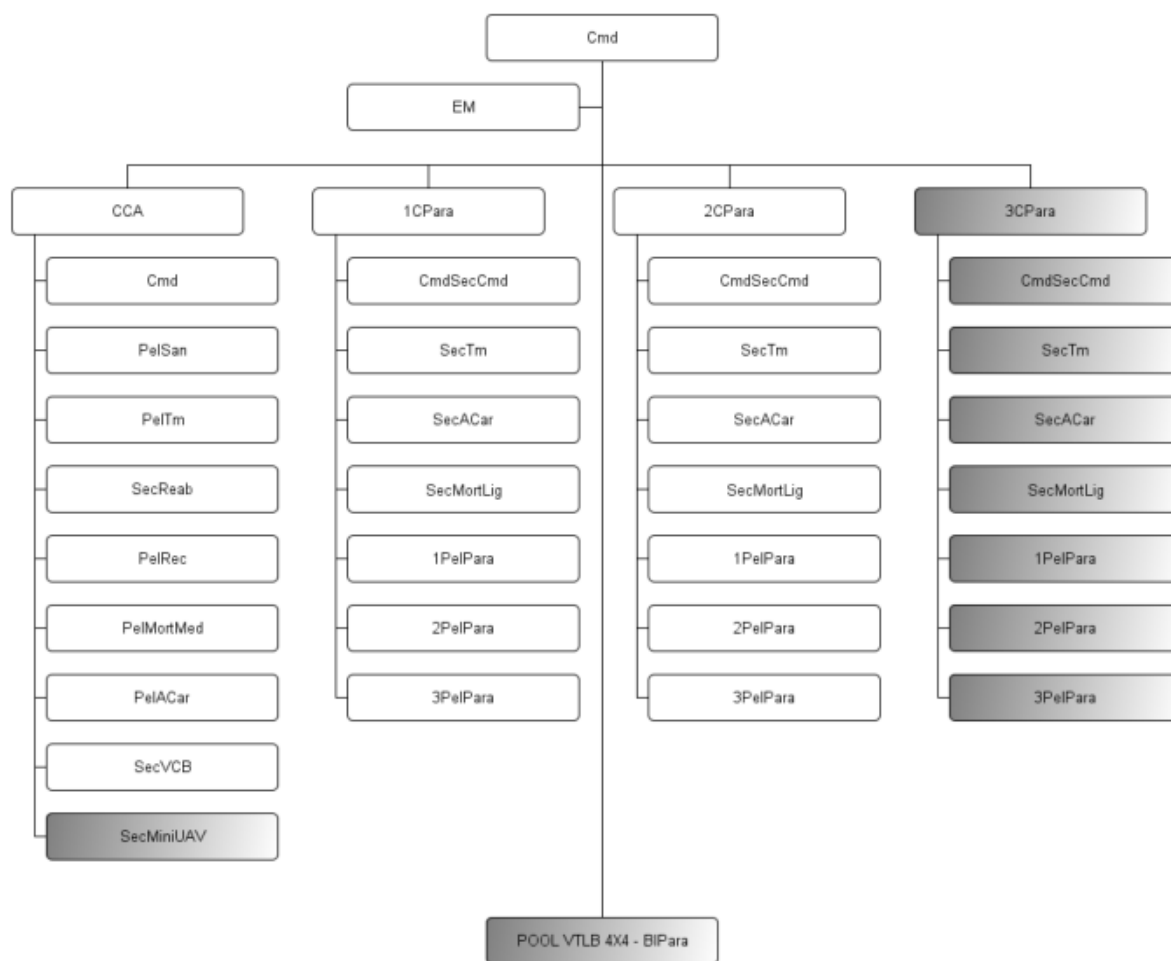


Figura 31 - Organograma do 2BIPara

Fonte: EME (2016c)